



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

LINHA II: CULTURA, PODER E IDENTIDADES

**ÚLTIMO SUSPIRO: AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM
BREJO DO CRUZ-PB**

FRANCIMEIRE GOMES MONTEIRO

FRANCIMEIRE GOMES MONTEIRO

**ÚLTIMO SUSPIRO: AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM
BREJO DO CRUZ-PB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em História, Linha II Cultura, Poder e Identidades, da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, sob a orientação da professora Dra. Marinalva Vilar de Lima.

CAMPINA GRANDE-PB

MARÇO DE 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M775u Monteiro, Francimeire Gomes.
Último suspiro : as práticas e representações da morte em Brejo do Cruz-PB / Francimeire Gomes Monteiro. - Campina Grande, 2013.
127 f.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013.

"Orientação: Prof.^a Dr.^a Marinalva Vilar de Lima".

Referências.

1. Morte. 2. Práticas e Representações. 3. História oral.
I. Título.

CDU 316.7 (043)

FRANCIMEIRE GOMES MONTEIRO

**ÚLTIMO SUSPIRO: AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM
BREJO DO CRUZ-PB**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Marinalva Vilar de Lima – PPGH/UFCG

ORIENTADORA – PRESIDENTE DA BANCA

Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento – PPGH/UFCG

EXAMINADOR INTERNO

Prof. Dra. Mércia Rangel Batista. – PPGCS/UFCG

EXAMINADOR EXTERNO

Prof. Dr. – PPGH/UFCG

EXAMINADOR SUPLENTE-INTERNO

Aos meus entes queridos que faleceram

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus por me dar força e sabedoria para enfrentar as dificuldades que a vida nos coloca.

À minha mãe Maria do Socorro que durante os anos de pesquisa esteve disponível para me ajudar no que precisei.

À minha avó que me encanta com suas histórias.

À minha irmã Fabrícia Milena e a todos os meus familiares pelo amor e dedicação.

A meu noivo Tales Torricelli pela força e incentivo.

A todos os meus professores da UEPB e UFCG, em especial a minha orientadora Dra. Marinalva Vilar pela orientação no trabalho e por ter sido compreensiva comigo.

Ao professor José Pereira de Sousa que foi meu orientador na monografia e que me incentivou muito a fazer a seleção de mestrado e dar continuidade a pesquisa.

A todos os meus amigos e colegas de mestrado com quem dividi angústias e vivi momentos felizes.

Aos entrevistados com quem aprendi muito durante esses anos de pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Devemos aceitar a chegada da chamada morte, assim como o dia aceita a chegada da noite, tendo confiança que, em breve, de novo há de raiar o sol...”

(Chico Xavier).

RESUMO:

Nosso principal objetivo neste trabalho foi identificar quais as práticas e representações da morte eram comuns em Brejo do Cruz-PB durante o século XX. Também procuramos entender as mudanças pelas quais os ritos fúnebres passaram. Utilizamos a metodologia da história oral, realizamos algumas entrevistas com idosos que viveram a maior parte de suas vidas em Brejo do Cruz. Em contato com as fontes, encontramos indícios da preocupação que muitos idosos tiveram e ainda hoje tem com a salvação de sua alma e a de seus entes queridos. Ao analisarmos as entrevistas e testamentos, notamos que, até meados do século XX as pessoas tinham todo um cuidado em realizar os ritos fúnebres, pois acreditavam que seguir determinadas práticas era fundamental para o destino de salvação do morto. Neste trabalho enfatizamos as divergências entre idosos e jovens no tocante as práticas e representações da morte, apontando as formas como ambos entendem o luto. Também buscamos perceber como a morte das crianças era encarada, quais as especificidades dos ritos daqueles que morriam na infância. A partir desta pesquisa nos foi possível entender que em Brejo do Cruz a morte não parece ser silenciada, porque enquanto os idosos buscam manter em uso as práticas que aprenderam a valorizar, os jovens inventaram outras práticas para expressar seus sentimentos, estando estas associadas à homenagem ao morto.

Palavras-chave: Morte; práticas e representações; História oral.

ABSTRACT:

Our main objective in this work was to identify which practices and representations of death were common in the Brejo do Cruz-PB during the twentieth century. We also seek to understand the changes that the funeral rites began. We use the methodology of oral history, conducted some interviews with seniors who have lived most of their lives in this town. In contact with the sources, we find evidence of concern that many seniors have had and still have with the salvation of his soul and that of your loved ones. When analyzing the interviews and wills, we noted that, until the mid-twentieth century people had a whole caution in performing the funeral rites, because they believed that following certain practices was crucial to the fate of salvation of the dead. In this paper we emphasize the differences between older and younger concerning the practices and representations of death, pointing out the ways in which both understand the grief. We also seek to understand how the death of children was considered, the specificities of the rites of those who died in infancy. From this research we were able to understand that in Brejo do Cruz death does not appear to be silenced, because while older people seek to maintain in use practices that have learned to value the young people invented other practices to express their feelings, these being associated with honor the dead.

Keywords: Death, practices and representations; oral history.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	p. 10
CAPÍTULO 1- RITOS FÚNEBRES EM BREJO DO CRUZ: A PREOCUPAÇÃO COM A VIDA APÓS A MORTE	p. 21
1.1-Conhecendo um pouco da história de Brejo do Cruz-PB.....	p. 21
1.2-A igreja católica e a busca da boa morte	p. 28
1.3-A preocupação com o destino pós-morte em Brejo do Cruz.....	p. 31
1.4-Os velórios e enterros em Brejo do Cruz.....	p.47
CAPÍTULO 2 - O LUTO EM BREJO DO CRUZ: CONFLITOS ENTRE JOVENS E IDOSOS EM SUAS FORMAS DE ENCARAR A MORTE	p. 55
2.1-“Novas práticas fúnebres”: é preciso homenagear os mortos!.....	p. 65
2.2-As representações construídas acerca do espaço do cemitério de Brejo do Cruz-PB.....	p. 78.
CAPÍTULO 3- A MORTE NA INFÂNCIA: AS ESPECIFICIDADES DOS RITOS FÚNEBRES DAS CRIANÇAS	p. 87
3.1-Os ritos fúnebres das crianças em Brejo do Cruz- PB.....	p. 90.
3.2-Os anjinhos como intercessores celestes	p. 97
3.3-As fotografias de anjo.....	p. 101.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 116
FONTES	p. 120
BIBLIOGRAFIA	p. 121
ANEXOS	p. 127

INTRODUÇÃO

Dia 08 de Setembro de 1996, um dia qualquer para tantas pessoas que moravam em Brejo do Cruz-PB, mas uma notícia muito triste abalou uma criança de oito anos: a notícia da morte de seu pai, doente já há alguns meses de cirrose. A criança brincava sozinha em uma calçada, próximo à sua casa quando uma senhora idosa lhe disse: “vá para casa menina, que seu pai morreu!”, a senhora tinha dado esta notícia de forma simples e direta. A menina, nervosa, correu ao encontro de sua mãe, pois não podia acreditar que aquilo era verdade. Ao chegar em casa perguntou desesperada à mãe: “É verdade que pai morreu?”, e a mãe que não continha suas lágrimas respondeu-lhe que sim! Aquele foi um dia muito triste para todos, principalmente para a criança, que não podia acreditar que nunca mais viria seu pai.

A criança ficou abalada durante alguns anos, fugia de qualquer assunto ligado à morte, especialmente se fosse sobre a morte de seu pai. E também evitava chegar perto daquela senhora, alimentando um sentimento de raiva, por ela ter dado uma notícia tão triste de uma forma tão simples. Com o tempo, as mortes de outros familiares próximos mexeram com os sentimentos e emoções daquela criança novamente, com isso ela passou a sentir um medo enorme de perder sua mãe. Algo que foi amenizando com o passar dos anos.

Quando se tornou uma mulher, entrou para a universidade. Dentre muitas leituras realizadas, uma chamou bastante atenção, um livro com um título muito estranho: “A morte é uma festa”. Como a morte poderia ser vista como uma festa? Ao ler o livro ela ficou encantada, ela tinha percebido que as maneiras como as pessoas encaravam a morte não era algo natural, mas estava relacionado ao tempo e ao espaço aos quais elas viveram a maior parte de suas vidas. Depois de um tempo pesquisando sobre o tema, ela passou a compreender o porquê da senhora ter dado a notícia da morte de forma tão simples, pois sua atitude estava associada ao que ela aprendeu durante sua vida.

Talvez tenhamos ousado em colocar nossa experiência para iniciar a discussão sobre questões ligadas a práticas e representações da morte em Brejo do Cruz. Mas, não podemos mais negar que nossas escolhas por objetos de pesquisa, na maioria das vezes, são feitas a partir das experiências de vida, de indagações que nos motiva a realizar tais

pesquisas. É importante frisar que nós historiadores não somos máquinas que escrevem sobre o passado, somos humanos, pessoas com sentimentos.

O historiador que trabalha questões ligadas à morte precisa ser sensível, pois ao estudar tais questões não se pode deixar de pensar sobre os sentimentos das pessoas, não dizendo que tal comportamento é mais importante do que outro, e sim pensando o que possibilitou a construção de determinadas representações e valorização de práticas fúnebres. Contudo, sabemos que para dar fundamento à nossa pesquisa é importante a análise dos documentos históricos. Segundo Karnal e Tatsch¹ qualquer fonte sobre o passado, que seja conservada voluntária ou involuntariamente e analisada no presente, fazendo um diálogo entre a subjetividade de quem viveu no passado e a de quem está no presente, é um documento histórico.

Assim, o documento histórico não está associado apenas ao passado, mas também ao momento em que o historiador faz sua leitura da fonte, pois o olhar que ele direciona para a fonte está intimamente ligado aos objetivos que elaborou em sua pesquisa, portanto envolve sua subjetividade.

No século XIX dizia-se que o trabalho do historiador deveria ser feito com objetividade, contemporaneamente temos, cada vez mais, assumido a impossibilidade de se praticar a neutralidade enquanto produtores da escrita historiadora.

Segundo Janotti o historiador, independente de trabalhar com o passado ou com o presente, para executar seu ofício ele precisa de muitas qualidades, principalmente de erudição e sensibilidade para tratar suas fontes, e assim construir uma narrativa convincente.²

Entendemos que o trabalho do historiador é bastante complexo, pois esse profissional se depara com inúmeras possibilidades para a construção de narrativas históricas. Houve um tempo em que apenas os aspectos políticos interessavam, já em outro o importante era estudar a sociedade. Posteriormente muitos trabalhos foram construídos dentro de uma perspectiva do cultural, e com isso hoje os mais diversos aspectos que fazem parte das vidas dos sujeitos são pesquisados. Contudo, sabemos que independente de que aspecto o historiador quer pesquisar, com quais fontes trabalhar,

¹ - KARNAL e TATSCH, 2011, p. 24.

² -JANOTTI, 2010, p. 10.

este ofício exige muito cuidado, porque se trata de uma pesquisa sobre um outro tempo, que não sendo o nosso, muitas vezes é de difícil compreensão.

Como havíamos enfatizado anteriormente o livro de João José Reis “A morte é uma festa”(1991), também despertou nossa curiosidade em pesquisar sobre os ritos fúnebres em Brejo do Cruz. Ao iniciarmos a pesquisa tivemos acesso a algumas leituras que eram imprescindíveis para quem se interessava em estudar a morte, sendo “A história da morte no Ocidente”, de Philippe Ariès, uma dessas leituras que mais nos chamou atenção. Neste livro o autor afirma que muitas práticas relacionadas à morte teriam desaparecido no século XX em todo o Ocidente, e no entanto, tais práticas apontadas pelo autor ainda permaneceram em Brejo do Cruz durante o século XX e algumas delas ainda hoje existem.

Com isso, nos preocupamos em desenvolver uma pesquisa que tratasse das práticas e representações da morte em Brejo do Cruz. A relevância deste trabalho consiste em registrar as transformações ocorridas nos ritos fúnebres em Brejo do Cruz, porque tais transformações muitas vezes, não são percebidas, a não ser pelos idosos que acompanharam as mudanças. Também consideramos o trabalho importante por nos possibilitar entrar em um campo que permite perceber alterações nas relações sociais a partir da dimensão do morrer, haja vista ser essa uma dimensão que também sofre transformações na medida em que os interesses que movimentam a sociedade se alteram; em trazer contribuições para pensar e problematizar as sensibilidades que alteram e são alteradas pelos indivíduos em sociedade: “as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos” (PESAVENTO, 2004, p. 02). Percebendo as sensibilidades das pessoas em relação à morte é possível entendermos melhor o sentido atribuído à determinadas práticas.

Escolhemos trabalhar o século XX porque esse recorte temporal nos possibilita perceber quais as práticas e representações da morte os idosos aprenderam a valorizar e atuaram de modo a que estas se mantivessem em uso. Através da análise de alguns testamentos podemos perceber como muitas pessoas encaravam a morte nas primeiras décadas do século XX, e sobre as décadas posteriores, os depoimentos dos idosos vão ser as principais fontes para entendermos as práticas e representações da morte

vivenciadas no século XX. O recorte temporal pode parecer longo, mas de acordo com Ariès:

As transformações do homem diante da morte são extremamente lentas por sua própria natureza ou se situam entre longos períodos de imobilidade. (...) O historiador da morte não deve temer abarcar séculos até o limite do milênio: os erros que não pode deixar de cometer são menos graves que os anacronismos de compreensão aos quais se expõe uma cronologia demasiado curta (ARIÉS, 2003, p. 20-21)

A justificativa do autor para trabalhar com a longa duração também serve para justificar este estudo, já que procuramos enfatizar as mudanças ocorridas nas formas como os homens realizam os ritos fúnebres e constroem representações para a morte e os mortos durante o século XX. A produção historiográfica sobre a morte, muitas vezes, está direcionada para o século XVIII e XIX, e na maioria das vezes são pesquisas que enfatizam um espaço abrangente, ou seja, os autores se propõem a estudar um Estado ou uma região e com isso algumas das especificidades de determinadas cidades não são percebidas.

Dessa forma, consideramos importante estudar a cidade de Brejo do Cruz nos voltando para o século XX, pois esse tempo não tem sido muito contemplado pelos historiadores que discutem questões relacionadas à morte. Não queremos dizer que todas as práticas fúnebres que abordamos são exclusivas de Brejo do Cruz, mas acreditamos ser importante trabalhar especificamente esta cidade para não correremos o risco de homogeneizar espaços abrangentes.

Duby em seus estudos sobre a sociedade medieval, mesmo se propondo a pesquisar aspectos simbólicos, chama a atenção para a importância do historiador direcionar o seu olhar para o espaço estudado. “[...] Por me ter assiduamente interrogado diante dos mapas, das cartas, contraí a necessidade de dar, desde que possível, consistência visual aos fenômenos de sociabilidade, situando-os, inscrevendo-os exatamente no espaço” (DUBY, 1989, p. 17). Com isso, como não temos tempo suficiente para pesquisarmos espaços mais abrangentes, preferimos situar nosso trabalho nesta cidade.

Nosso principal objetivo neste trabalho foi perceber quais as práticas e representações da morte que eram comuns em Brejo do Cruz durante o século XX, dando ênfase às transformações que aconteceram nos ritos fúnebres e nas

representações da morte. Para isso fizemos um estudo utilizando a metodologia da história oral, realizamos algumas entrevistas com idosos que viveram a maior parte de suas vidas em Brejo do Cruz. Realizamos entrevistas e depois buscamos fazer uma análise do material selecionado.

Notamos, a partir das entrevistas, que alguns idosos, mesmo estando disponíveis para falar de suas vidas, tendo recebido uma explicação sobre os objetivos da pesquisa, não entendiam porque não procuramos pessoas com nível de escolaridade mais avançado. Uma senhora disse que nós deveríamos entrevistar seu genro que era uma pessoa “sábia”. Dissemos a ela que seu genro poderia ser muito sábio e instruído, mas tínhamos certeza que ela era a pessoa adequada para entrevistarmos por ter algo que seu genro não tinha: a experiência de viver muitos anos. Assim, ela entendeu que o que procurávamos não eram pessoas formadas, porque nosso trabalho envolvia a experiência dos idosos em relação às situações associadas à morte, especialmente no tocante à forma como eles pensam à morte, e quais as práticas e representações da morte que eles aprenderam a valorizar. Fizemos uma leitura dessas entrevistas, pois entendemos que:

O texto da entrevista de história oral, quando finalizado, torna-se um documento ‘em si’; portanto, deve ser interpretado e analisado como se faria com qualquer outra fonte histórica, ainda que considerando as especificidades do documento de origem oral. Ele não é um fim, mas um meio [...] (SANTHIAGO, 2008, p. 43).

Depois de termos feito algumas entrevistas com os idosos, passamos a analisar esses documentos, tentando entender como eram realizados os ritos fúnebres em Brejo do Cruz até meados do século XX e quais as atitudes das pessoas diante da morte. Além das entrevistas também utilizamos como fonte alguns testamentos, nos quais podemos notar a preocupação que as pessoas que viveram nas primeiras décadas do século XX tinham com o destino de suas almas, pois ao contrário do que muitos indivíduos pensam, esse tipo de documento, até as primeiras décadas do século XX, ainda era utilizado com a intenção de deixar registrado o que seria feito em benefício da alma do testador, onde desejava ser sepultado e com qual roupa gostaria que seu corpo fosse vestido.

Ao que tudo indica os testamentos que eram feitos nos séculos XVIII e XIX, em sua grande maioria, deixavam claro os planos espirituais de quem encomendava este tipo de documento:

Segundo o primeiro dicionário português, publicado em 1739 pelo padre Raphael Bluteau, testamento vem das palavras latinas *testatio mentis*. *Testatio* significa a ação de atestar ou testemunhar, sendo *mentis* ou *mens*, a mente, a intenção, a capacidade intelectual, a disposição do espírito, um plano ou projeto (FURTADO, 2011, p. 94).

Os testamentos encontrados não foram tantos (encontramos apenas quatro que trataram dos ritos mortuários), mas nos ajudam a pensar a importância que as pessoas que viveram nas primeiras décadas do século XX atribuíam a determinadas práticas que eram realizadas com o objetivo de garantir a salvação da alma. Percebemos que era raro alguém fazer um testamento. Analisamos os livros de notas do ano de 1895 até o ano de 1950 e encontramos apenas 14 testamentos, dentre estes, 4 tratam dos ritos fúnebres, e os que tratam da morte só apareceram nos livros datados até a década de 30, depois disso não encontramos mais nenhuma referência à utilização do testamento enquanto documento para registrar os desejos do testador em relação aos ritos fúnebres.

Apesar de nossa pesquisa ter como recorte temporal o século XX, também utilizamos fotografias atuais do cemitério, assim como fotografias de camisetas de pessoas que faleceram e mensagens produzidas para mimetizar o morto que contribuíram para ampliar nossa compreensão sobre as representações construídas a partir da década de oitenta até os dias atuais, permitindo que pudéssemos distinguir práticas mais recentes daquelas que localizamos nas primeiras décadas do século XX, a partir de uma relação metodológica de retroadição que a partir da comparação pela diferença fortalece o entendimento sobre as práticas desenvolvidas em outra época que não aquela. Aqui nos propomos a realizar um trabalho de história comparada, nos baseamos no que disse Paul Veyne no livro “Como se escreve a história”:

O segundo procedimento da história comparada, a associação heurística, é o caso de todo historiador que não é limitado e que não se fecha em ‘seu período’, mas que ‘pensa sonhar’ com o despotismo esclarecido, quando estuda uma monarquia helenística, com os milenarismos revolucionários da Idade Média ou do Terceiro Mundo, quando estuda as revoltas de escravos no mundo helenístico, a fim de ‘encontrar ideias’ por semelhança ou por contraste (VEYNE, 1995, p. 102).

Ao estudarmos as práticas comuns em Brejo do Cruz até a década de 70 buscamos fazer uma comparação com as práticas e representações da morte que prevalecem atualmente nesta cidade. Também comparamos as práticas mortuárias

desenvolvidas em Brejo do Cruz durante o século XX com as de outros espaços e tempos³ para sabermos quais práticas permaneceram e quais foram desaparecendo.

As imagens de lembranças de missas foram analisadas com o objetivo de percebermos as intenções dos familiares ao encomendarem tais lembranças. Também fizemos uma associação entre as imagens e o conteúdo das mensagens. Sabemos que as fotografias estão carregadas de intencionalidades de quem as produz, também é interessante pensar a apropriação que as pessoas fazem delas. Algumas das fotografias utilizadas são de nossa autoria, outras foram encontradas nas casas de nossos entrevistados (a exemplo das fotografias de anjinhos⁴) e também de pessoas conhecidas. Trabalhamos com a ideia de que:

[...] Entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia_ para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de analogon da realidade_ é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura real realizada mediante, o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 75).

Durante muito tempo a fotografia foi vista enquanto prova de fatos e acontecimentos. Mas, atualmente os historiadores têm trabalhado com tais fontes levando em consideração que estas fontes são produzidas e apropriadas das mais diversas maneiras. De acordo com Mauad trabalhar com fotografia é um desafio ao historiador:

Desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais. No entanto, a fotografia lança ao historiador um desafio: como chegar ao que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfica? Como ultrapassar a superfície da mensagem fotográfica e, do mesmo modo que Alice nos espelhos, ver através da imagem? (MAUAD, 1996, p. 77).

Então, buscamos perceber as intencionalidades de quem produziu as fotografias. No caso das fotografias dos anjinhos procuramos entender como as pessoas se apropriam de tais fotografias e quais as representações criadas a partir delas. O trabalho de Titus Riedl “Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro” foi importante para pensarmos a sensibilidade de muitas pessoas que viviam

³ - Fizemos essa comparação baseados nos trabalhos de Reis (1991) sobre a cidade de Salvador no século XIX e no estudo de Claudia Rodrigues (1996) sobre a cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX.

⁴ - Como eram chamadas as crianças mortas.

em Juazeiro do Norte a respeito das fotografias mortuárias. Titus também percebe que o costume de fotografar o morto ainda permanece em Juazeiro do Norte. Vejamos o que ele diz sobre esse costume:

Uma parte expressiva das fotografias coletadas e identificadas no seu tempo, atribuídas tanto a famílias mais abastadas como a famílias mais pobres, surgiu nos anos 40 a 60, mas esse tipo de iconografia já havia anteriormente e nunca cessou por completo, nas décadas posteriores. Não se percebe nenhum declínio ou mudança acentuada no olhar da população do cariri. Na região, nada leva a acreditar que uma tradição surgiu a despeito da outra. O costume de produzir santinhos e de lembrar os mortos através do seu aspecto vivo não representa necessariamente uma substituição de um costume anterior, já que nada impede que as duas tendências possam coexistir como, de fato, ainda coexistem hoje (RIEDL, 2002, p.35).

Segundo o autor o costume da fotografia mortuária permanece em Juazeiro, ao mesmo tempo em que os familiares desejam lembrar o falecido quando este estava vivo. Assim como este autor coloca, hoje é cada vez mais comum as famílias escolherem para fotos de convite de missa, lembranças, dentre outros meios de homenagear seus mortos, as imagens da pessoa em momentos de alegria. Algumas das lembranças de missa distribuídas atualmente em Brejo do Cruz trazem não apenas a foto do falecido, mas também deste com seus familiares, geralmente são feitas montagens de várias fotografias, assim são expostos vários momentos do morto com seus familiares.

De acordo com Titus Riedl não ocorre uma substituição da fotografia mortuária pela do morto quando era vivo, os dois tipos de fotografia, segundo ele, parecem permanecer na mesma proporção. Contudo, no caso de Brejo do Cruz notamos que a fotografia mortuária vem perdendo a preferência das pessoas. Ela ainda é encomendada, mas podemos dizer que tal prática deixou de ser comum nesta cidade. Notamos que aqueles que guardam essas fotografias dificilmente olham, pois parece angustiante, as pessoas ficam tristes, choram, etc.

Ao procurarmos as fotografias mortuárias, percebemos que algumas pessoas demonstraram que não gostavam de tais fotografias, guardavam porque não queriam jogar fora. Uma senhora insistiu em doar a fotografia de seu esposo, o que nos fez perceber seu desejo de se livrar daquela lembrança considerada “pavorosa”.

Utilizamos fontes orais e os testamentos, além de algumas mensagens e lembranças de missa, porque acreditamos ser importante fazer um cruzamento de fontes. Não trabalhamos com a ideia de que determinada fonte é mais verdadeira do que

outra. Destacamos essa questão porque para alguns historiadores as fontes orais parecem menos dignas de credibilidade do que as fontes escritas. Compreensão a que nos opomos.

As fontes históricas são muito variadas e exigem dos historiadores tratamentos específicos, porém todas devem passar por um olhar desconfiado do historiador, este deve lembrar que tanto os documentos de arquivos como as entrevistas de história oral estão prenhes de intencionalidades, e por isso, não existe fonte superior ou fonte inferior, a credibilidade de um trabalho está relacionada com os cuidados que o historiador tem ao tratar e analisar suas fontes. Quando Le Goff⁵ diz que não existe um documento-verdade ele se refere à necessidade do historiador ser crítico, pois independente de ser um documento construído a partir da entrevista de história oral ou ser um documento de arquivo, ele deve ser desmontado, ou seja, analisado como uma das muitas versões que são possíveis de ser fabricada dentro do saber histórico e não como “a verdade”.

Os estudos sobre a morte nem sempre foram possíveis no campo historiográfico, pois durante muito tempo os historiadores se preocuparam com os aspectos políticos, sociais e econômicos, classificando as questões culturais como “sem importância”. Assim, a morte só foi pensada como um objeto de estudo da história após a década de sessenta, quando outras disciplinas das ciências sociais tentavam abalar a posição “dominante da história”. Segundo Chartier (1988):

A resposta dos historiadores foi dupla. Puseram em prática uma estratégia de captação, colocando-se nas primeiras linhas desbravadas por outros. Daí a emergência de novos objectos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. (CHARTIER, 1988, p.14).

Percebemos que foi a partir de uma aproximação com outras disciplinas, principalmente com a antropologia (década de 70) que a morte passou a ser trabalhada pelos historiadores. A partir desses trabalhos foi possível pensar que as práticas e representações da morte variam de acordo com o tempo e espaço nos quais homens e mulheres estão inseridos, fazendo com que percebamos que essas práticas e representações nada têm de naturais.

⁵ -LE GOFF, 1990, p. 472.

Para melhor compreensão deste trabalho é necessário uma explicação do que entendemos por práticas culturais:

De certa maneira, temos aqui a cultura objetivada, o conjunto de obras, realizações, instituições, que conferem originalidade e/ ou autenticidade à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes, nem sempre imediatamente de todos (FALCON, 2002, p. 60).

Esse conceito é importante para pensarmos os usos e costumes que fizeram parte dos ritos fúnebres em Brejo do Cruz, já que esses são realizados com certas especificidades em relação ao que afirmou Philippe Ariès sobre a morte no Ocidente. Trabalhamos este conceito estando intimamente ligado ao conceito de representação, pois as práticas culturais aqui tratadas não são realizadas sem um sentido para aqueles que as exercem:

‘Mesmo as representações coletivas mais elevadas só tem uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos’, que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades, tanto a dos outros como a sua. (CHARTIER, 1988, p.18).

As representações motivam os sujeitos a se comportarem de determinada forma, a exercerem certas práticas diante da morte e dos mortos. Esses conceitos nos ajudam a pensar e buscar compreender como as pessoas que viveram no século XX agiam diante da morte.

Dessa forma, buscamos perceber as mudanças nas práticas e representações da morte durante o século XX. Nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo buscamos identificar quais representações os brejocruzenses construíram para a morte e para a vida após a morte. Escrevemos este capítulo baseado nos depoimentos dos idosos e nos testamentos, estas fontes nos possibilitou entender como as pessoas que viveram nas primeiras décadas do século XX se preocupavam em seguir determinadas práticas por acreditarem que estas influenciariam em sua passagem para uma outra vida.

No segundo capítulo nos voltamos para a questão do luto, percebendo um conflito em relação à maneira como idosos e jovens entendem esta prática. Também analisamos como os idosos entendem as práticas mortuárias que hoje são comuns em Brejo do Cruz, e que estão muito associadas à questão da homenagem ao morto. Um outro aspecto tratado neste capítulo diz respeito às formas como jovens e idosos têm se

apropriado do espaço do cemitério. Para pensarmos estas questões utilizamos como fontes as entrevistas, algumas lembranças de missas das décadas de sessenta e setenta, e outras mais recentes. Fotografias das lembranças de missa, assim como de sepulturas situadas no cemitério de Brejo do Cruz e também de camisetas com a imagem do morto. Analisamos algumas mensagens que são lidas em missas, estas geralmente são escritas por pessoas que não são da família do morto, mas que escrevem como se fosse o familiar que estivesse escrito.

E no terceiro capítulo buscamos entender como a morte da criança era encarada, quais as práticas comuns nos velórios e enterros de uma criança. Aqui analisamos as fontes orais, uma reza elaborada por uma das senhoras entrevistadas, dedicada a uma criança que falecera, e algumas fotografias de “anjinhos”. Neste capítulo procuramos perceber de que forma os ritos fúnebres dedicados às crianças eram diferentes dos demais.

CAPÍTULO 1

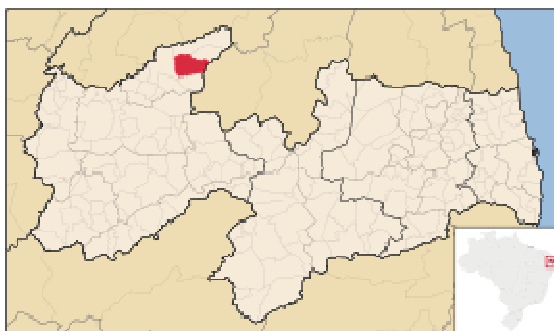
RITOS FÚNEBRES EM BREJO DO CRUZ: A PREOCUPAÇÃO COM A VIDA APÓS A MORTE

*Morre aqui na terra,
mas lá a pessoa tem sua vida,
uma vida de anjo⁶*

Neste capítulo fizemos uma análise de como a igreja Católica contribuiu para que as pessoas construíssem representações para a morte e para a vida após a morte. Também procuramos perceber as práticas e representações da morte que os brejocruzeses construíram durante o século XX.

A morte é uma discussão que causa certa inquietação, pois fora pensada ao longo do tempo de diferentes formas, despertando a imaginação das pessoas que criaram ritos fúnebres distintos entre as culturas. Sabemos que a religião influencia muito nas maneiras como as pessoas encaram a morte. Como não podemos fazer uma análise mais apurada de muitas religiões escolhemos a religião católica, já que esta é a religião predominante em Brejo do Cruz.

1.1-Conhecendo um pouco da história de Brejo do Cruz-PB



⁶ - A senhora Francisca Gomes tem 68 anos, morou a maior parte de sua vida no sítio Riacho dos Bois (município de Brejo do Cruz). Disse que é católica e tinha como ocupação o trabalho na agricultura e fazendo os serviços domésticos. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

Brejo do Cruz é uma pequena cidade do sertão paraibano, que conta atualmente com aproximadamente 13000 habitantes. Galvão (1988) aponta que as origens do município se deu com a vinda de Antonio Barroso da Silva que veio de Goiana (PE) para as terras sertanejas baseado em notícias dos desbravamentos dos sertões, mas de acordo com este autor não foi possível saber mais sobre a vida desse homem por falta de fontes. Assim, ele diz que a Manoel de Cruz Oliveira fora atribuído a feitura da fundação do município. Sobre Manoel da Cruz ele acrescenta:

Manoel da Cruz Oliveira, o fundador de Brejo do Cruz, pertencia ao famoso clã dos Oliveira Ledo, e era casado com Maria Manuela da Silva e juntos tiveram doze filhos. Instalou-se nas terras que lhes foram conferidas por data de sesmaria a 18 de fevereiro de 1717. O povoado teve início com os seus familiares sempre ao redor da capela erigida à Nossa Senhora dos Milagres e que cuja construção se deu início no ano de 1760. Erigida sobre uma área de duzentas braças de terra, conforme escritura pública datada de 11 de junho de 1760 (GALVÃO, 1988, p 41).

Com isso, a história da fundação de Brejo do Cruz é bem antiga, mas a criação do município só aconteceu em 1881, quando ocorreu o desmembramento entre Brejo do Cruz e Catolé do Rocha. Segundo a historiadora brejocruzense Delanice Ribeiro a história da fundação do município de Brejo do Cruz estaria intimamente ligada à questão religiosa. Ela conta em seu livro, que trata da história de Brejo do Cruz, que Manoel da Cruz teria construído a capela de Nossa Senhora dos Milagres como forma de pagar uma promessa, pois estando numa situação bem complicada intercedeu à Nossa Senhora e disse que ocorreu um milagre, mas vamos entender melhor essa história:

Conta a tradição que um dos milagres ocorridos na região, foi quando Manoel da Cruz Oliveira estava conduzindo um rebanho muito numeroso de gado, vindo da região do Rio do Peixe [Cajazeiras-PB] e passando, por Sousa e catolé do Rocha, alcançou finalmente, o lugar onde hoje se encontra a cidade de Brejo do Cruz. O gado além de faminto e sedento, pois na região havia pouquíssimas pastagens molhadas. Enquanto o pessoal descansava, o rebanho de Manoel da Cruz Oliveira, embrenhava-se pela aba da Serra do Brejo em busca de água e pasto. Em poucos instantes, desaparecera todo o rebanho desobedecendo até o aboio inútil dos vaqueiros que o conduzia. Manoel da Cruz Oliveira, temeroso dos ataques traiçoeiros dos indígenas e a perda total do gado, já que a região para ele era desconhecida e inóspita, via sua esperança em recapturar o rebanho cada vez mais distante. O medo humano daquela montanha misteriosa, o cansaço físico eu também o desanimava naquele fim de tarde, em que tudo que se ouvia eram esturras de onças nas furnas e a noite densa chegando com o cobertor de luto ao redor de Manoel da Cruz Oliveira. Ao ver todo este cenário a sua volta, Manoel da Cruz Oliveira concluiu que o único socorro que poderia naquele instante lhe valer seria do céu e, entre o desespero e a fé, ajoelhara-se sobre o solo brejocruzense a clamar contrito pela mãe de Jesus, ali mesmo no lugar em que prometera erigir uma capela em homenagem à Virgem Mãe, Nossa Senhora dos Milagres, pedia ele em súplica e devoção para não ser atacado

por índios e, que seu rebanho encontrasse ali água abundante e bons pastos, evitando assim a dispersão. [...] Seu corpo cansado adormeceu em meio ao ermo, e o que se acredita até hoje é que o milagre realmente aconteceu, pois ao amanhecer o dia, o gado estava intacto, reunido ao redor de um bebedouro, onde uma vegetação muito verde constava com paisagem causticante da região. Feliz e encantado, Manoel da Cruz Oliveira, denominou aquele lugar de Olho D'Água dos Milagres (OLIVEIRA, 2004, p. 95-96).

Então, segundo esta autora, Manoel da Cruz Oliveira teria erigido a capela e fundado o povoado após essa experiência com o sagrado. A partir do milagre vivenciado por Manoel da Cruz as terras onde é hoje Brejo do Cruz foram sendo povoadas. Nossa Senhora dos Milagres é a padroeira da cidade. Esta autora enfatiza que os brejocruzenses são muito ligados à religião católica, apontando como prova dessa religiosidade fervorosa um fato curioso, que fora registrado no livro de tomo. Vejamos:

‘Acta de inauguração da Cruz Comemorativa do Nosso Século, colocada no cimo do Monte desta Vila de Brejo do Cruz pelos fiéis da respectiva Freguesia. Aos vinte e sete dias do mês de janeiro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de novecentos e um, nesta vila de Brejo do Cruz, pelas dez horas e meio da manhã do referido dia, achando-se preparado pelos fiéis desta Freguesia do bispado da Paraíba à sua Cruz comemorativa em homenagem ao Divino Redentor da humanidade [...]. Partiu o devoto Préstito, em cuja frente se via alçada o signal de nossa Redempção acompanhada pelo Reverendíssimo Vigário, pessoas mais gradas e grande número de Fiéis de todas as classes, sexo e idades, chegando-se ao pé do Monte pelas sete horas da manhã e do lugar do destino pelas oito horas, onde, depois dos trabalhos preparatórios e Benção especial da Santa Igreja pelo Sagrado Ministro, solenizada por hinos, flores e folhas campestres, ficou firmado em frente a Igreja Matriz e a cima da superfície de sua ereção em duzentos a trezentos metros e sobre rochedos inabaláveis o monumento comemorativo dos cristãos desta Freguesia em obediência a voz de Sua Santidade o Summo Pontífice Leão XIII Vigário de Cristo na terra excitado e favorecido pelo referido Vigário Cura de nossas almas (LIVRO DE TOMBO, p. 10 - 11)

Não vemos essa fonte como uma “prova” do fervor religioso dos brejocruzenses, como afirmou Delanice Ribeiro, mas consideramos que esta é uma fonte curiosa para pensarmos que no século XX em Brejo do Cruz um sacrifício tão grande fosse feito em nome da fé. Esse episódio aconteceu no ano de 1901, os fiéis que não pareciam poucos se reuniram para colocar uma cruz em cima da serra, o que nos faz pensar que fora um esforço muito grande para fazer tal feito, pois a serra é muito alta. Mesmo assim o evento reuniu muitas pessoas⁷.

⁷ - O objetivo desse feito era “homenagear o Divino Redentor da humanidade” colocando uma grande Cruz em cima da serra como forma de mostrar a devoção dos habitantes da Vila de Brejo do Cruz.

Sendo uma cidade onde a maioria dos habitantes eram católicos, segundo Galvão, quando os evangélicos aqui chegaram foram muitas vezes “escurraçados como hereges ou apóstatas da fé” (GALVÃO, 1988, p. 78). Não temos nenhuma informação de que outras religiões que não seja a Católica e as protestantes tenham ganhado adeptos em Brejo do Cruz-PB.

Até a década de 1980, a principal atividade econômica era a agropecuária, sendo posteriormente substituída pela produção industrial de redes. Em Brejo do Cruz, por não ter muitas oportunidades de emprego, muitos dos seus habitantes vão procurar melhores condições de vida em outras cidades. Mas um momento oportuno para reencontrar amigos é durante a festa da padroeira que acontece no fim do ano. Assim, em Brejo do Cruz, que cresce a passos bem lentos, algumas práticas antigas vão se mantendo e outras vão sendo inventadas.

Antes de adentrarmos na questão da influência da igreja católica na criação de práticas e representações da morte, vamos falar um pouco de como aconteceram as entrevistas e fazer uma breve apresentação de nossos entrevistados. O nosso trabalho de entrevistar idosos teve início em 2010 quando realizamos algumas entrevistas para a monografia. Em 2012 realizamos novas entrevistas, dentre os idosos entrevistados, alguns ainda não tínhamos entrevistado e outros entrevistamos novamente.

Escolhemos os entrevistados dando ênfase ao fator idade e buscamos idosos conhecidos, já que nem sempre as pessoas estão dispostas a falar com estranhos, principalmente quando o assunto é a morte. Na maioria dos casos procuramos conversar primeiramente com os idosos sem dizer imediatamente que tínhamos a intenção de entrevistá-los, pois acreditamos que assim eles se sentiram mais à vontade para falar de suas experiências em relação à morte.

Percebemos que em todos os casos quando dissemos que estávamos realizando um trabalho que tratava da morte, houve um estranhamento. Muitos entrevistados riram, dizendo: “Mas pra que é isso?”; “E é você estuda isso?”; frases que nos fazia notar o quanto a morte e os rituais a ela ligados pareciam improváveis para um estudo no pensamento dessas pessoas.

As pessoas que entrevistamos foram muito atenciosas conosco, mostrando-se disponíveis para serem entrevistadas, mas houve casos que chegamos para conversar e

quando falamos que estávamos fazendo um trabalho e que este era sobre a morte, o idoso não quis falar. Não sabemos se por timidez, por não se sentir à vontade para ser entrevistada, ou pelo fato de não querer falar de morte.

Em relação aos idosos que entrevistamos, na medida que fomos conversando e eles foram relatando como aconteciam os ritos fúnebres, como as pessoas se comportavam diante da morte de seus familiares, percebemos que iam se familiarizando com o assunto e passando a entender porque nós estávamos fazendo aquele trabalho.

Entrevistamos homens e mulheres, na maioria, pessoas que viveram a maior parte de suas vidas na zona rural, que não tiveram oportunidade de estudar, exceto a senhora Hilda Costa⁸ que é professora. Sobre o trabalho, grande parte das mulheres entrevistadas são donas de casa, ou eram, já que algumas não se encontram mais em condições de fazer os serviços domésticos. E os homens, pessoas que trabalhavam na roça. O senhor Manoel da Silva⁹ disse que veio muito pequeno para a cidade e fazendo “bicos” teve como sobreviver, e hoje é aposentado.

Alguns dos entrevistados disseram que antes era um tempo bom, devido o respeito que as pessoas tinham. O senhor Avani¹⁰ disse que: *Olhe quando a gente ia num animal os pais da gente mandava que se encontrasse um velho, desmontar e tomar a benção. A gente fazia isso mesmo, tinha que fazer, porque o pai mandava. Mas, para muitos o tempo de infância e adolescência foi um tempo muito difícil, a senhora Francisca Dutra disse que existe muita diferença do tempo em que ela era criança para hoje: Diferença tem, que nós quando era pequena nós não tinha uma chinela [...] Dizer assim, duas, três calcinhas para vestir, nós não tinha roupa a vontade como esse povo tem. E eu que não quero o meu tempo para as minhas netas, para os meus filhos, quero não!*

⁸ - A senhora Hilda Costa tem 81 anos, nasceu na cidade de São Bento, mas desde muito jovem veio para Brejo do Cruz. Sua profissão é de professora.. A senhora Hilda também disse ser católica. Entrevista concedida em Janeiro de 2012.

⁹ - O senhor Manoel Alves disse que nasceu na cidade de Alcantil, mas veio muito jovem para Brejo do Cruz, o senhor Manoel tem 81 anos.

¹⁰ - O senhor Avani de Oliveira tem 80 anos, morava no sítio Cachoeira (município de Brejo do Cruz), disse ser católico e sua profissão era agricultor. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

Vemos que durante as entrevistas, passamos a saber muito da vida dos entrevistados, mesmo nos propondo a falar da morte. Mas no tocante a este tema alguns detalhes dessas entrevistas nos surpreendeu, como o momento que a senhora Francisca nos falou sobre como deseja que sua cerimônia fúnebre seja realizada:

O Apostolado, quando morre uma é muito bonita a hora da missa. Ali a gente fica tudo de farda, quando o padre chama tem uma parte da missa que vai cantar o bendito do coração de Jesus, aí fica tudinho assim... Eu acho lindo assim ao redor do caixão, quando termina eu digo a elas: Olhe quando eu morrer vocês vão fazer desse jeito, é pra fazer desse jeito. Eu acho lindo. Tem gente que diz assim: “não tem enterro bonito”, tem, tem enterro bonito.

Assim, a senhora Francisca diz que não deseja que seus familiares façam as homenagens que são comuns atualmente em Brejo do Cruz, que são as mensagens lidas na igreja ou camisetas com a foto do morto, mas ela não abre mão de ser homenageada por fazer parte do Apostolado da Igreja. Com isso, a entrevista também foi um meio utilizado pela senhora Francisca para deixar registrado como ela quer que façam seu rito fúnebre.

Um outro momento marcante das entrevistas foi quando conversávamos com a senhora Inácia Honorina¹¹ sobre como é complexo pensar a morte e a questão de uma outra vida. A senhora Inácia parecia bem confusa em relação a esse assunto, pois primeiramente ela disse que acreditava que quando morremos é o nosso fim. Posteriormente ela fez uma reflexão a respeito da vida eterna, indagando se nós nos encontramos ou não com os familiares que faleceram. Em meio a confusão de ideias, ela disse:

[...] Morre gente desde quando a gente nasceu, eu já tenho setenta e seis anos, muitos anos pra traz, desde o começo do mundo que morre gente e esse povo tá esperando pra se salvar só quando Jesus acabar o mundo todinho pra julgar o povo, será isso? [...]eu queria que os padres explicasse como é, porque o tempo que morre gente se tiver esperando que, porque disse que só vai pra o céu quando Deus julgar todo mundo, não é? Você não ver dizer? Quando tiver julgado, que o povo morre e fica por aqui, não vai pra nenhum canto.

Então, é difícil falar de morte sem chegar a questões ligadas a uma outra vida. A senhora Inácia nos fez algumas perguntas, tentando amenizar suas inquietações sobre tal

¹¹ - A senhora Inácia Honorina tem 76 anos, disse que nasceu no estado do Rio Grande do Norte, mas veio para Brejo do Cruz com apenas 5 anos de idade, sua profissão é agricultora e também se ocupava dos serviços domésticos, sua religião é a católica. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

assunto, mas não ousamos responder, até porque concordamos com esta senhora sobre a complexidade deste assunto.

A entrevista com a senhora Lindalva da cunha¹² nos comoveu muito, pois ela falou de quando seus dois filhos morreram: uma menina de quatro anos e seis meses, que morreu depois de ter sido atropelada e um rapaz de vinte e seis, que foi assassinado. Ao narrar como tinha sido as mortes de seus filhos e quanto aquele momento foi doloroso, esta senhora se emociona. Vejamos:

Aí quando foi na eleição de Francimar o cabra atirou, ia atirar em Biró de Chico de Pedro, pegou em Cule, o meu filho, no que eu tive. Era Nenê e ele, com vinte e seis anos ele tinha. Aí pegou foi nele. Na sexta-feira de três horas da manhã quando ele vinha de um comício da Santa Rosa. Sei não meu Deus, eu não morro mais de agonia não!

Ao falar dessas histórias, percebemos que fazia algum tempo que a senhora não falava das mortes de seus filhos. Ao lembrar de como foi, ela esquece certos detalhes, fica tentando lembrar, mas sabemos que isso ocorre também por causa da emoção de tocar em um assunto que traz à tona momentos muito tristes de sua vida.

Em alguns casos fomos à casa de um idoso com a intenção de entrevistá-lo e acabamos por entrevistar também seu cônjuge. Quando fomos entrevistar o senhor João de Cândido, sua esposa não foi entrevistada, mas teve uma breve participação quando falávamos da morte, e ela fez um desabafo, nos confessando que sentia muito medo de morrer, ela falou bem emocionada. Quando fomos à casa do senhor Francisco Cardoso¹³ para entrevistá-lo, sua esposa, a senhora Delzuíte¹⁴ estava lá e também fizemos uma entrevista com ela. Durante a entrevista esta senhora falou da dor que sente por causa da morte de seus filhos:

Minha filha morreu, eu nem botei luto por ela, nem eu senti muito a morte de Socorro, mas eu me conformei Corrinha, será que é porque eu era mais nova? Tinha mais uma sustânciazinha. Mas agora essa morte de Miguel me deixou tão... eu nunca mais tive saúde depois que meu filho morreu.

¹² - A senhora Lindalva Cunha tem 80 anos, morou a maior parte de sua vida no sítio Bonfim (município de Brejo do Cruz), era agricultora e dona de casa. A senhora Lindalva também afirmou que é católica. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

¹³ - O senhor Francisco Cardoso tem 84 anos. Nasceu no sítio Currálinho (município de Catolé do Rocha), era agricultor e sua religião é a católica. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

¹⁴ - A senhora Delzuíte tem 76 anos. Também morou no sítio Currálinho. É dona de casa e sua religião é católica. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

Percebemos que para alguns dos entrevistados houve momentos da entrevista que serviu de desabafo, era alguém expondo seus sentimentos, falando de assuntos, que talvez não seja comum no cotidiano dessas pessoas, porém acreditamos que se eles falaram foi porque de alguma maneira se sentiram à vontade.

Mas não falamos somente de momentos tristes, alguns momentos dessas entrevistas foram também de descontração. Estando nós entrevistando o senhor Manoel na calçada de sua casa, apareceu um amigo dele, o senhor Raimundo, e este interrompendo a narrativa do senhor Manoel sobre a forma como os defuntos eram carregados, nos contou uma história que nos rendeu muitas risadas: Ele disse que em 1971 faleceu uma senhora que era muito gorda e nesse tempo ainda levavam o defunto numa rede ou em uma grade, no caso desta senhora foi em uma grade. Ela morava no sítio e tinha pouca gente para carregar o corpo. O senhor Raimundo falou que para chegar com este defunto até o local do sepultamento eles tinham que andar aproximadamente 18 km, daí ele falou que quando andaram uns 10 km não aguentava mais e disse aos demais homens que carregavam a grade junto com ele que ia derrubá-la, com isso, os homens se preocuparam e acharam outra pessoa para carregar, e o senhor Raimundo disse depois desse episódio: *nunca mais eu carrego defunto*.

Essas histórias de nossos entrevistados nos fizeram perceber, entre choro e risos, que falar da morte pode ser angustiante, mas também pode ser leve. Através dessas entrevistas notamos a sensibilidade das pessoas ao falarem de determinadas experiências de suas vidas que estão associadas à morte de um ente querido. Contudo, como enfatizamos, também foram momentos de falar de outras experiências, que de certa forma foi útil para sabermos mais da vida de nossos entrevistados, fortalecendo os laços de amizade, pois depois das entrevistas, nós passamos a saber detalhes da vida íntima desses idosos, nos emocionando junto com eles e compartilhando nossas experiências de vida.

1.2-A igreja católica e a busca da boa morte

A igreja Cristã construiu uma representação para o destino pós-morte que passou a influenciar muito na forma como as pessoas encaravam a morte. Depois de falecer existiam dois lugares possíveis: o paraíso e o inferno. No século XII foi criado um outro lugar nesta representação do além cristão: o purgatório. Com a criação do purgatório os

indivíduos passaram a se preocupar de forma exagerada com os últimos instantes de suas vidas, vejamos porquê:

(...) Como conseqüência para o tempo que envolve o momento da morte, o purgatório levou a dramatização tanto do período que o precede quanto daquele que se segue. Para a sua obtenção, seria necessário que a penitência tivesse sido iniciada_ ou, pelo menos, a confissão, ou ainda, no mínimo, uma contrição sincera, de modo que a atitude do pecador no momento de sua morte assumia uma importância capital e dramática. O último instante passaria a ser de suma importância para o moribundo que, sentindo-se inseguro de ir diretamente para o Paraíso, teria a possibilidade de conseguir ainda nesse instante a salvação através da expiação de suas culpas (RODRIGUES, 1997, p. 152-153).

Com isso, diante da ameaça de ir para o inferno, as pessoas acreditavam que confessar seus pecados e demonstrar arrependimento poderia desviá-los deste lugar tão temido, pois se não conseguissem ir direto para o paraíso, poderiam ir para o purgatório. Sendo este um campo intermediário de purgação dos pecados, era também uma chance para que as almas, tendo pagado pelos seus pecados, fossem para um bom lugar. Dessa forma, era melhor ir para purgatório do que seguir direto para o inferno.

Para entender melhor essa questão do medo dos ocidentais em relação ao destino da alma consultamos a obra de Jean Delemeau “História do medo no ocidente”, nesta obra ele procura compreender como a partir do século XII a igreja católica propagou a figura do diabo, contribuindo assim para a construção de um “imaginário do medo”. No entanto, o que mais nos chamou atenção nessa obra foi o momento em que o autor fala do grande medo que sentiu quando descobriu a morte:

‘Nenhuma busca’, escreve A. Besançon, ‘que não seja busca de si mesmo e, em algum grau, introspecção’. Essa fórmula aplica-se particularmente à minha investigação sobre o medo. Eu tinha dez anos. Numa noite de março, um farmacêutico amigo de meus pais vem conversar em casa: conversa calma e alegre na qual evidentemente só presto uma atenção distraída, ocupando-me em brincar a alguma distância do círculo dos adultos. Não teria conservado nenhuma lembrança dessa cena banal se, na manhã do dia seguinte, não tivessem vindo anunciar a meu pai o falecimento súbito do farmacêutico, que não era um velho. Sua mulher, ao acordar, encontrara-o morto ao lado dela. Senti um verdadeiro choque, enquanto o desaparecimento, alguns meses antes, de minha avó paterna, que morrera aos 89 anos, não me perturbara. Foi para mim a verdadeira descoberta da morte e de seu poder soberano. A evidência se impunha: ela atinge pessoas com boa saúde e de qualquer idade. Senti-me frágil, ameaçado; um medo visceral instalou-e em mim. Fiquei doente por mais de três meses, durante os quais fui incapaz de ir à escola (DELUMEAU, 1989, p. 34-35).

É interessante percebermos como este autor coloca em sua obra uma experiência tão íntima de sua vida, algo tão marcante que o motivou a escrever sobre a “História do

medo no ocidente”. A partir da experiência deste autor podemos perceber o quanto a morte, em alguns casos, desperta medo nas pessoas, descobrir a fragilidade do homem diante da morte é algo atormentador para muitos. Mas, Delumeau fala que posteriormente descobriu através do discurso religioso que escutara durante dois anos escolares que:

(...) Para a Igreja, o sofrimento e a aniquilação (provisória) do corpo são menos temíveis do que o pecado e o inferno. O homem nada pode contra a morte, mas_ com a ajuda de Deus_ lhe é possível evitar as penas eternas. A partir daí um medo _ teológico_ substituíu um outro que era anterior, visceral e espontâneo (...) (Ibid, p. 37).

Assim, ele fala de como conheceu as idéias da Igreja Católica e com isso passou a sentir ainda mais medo, medo de um lugar, que segundo a Igreja, era pior que a morte física: o inferno.

A morte no Brasil Oitocentista estava muito ligada à Igreja Católica, devido às praticas religiosas que esta instituição afirmava serem necessárias para que o “moribundo” fosse bem sucedido em sua passagem para o além.

Diante da incerteza do destino da alma, era preciso proporcionar ao moribundo uma boa morte, pois assim aumentariam suas chances de livrar-se do purgatório e do inferno, que eram tão temidos. Mas de acordo com o imaginário religioso da maioria das pessoas que viveram no início do século XIX no Brasil ter uma boa morte era algo que se conseguia apenas por intermédio dos padres:

Nos momentos de doenças graves, incuráveis e fatais, a penitência , a eucaristia e a extrema unção, administradas com sentidos específicos, eram procurados pelo doente, no momento em que sentia que era ‘chegada a sua hora’. A proximidade da morte, a presença do padre era solicitada pelo moribundo, por seus parentes ou amigos, tendo em vista e necessidade de ele entrar em contado íntimo com Deus, antes da ‘partida’. E nesse sentido que a figura do padre, interlocutor entre o moribundo e Deus, como mensageiro da palavra e dos sinais (sacramentos divinos,se fazia presente) (RODRIGUES, 1997, p. 176-177).

Sendo o padre o intermediário entre o moribundo e Deus, sua presença na hora da morte era indispensável. A morte, para grande parte das pessoas no Brasil Oitocentista, acontecia de forma “domesticada”, como denomina Philippe Ariès. Passava por uma ritualística em que se tinha o moribundo e a família reunidos sob orientação de pessoas encarregadas por realizar os ritos considerados necessários, dentre essas pessoas estava o padre:

O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde se entrava livremente [...] Ainda no começo do século XIX, os parentes que encontravam na rua o pequeno cortejo do padre levando o viático, acompanhava-o, entrando, em seguida, no quarto do doente (ARIÉS, 2003, p.34).

Dessa forma, morrer no Brasil Oitocentista era algo que se devia planejar, pois pior do que morrer, era morrer sem um plano. Para a execução desse plano o testamento era muito importante, até porque ao fazer um testamento, a pessoa não estava preocupada apenas em dividir fortunas. Vejamos o que diz João José Reis no livro “A morte é uma festa”:

No passado as pessoas se preparavam diligentemente para a morte. A boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse contas aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos. Um dos meios de se preparar, principalmente mas não exclusivamente entre as pessoas mais abastadas, era redigir um testamento. Esta providência pode ser entendida como o rito inicial de separação (REIS, 1991, p.92)

A igreja influenciava os fiéis na prática de redigir testamentos e com isso as pessoas viam nesse documento uma oportunidade a mais de tentar a salvação, muitos escolhiam seus “advogados” entre os santos; deixavam parte de suas fortunas para os mais pobres, como forma de mostrar solidariedade; também encomendavam inúmeras missas fúnebres. Portanto, redigir um testamento simbolizava a garantia de uma “boa morte”.

É importante pensarmos o papel da Igreja católica nessa propagação da ideia de céu, inferno e purgatório, destacando que o momento da morte tornou-se decisivo para o encaminhamento para um desses lugares. Diante disso, passamos a analisar a preocupação dos brejocruzeses que viveram no século XX em ter uma “boa morte”. Para isso utilizamos fontes orais e alguns testamentos.

1.3-A preocupação com o destino pós-morte em Brejo do Cruz

A discussão sobre a influência da igreja católica na construção de representações da morte torna-se necessária para pensarmos as atitudes dos homens diante da morte durante o século XX em Brejo do Cruz-PB, porque apesar de estarmos vivendo um tempo em que esta instituição não exerce tanta influência como na idade média, nem possui a exclusividade que tinha antes, não podemos negar que muitas pessoas ainda acreditam numa vida após a morte e temem que sua alma não alcance a salvação.

Com isso, nosso objetivo neste capítulo é perceber a preocupação das pessoas que viveram no século XX com os últimos instantes de suas vidas e de seus familiares. Também procuramos entender as representações que essas pessoas criaram para os possíveis caminhos que suas almas iriam traçar após a morte.

A escolha por esse recorte espacial, que é a cidade de Brejo do Cruz-PB, se deu por acreditarmos que “Todas as representações da morte estão imersas em um contexto ou em um banho cultural que é propriamente o tecido da História” (VOVELLE, 1991, p. 134). Ao fazermos uma análise entre o que alguns autores apontaram sobre as práticas e representações da morte no Brasil e o que os entrevistados disseram sobre essas práticas e representações em Brejo do Cruz, podemos perceber as mudanças e permanências existentes nesta cidade no tocante às questões da morte.

Em uma de nossas entrevistas (Trecho de entrevista da senhora Lindalva Cunha¹⁵, em que seu esposo Francisco da Silva¹⁶ participou) nos deparamos com uma narrativa de um sonho que nos permite pensar sobre algumas das representações de inferno que perpassam a narrativa do informante, então vejamos:

Olhe eu sonhei que tava no inferno, agora lá eu vi gente vivo, vivo ainda hoje tem deles vivo, lá eu vi a fonalha do inferno. A fonalha do inferno é que nem a fonalha de um engenho, você sabe como é a fonalha do engenho? Já andou em engenho? De quebrar cana. Tem a gamela, aí eu chego lá tava um senhor rico sentado numa cadeira assim, olhe, ele disse “Chico o que você tá fazendo aqui, eu disse “eu me admiro o senhor que é rico”. Aí lá eu joguei, lá eu dancei, lá eu bebi cachaça, sabe? Agora no sonho eu conduzia uma caixa de fósforo benta, que eu tinha guardada em casa, e o cordão de São Francisco que eu tinha mandado fazer no Riacho do Jardim. Esse cordão é o seguinte com essa caixa de fósforo pra quando eu morrer, ou servir pra mim ou pra minha mãe. Mandeí o padre Sandoval benzer e do sonho eu conduzia, quando eu acordei de branco que eu via lá foi um sargento, um negro, um homem gordo, não tinha cabelo na cabeça não. Aí eu dizia tô no inferno, e eu quero ir embora, que embora pra que, eu sai com esse cordão açoitando assim. Eu passei um bocado de dia e de noite bem dizer, quase assombrado (FRANCISCO DA SILVA, 2012).

A partir desse sonho que o senhor Francisco nos contou, podemos entender como as ideias de inferno que a Igreja criou passam a fazer parte da vida das pessoas, fazendo com que estas se sintam ameaçadas com a possibilidade de sofrer eternamente após a morte. No sonho do senhor Francisco, o cordão de São Francisco serve como proteção para ele nos momentos de tormento que passa no inferno. Daí, também, podemos perceber a importância atribuída a este objeto, o que fazia com que muitas

¹⁵ - Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

¹⁶ - O senhor Francisco da Silva tem 76 anos, morava no sítio Bonfim (município de Brejo do Cruz). Era agricultor e afirmou ser católico. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

peças guardassem o cordão de São Francisco em casa, para que quando morressem o cordão fosse amarrado a cintura.

Sobressai do sonho do informante a difícil relação com o mundo dos engenhos em que o trabalho era extenuante, mesmo que esse não tenha vivenciado a experiência demonstra ter conhecimento ao comparar, mesmo no espaço onírico, a fornalha do engenho à fornalha do inferno; e aspectos que apontam para os preconceitos existentes na sociedade, tais como a representação que o informante elabora no sonho da visão do negro como dando a certeza de este se encontrar no inferno. É a psique do sonho repleta, também, de elementos do vivido. José de Souza Martins no livro “A sociabilidade do homem simples” enfatiza que:

Muitos sonhos são marcados pelo fato de que o sonhador é ameaçado por estranhos (demônios, humanos deformados e fantásticos, pessoas mortas ou vivas sem identificação ou mesmo pessoas identificadas, mas desfiguradas). Quase todos os sonhos têm implícito um conceito de estranho e de um estranho que representa perigo e ameaça para o sonhador (tentativa de capturá-lo, por exemplo) ou para o grupo familiar (risco de destruí-lo) (MARTINS, 2012, p. 65).

Para o autor o mundo do sonho é um mundo tradicional, que se opõe à ideia de moderno. Vemos que, o que aparece como uma ameaça nos sonhos analisados por Martins são demônios, seres fantásticos, dentre outros, que desde muito tempo são considerados ameaças para os sujeitos. O sonho narrado pelo senhor Francisco também contém elementos que podemos classificar como tradicionais, comportamentos que são contrários ao que supostamente se encontraria numa sociedade racional e moderna.

Reis (1991) fala sobre algumas imagens e pinturas encontradas no convento de São Francisco que nos faz entender o destaque dado a esse santo na escatologia cristã:

Na cidade da Bahia, uma pintura no teto da desaparecida catacumba do convento de São Francisco_ um dos locais mais usados para o enterro dos que residiam na freguesia da Sé na primeira metade do século XIX_ retrata o santo resgatando almas do Purgatório, que visitava periodicamente com essa finalidade. Um quadro no século XVIII, na parede do consistório da igreja desse convento, repete o tema, sendo que neste as almas tentam se salvar agarrando-se ao cordão do hábito do santo. De acordo com uma tradição sertaneja que provavelmente foi um dia também litorânea, o cordão ‘afasta o inimigo e serve aos anjos para puxarem o finado’ (REIS, 1991, p. 117).

Este autor estuda as práticas mortuárias comuns em Salvador durante o século XIX, e a partir dessa pesquisa percebemos que muitas das práticas e representações comuns na sociedade analisada por Reis permanecem ativas em Brejo do Cruz durante o século XX. É o que notamos nos relatos de alguns entrevistados. Vejamos:

Botavam o cordão de São Francisco na cintura, mandava benzer, todo mundo tinha um cordão de São Francisco guardado, todo velho, benzido, era, já benzido. Traziam pra benzer e a pessoa guardava. Quando morria vestia a mortalha e o cordão de São Francisco na cintura. (DELZUITE SILVESTRE, 2012).

Podemos notar que de acordo com as representações que algumas pessoas criaram a vestimenta e alguns objetos eram decisivos no encaminhamento da alma para um bom destino:

[...] Do objeto mais vulgar, podem fazer um ser sagrado e muito forte. Entretanto, ainda que puramente ideais. Os poderes que lhe são assim conferidos agem como se fossem reais; determinam a conduta do homem com a mesma necessidade que forças físicas [...] Portanto, não é um delírio propriamente dito, porque as ideias que se objetivam dessa maneira fundam-se não certamente na natureza das coisas materiais sobre as quais se instalam, e sim na natureza da sociedade [...] (DURKHEIM apud SANCHIS, 2007, p. 64).

Assim, as pessoas atribuem significado a determinados objetos e com isso estes passam a ser percebidos enquanto necessários para realização dos ritos fúnebres, pois a falta de um objeto era vista, muitas vezes, como algo que poderia ameaçar o destino de salvação do morto. Acreditamos que até a década de setenta do século XX, a morte não parecia ser silenciada como afirmou Philippe Ariès:

Hoje, à necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu, em meados do século XX, sua interdição. Durante o espaço de uma geração, a situação foi invertida: o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade geral é, a partir de então, proibido, o que era proibido, é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentindo (ARIES, 2003, p. 251).

Ao analisarmos as entrevistas não percebemos essa morte interdita. Ao relatarem sobre como aconteciam os ritos fúnebres, os idosos nos faziam entender que havia uma preocupação muito grande com a realização desses ritos, sendo o choro algo bem presente. Ao descrever os velórios que visitou há uns anos, a senhora Rita Linhares¹⁷ afirmou que existia muito choro dos familiares: *eu acho que antigamente tinha mais sentimento do que hoje*.

Ao relatarem sobre as cerimônias fúnebres realizadas no século XX em Brejo do Cruz, alguns dos entrevistados falaram sobre a simplicidade destas cerimônias, mas

¹⁷ - A senhora Rita Linhares morou boa parte de sua vida no sítio Santa Rosa, ela tem 77 anos. Disse ser católica e se ocupava com os trabalhos domésticos. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

destacaram a preocupação com rezas, com o costume de fazer quarto¹⁸, e principalmente a necessidade da vela nos últimos instantes. A senhora Sebastiana¹⁹ disse que a maioria das pessoas morria com vela e acrescenta que: *Não era como hoje em dia que morre como um bicho bruto. Muitos botam a vela na mão e outros não botam nem a vela na mão, morre sem vela.* Esta senhora também falou²⁰ que quando alguém estava para morrer no sítio que ela morava, devido a ausência de padres, algumas pessoas eram encarregadas de falar palavras, que segundo a senhora Sebastiana, ajudava a morrer:

Eu me lembro no dia que a finada Mocinha morreu era compadre Bianor ajudando, dizendo aquelas palavras e enquanto ela respirou, ela custou a morrer, ela era só dizendo “perdoai Senhor”, até ninguém ouvir mais. Falou até morrer. Era compadre Bianor dizendo as palavras e ela pedindo perdão a Deus. Foi até a gente só ouvir ela cochichando. Morreu pedindo perdão a Deus, eu me lembro como se fosse hoje (SEBASTIANA PEREIRA, 2010).

Com isso, percebemos a partir do que nos disse os idosos, que a morte também representava uma passagem para um outro lugar, que poderia ser bom ou ruim, dependendo da vontade de Deus e dos atos que a pessoa tinha praticado durante sua vida e nos seus últimos instantes, é o que parece acreditar a senhora que estava prestes a morrer, já que dizia tantas vezes “perdoai Senhor”, como se seu julgamento estivesse próximo. Cláudia Rodrigues em sua pesquisa sobre a morte enfatiza que:

[...] Creio que houve o desligamento dos fiéis da pedagogia do ‘bem morrer’, não significa, contudo, que eles não procurassem morrer bem, mas sim que não mais estavam dispostos a seguir todos aqueles passos ensinados pela Igreja, nos quais perpassavam o medo e a necessária presença da instituição, de seus agentes e de seus rituais, no sentido de proporcionar segurança aos moribundos que ela mesma havia tornado agoniados na iminência da morte (RODRIGUES, 2005, p. 349).

Concordamos com a autora no que diz respeito ao desaparecimento de todo aquele ritual que antecedia a morte e que a Igreja controlava. Parece que nos sítios de Brejo do Cruz até a década de 70 do século XX as práticas de bem morrer ainda existiam, só que, na maioria das vezes, sem a presença de padres, contudo, se estes não estavam presentes, não era porque o moribundo não queria, e sim pelas dificuldades de se chegar até o sítio. É interessante perceber como, diante destas dificuldades, as

¹⁸ - Fazer sentinela.

¹⁹ - A senhora Sebastiana Pereira tem 90 anos, morou a maior parte de sua vida no sítio Canadá (município de Brejo do Cruz). Veio morar na cidade na década de setenta. É católica. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

²⁰ - Em outra entrevista realizada em 2010.

peças vão autorizar certos indivíduos a exercerem uma função que antes era exclusiva dos eclesiásticos.

A prática de fazer quarto foi enfatizada por todos os entrevistados a que tivemos acesso. A senhora Rita Linhares²¹ falou sobre as visitas que seu pai fazia aos moribundos, vejamos:

Quando tinha uma pessoa pra morrer, meu pai mesmo era assim, era um que quando tinha uma pessoa pra morrer vinham logo buscar ele, ele ficava, ele tinha uma cartilhazinha para na hora que a pessoa estava morrendo, alumiava o nome de Jesus, aí ele ficava lá cantando, cansava de ficar de oito dias na casa de um doente, enquanto a pessoa não morria, ele não vinha, fazendo quarto, antigamente era assim (RITA LINHARES, 2012).

Assim, de acordo com o depoimento da senhora Rita seu pai era uma dessas pessoas encarregadas de “ajudar a morrer”, percebemos que havia uma preocupação muito grande por parte dos familiares para que o moribundo tivesse uma boa morte, já que acreditavam ser preciso uma pessoa que soubesse rezar e cantar acompanhando seus momentos finais, para isso essas pessoas ficavam dias nas casas dos moribundos para que na hora da morte, os ritos necessários fossem seguidos com precisão.

Segundo a senhora Maria do Céu²², ajudar a pessoa a morrer era apenas rezar, talvez rezas que a maioria das pessoas desconheciam, por isso aqueles que sabiam se destacavam, ficando conhecidos como “aquele que sabe ajudar a morrer”. Esta senhora nos falou como era uma dessas rezas: *O nome de Jesus tão bonito é, levai essa alma que ela vossa é e sempre há de ser, levai essa alma quando ela morrer*. Essa era uma das rezas que, de acordo com a senhora Maria do Céu, “ajudava a morrer”.

Uma prática indispensável era a de colocar a vela na mão do moribundo, e quando não tinha um padre por perto, alguém que estava presente deveria se

²¹ - A senhora Rita Linhares tem 84 anos, morou grande parte de sua vida no sítio Monte Formoso (município de Brejo do Cruz), era agricultora e dona de casa. Também afirmou ser católica. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

²² - A senhora Maria do Céu Linhares tem 68 anos, morou durante muito tempo no sítio Santa Rosa (município de Brejo do Cruz), era agricultora e quando veio morar na cidade passou a vender leite, e queijo que ela mesma fazia. Também fazia mortalhas e arrumava defuntos. Sua religião é evangélica. Entrevista realizada em 2010.

disponibilizar para realizar tal tarefa. A senhora Hilda Costa²³ nos falou de algumas situações em que ela colocou a vela na mão do agonizante:

Sabe quem eu botei uma vela na mão? A mãe de Maria José, essa que trabalha no Grupo, a mãe de Gracinha ali de Dedé, ela tava morrendo e uma pessoa “chega, reza aqui!”, aí quando eu cheguei não tinha ninguém, aí acenderam a vela, eu tinha muita coragem, e segurava na vela e na mão da pessoa (HILDA COSTA, 2012).

Percebemos que os familiares muitas vezes não tinham coragem de segurar a vela e nestes casos esta prática era realizada por pessoas conhecidas da família. Segundo alguns dos entrevistados, dificilmente alguém doente era levado para um hospital, na maioria das vezes quando uma pessoa estava doente, esta era consultada por um farmacêutico da cidade conhecido por Chico Pinto, e em outros casos as pessoas se automedicavam. A senhora Francisca Dutra relatou as dificuldades de quem morava nos sítios para consultar alguém doente, destacando que os moribundos não eram levados a hospitais, mas recebiam cuidados dos familiares em casa:

Cuidava, não era como hoje que traz logo pra os hospitais, não é? Lá ficava cuidando, cuidando, e no fim, morria lá mesmo e ninguém nunca tirou ninguém pra morrer fora não. Era lá mesmo no sítio. Aí de um tempo foi que... As coisa não é tudo diferente. [...] Era tudo de pés minha filha, se um adoecia era nos braços para trazer e era Maria Olívia naquele tempo que consultava mais de graça, que ela tá no céu pelas bondades que ela fazia, era tudo muito difícil (FRANCISCA DUTRA, 2012).

Segundo a senhora Francisca, as pessoas que moravam no sítio, quando estavam com um familiar doente, em alguns casos²⁴ vinham até a cidade em busca de um remédio para a enfermidade, mas não ficavam em hospitais, iam diretamente procurar determinadas pessoas que não eram médicos, mas que eram conhecidas na cidade por prescrever remédios. Isso acontecia, de acordo com alguns dos entrevistados, devido à dificuldade em encontrar médicos em Brejo do Cruz.

Com isso, acreditamos que era comum em Brejo do Cruz, até meados do século XX, que as pessoas morressem em casa, na presença de familiares e amigos, diferente de hoje em que, na grande maioria dos casos, as mortes acontecem em hospitais, rodeadas de pessoas estranhas:

²³ - A senhora Hilda Costa tem 81 anos, nasceu na cidade de São Bento, mas desde muito jovem veio para Brejo do Cruz. Sua profissão é de professora.. A senhora Hilda também disse ser católica. Entrevista realizada em 2012.

²⁴ - Traziam para a cidade quando acreditavam que ainda existia uma possibilidade de cura para o doente. Quando percebiam que era chegada a morte o moribundo permanecia em casa.

[...] Até um passado recente, o homem enfrentava quase sempre a morte em casa, rodeado pela família. Seus familiares compreendiam-lhe as necessidades, os desejos, por viverem com ele há muito tempo; podiam ajudá-lo a ter uma morte tão suave quanto possível. [...] Era raro enviar-se um doente para morrer no hospital. Isto mudou muito no decurso das últimas gerações. Na sociedade americana de hoje 80% das mortes ocorrem no hospital. É o resultado da transformação do nosso modo de viver (ZIEGLER, 1977, p. 249-250).

Diante disto, a morte atualmente parece ter se tornado mais difícil de ser encarada. Talvez o fato de antes as pessoas morrerem mais em casa e na presença dos familiares contribuisse para que encarassem a morte com mais coragem. Para Elias (2001) as fantasias coletivas eram importantes meios para os sujeitos enfrentarem a morte, vejamos:

Em períodos anteriores, fantasias coletivas eram o meio predominante de lidar com a noção de morte. Ainda hoje, é claro, desempenham um importante papel o medo de nossa própria transitoriedade é amenizado com a ajuda e uma fantasia coletiva de vida eterna em outro lugar. Como a administração dos medos humanos é uma das mais importantes fontes de poder das pessoas sobre outras, uma profusão de domínios se estabeleceu e continua a se manter sobre essa base. Com a grande escalada da individualização em tempos recentes, fantasias pessoais e relativamente privadas de imortalidade destacavam-se mais frequentemente da matriz coletiva e vem para o primeiro plano (ELIAS, 2001, p. 43-44).

Elias aponta que antes um número maior de pessoas acreditava em uma vida eterna, atualmente as fantasias coletivas foram tornando-se fantasias individuais, o que talvez tenha contribuído para que o momento da morte seja mais temido, já que nem todos seguem a mesma crença no tocante ao que acontece após a morte.

Os entrevistados falaram sobre como eles pensavam a morte e a maioria demonstrou ter coragem para encará-la, talvez essa coragem tenha ligação com o que essas pessoas aprenderam durante suas vidas, ou seja, elas aprenderam a conviver com a morte, sendo a crença na vida eterna algo que conforta.

De acordo com Maranhão²⁵ atualmente as crianças são afastadas de questões relacionadas à morte, ele aponta que as pessoas passaram a ocultar a morte, não oferecendo oportunidade para que a criança faça questionamentos, e acrescenta que a morte passou a ser apresentada aos meninos e meninas da mesma maneira que se fazia antes quando perguntavam como é que os bebês vinham ao mundo. Assim, quando essas crianças crescem e vão percebendo a realidade, muitas vezes, sofrem um “choque”, não sabendo como aceitar a finitude humana.

²⁵ - (1996, p. 10).

Durante as entrevistas alguns dos idosos falaram que desde muito pequenos iam com seus familiares a velórios, em alguns casos estavam presentes até mesmo na hora da morte. A senhora Inácia²⁶ disse que ia com frequência à casa de moribundos com sua avó: *Eu, desde criança, que acostumava a ir com a finada minha avó fazer quarto a gente que morre.*

Então, estando frequentemente acompanhando os momentos finais das pessoas, talvez a morte tenha se tornado familiar para a senhora Inácia, fazendo com que tenha mais coragem de encará-la. Contudo, algo que ela diz preocupá-la é que quando morrer vai deixar o povo conhecido.

Notamos algumas inquietações e questionamentos em relação a vida após a morte entre os entrevistados, mas nos chamou a atenção a tranquilidade de alguns deles em relação à questão do julgamento. Vejamos o que a senhora Rita Linhares disse sobre seus pecados:

Eu só peço a Deus que... pecado eu sei que eu não tenho mais, porque eu já sofri muito, meus pecados já se foram no sofrimento, não é? E eu peço a Deus que ele faça de mim o que ele vê que eu mereço. Porque eu não gosto de pedir, assim, exigir, não é? Faça o que vir que eu mereço, se eu merecer ir pra o céu, eu vou, se eu não merecer é assim mesmo.

Para a senhora Rita Linhares ela não tem mais pecados porque já sofreu muito nesta vida, sendo assim, ela demonstra esperar sua morte sem muita preocupação, apenas confia seu destino a Deus. O senhor Expedito Filgueiras²⁷ entende que quando é chegada a hora da morte só temos que aceitar, porém ele não percebe este momento como o fim: *Tem gente que diz: ‘morreu acabou’, mas eu acho que não acabou não. A vida aqui é só uma passagem, passa aqui uns tempos e quando chegar o tempo de ir...*

A senhora Francisca Dutra disse: *[...] Deus sabe de tudo e nós não sabemos de nada, uma que eu não tenho medo de morrer, eu estou preparada para qualquer hora. Eu não tenho medo de morrer.* Esta senhora deixa claro a sua tranquilidade em relação à morte. A senhora Sebastiana também fala que: *A morte quando vem, como a história, não tem quem esbarre ela, só Deus. Só Deus esbarra. Mas quando vem a morte é pra morrer mesmo.*

²⁶ - Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

²⁷ - O senhor Expedito Filgueiras tem 77 anos, morou a maior parte de sua vida no sítio Riacho Fundo (município de Brejo do Cruz). Disse que é católico e sua profissão é agricultor. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

Notamos que para estas pessoas a única atitude que deve ser tomada quando a morte se aproxima é confiar em Deus, por isso não adianta recorrer a médicos, eles nada podem fazer para adiar a morte, este parece ser um dos motivos que levava as pessoas a morrerem em casa. Hoje muitos idosos insistem em morrer em casa, mas dificilmente esse desejo é respeitado, pois os familiares, muitas vezes, não aceitam a morte do ente querido e insistem em levá-lo para o hospital, como uma última tentativa de salvá-lo.

De acordo com Ariès, no hospital todos: médicos, enfermeiros e familiares se encarregariam de esconder do moribundo a gravidade de seu caso:

É tácito que o primeiro dever da família e do médico é o de dissimular a um doente condenado a gravidade de seu estado. O doente não deve saber nunca (salvo em casos excepcionais) que seu fim se aproxima. O novo costume exige que ele morra na ignorância de sua morte. Já não é apenas um hábito ingenuamente introduzido nos costumes. Tornou-se uma regra moral (ARIES, 2003, p. 235).

Assim, se antes era comum que o moribundo soubesse que sua morte estava próxima, atualmente as pessoas preferem esconder, e com isso fala-se o mínimo possível de morte. Até mesmo a questão de chamar um padre, hoje dificilmente ocorre. De acordo com Maranhão²⁸:

[...] O padre só é chamado à cabeceira do leito do moribundo quando este já perdeu a consciência ou quando já está definitivamente morto. Isto se dá mesmo nas famílias consideradas mais religiosas, mais praticantes da religião. A 'extrema- unção' deixou de ser o sacramento dos enfermos para ser o dos mortos.

Em Brejo do Cruz até a década de setenta do século XX, parece que se dava muita importância à presença dos padres no momento da morte, muito embora, nem sempre eles estivessem presentes. Como colocamos anteriormente quando não era possível a presença dos padres, algumas pessoas eram encarregadas de ajudar a pessoa a morrer. Hoje dificilmente o padre é chamado até a casa do moribundo. Segundo a senhora Rita Linhares o padre Francisco²⁹ gosta muito de visitar os doentes, mas acontece que muitas vezes falta a iniciativa da família que não chama o padre. O fato de atualmente as pessoas morrerem mais em hospitais também impede que a família solicite a presença dos eclesiásticos.

²⁸ - (1996, p. 12).

²⁹ - Atual padre de Brejo do Cruz.

É que parece que na atualidade tudo que está relacionado à morte deve ser esquecido, apenas em alguns momentos fala-se deste assunto³⁰. As pessoas, principalmente os jovens, fogem de situações que lembram a finitude humana, como por exemplo ir a velórios, ir ao cemitério, etc. De acordo com Elias (2001) a morte e os moribundos são colocados nos bastidores da sociedade. Parece que conviver com moribundos torna-se inconveniente. Todo esse pavor em falar de morte faz com que, a maioria das pessoas atualmente, não se prepare mais para os seus últimos instantes. Apenas alguns idosos atribuem importância a determinadas práticas.

Algo curioso para pensarmos sobre a preocupação das pessoas que viveram no século XX com a morte são os cuidados tomados para que a alma descansasse em paz e também, para que os vivos não se “contagassem” com a morte. A importância de estudarmos o que para alguns não passa de superstições é que:

[...] Essa credulidade acaba por condicionar comportamentos e produzir sentimentos, que vão tecendo de maneira silente o cotidiano das pessoas e manifestando-se em suas formas de pensar, sentir e agir, na sua concepção do mundo enfim. Fenômenos culturais que tem portanto inegável dimensão social (LAPA, 2008, p. 309).

Algumas histórias foram narradas por nossos entrevistados enfatizando o perigo do contato com os mortos, vejamos o que a senhora Maria do Céu Linhares diz:

Ah era pouco o povo da família que vinha menina, um pai não podia vir, um irmão vinha, mas não era pra pegar, porque diziam que se pegasse morreria mais gente da família, era assim. Só primo, cunhado que podia pegar. Um pai vir pra um enterro do filho, só sendo, vinha não. Hoje o povo se arruma e vai tudo. Os filhos que enterram os pais. O povo mesmo pergunta: cadê os filhos, cadê os irmãos, mas de primeiro não era assim não. (MARIA DO CÉU, 2010).

Ao que tudo indica, e tomando como base os relatos dos idosos, ao longo da primeira metade do século XX em Brejo do Cruz acreditava-se que o contato com o cadáver representava uma ameaça, era como se o defunto tivesse o poder de transmitir a morte. Vejamos o que diz Dona Sebastiana:

Eu me lembro que o finado Rola quando morreu, ele morreu de câncer. O finado Raimundo, irmão de Zé Canadá foi bater em Santa Tereza³¹ e trouxe a rede e mandou dona Tereza lavar e dormiu até se acabar e não teve nadinha, ele veio morrer quando estava morando aqui em Brejo (SEBASTIANA PEREIRA, 2010).

³⁰ - Nas missas dedicadas aos mortos fala-se da morte e os familiares frequentemente expressam seus sentimentos como forma de homenagear o morto, mas posteriormente as pessoas agem como se nada tivesse acontecido, e geralmente não desejam falar da morte.

³¹ Cemitério localizado entre Belém do Brejo do Cruz e São José.

Com isso, percebemos que poucas pessoas tinham a coragem de deitar em uma rede na qual um defunto tinha sido carregado, por isso a Senhora Sebastiana fala com um certo espanto da atitude desse senhor chamado Raimundo e principalmente por ele não ter morrido logo depois de deitar na rede. Talvez o fato de o homem que foi enterrado na rede ter morrido de câncer tenha influenciado as pessoas a pensarem que algum mal iria acontecer ao senhor Raimundo, já que esta doença assustava tanto.

É curioso como as pessoas se preocupam ainda hoje em tirar os objetos do defunto antes de enterrá-lo, porque acreditam que se forem enterrados com algum objeto a alma do falecido não descansará e, conseqüentemente, aparecerá a alguém pedindo para que tire o objeto. “Enterrar um defunto amarrado (lenço no queixo ou faixa de pano nos pés) era absolutamente desaconselhável, precisando desatá-lo antes de baixar à cova” (LAPA, 2008, p. 311).. A senhora Sebastiana nos contou uma dessas histórias:

Olhe um filho do finado Manoel Santalino, o velho Manoel Santalino era o dono do Canadá. [...] Ai morreu o filho dele e foram embora do Canadá para o Ceará. Aí lá morreu um filho dele, um filho de Manoel Santalino, ai ele apareceu a tia Ervina, irmã de mamãe. Aí ela sonhou com ele, ele apareceu a ela pra ir tirar um anel do dedo dele, porque ele tinha sido enterrado com esse anel. Aí ela foi e foi cavando e achou o anel no dedo dele, aí ela tirou e ele acompanhou ela e deu os agradecimentos a ela.

Percebemos que a senhora Sebastiana narra essa história como quem tem certeza que realmente aconteceu, também não queremos dizer que não. Mas, é curioso perceber como muitas pessoas idosas têm histórias desse tipo para contar, o que quer dizer que a morte não era vista como o fim, ou mesmo que o espírito só ressuscitaria no dia do juízo final, pois se a alma ficava pensando, é porque existia um momento intermediário que se para eles não era o purgatório, também não era algo bom porque todos procuram ajudar a alma a chegar a um bom destino, sendo muito importante ter o cuidado de tirar os objetos do defunto, de colocar vela na mão na hora da agonia, de rezar. Pensava-se que era preciso realizar certas práticas, para que depois o morto não viesse incomodar os vivos. O senhor Avani³² diz que tem certeza que algumas almas ficam pensando, pois ele foi seguido por uma:

³² - O senhor Avani de Oliveira tem 80 anos, morava no sítio Cachoeira (município de Brejo do Cruz), disse ser católico e sua profissão era agricultor. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

Eu já andei daqui onde tem aquele jogo de Bolachinha, cravado num burro com uma pessoa do lado, pegado, bem dizer no lado da cela e eu andando e essa pessoa, pra mim que tava pegado, o medo foi tão grande que pra mim que tava pegado, aí quando chegou na cruz que tinha de Manoel Pedro, numa tapera velha, tinha um pé de podaça, aí ele saiu e eu fiquei olhando, aí eu meti esse burro na espora, corri até chegar na casa de pai. Mas enquanto ele vinha perto de mim, eu não tava com medo não, tava pegado no loro da minha perna e eu não olhava, só olhava pra frente, eu não vou olhar não. Quando chegou na cruz, eu vi aquela pessoa em busca da cruz, aí eu digo: “Vixe!” e meti o burro na espora e corri mesmo, corri. Aí os cabra disseram que eu não vi, que não vi, se eu digo que vi é porque eu vi a pessoa direitinho. Eu vi uma pessoa. [...] Eu vi o vulto direitinho, aí desapareceu de perto de mim, quando chegou na cruz, por certo era a alma daquela cruz, que tava enterrada naquela cruz, não era? Por certo era, só podia ser (AVANI OLIVEIRA, 2012).

Os vivos se encarregavam de proporcionar aos familiares uma boa morte justamente para que a alma não voltasse a este mundo. As pessoas que não tinham uma “boa morte”, aquela que acontecia em casa, na presença dos familiares e amigos, com rezas e vela, poderiam sofrer sem o descanso de sua alma. Por isso, temia-se muito a morte provocada por acidentes, assassinatos, dentre outras situações em que a pessoa não tivesse tempo de se preparar para a morte. Brandão (1994) fala do perigo que as chamadas “almas penadas” representavam para os vivos:

As almas “penadas” tidas como “tipos” do lugar são potencialmente perigosas; podem no mínimo assombrar (assombrações) e, no limite matar os vivos; há ritos de evitação; almas de mortes de “má morte”, conhecidos ou desconhecidos, são objeto de orações ou gestos devocionais (o “em-nome-do-padre”) em seus lugares de morte (santas cruzes), são potencialmente danosas, sendo algumas consideradas como definitivamente condenadas a “errar” na Terra (BRANDÃO, 1994 p. 209).

Ainda hoje em Brejo do Cruz encontramos cruzes em estradas, estas servem para mostrar o local onde uma pessoa morreu, geralmente de acidente. Sendo assim, a cruz já é um indício de que a pessoa não teve uma boa morte. Talvez esse detalhe influencie as pessoas a terem medo de passar por esses locais. Não é por acaso que o senhor Avani diz que a pessoa ou alma que estava seguindo-o desapareceu justamente no local que estava a cruz, o que o faz pensar que “a alma que o seguia era daquela cruz”, ou seja, ao verem essas cruzes nas estradas, as pessoas não enxergam um simples objeto, mas vem à tona as representações que foram construídas a partir deste objeto: “[...] A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1988, p. 20). Dessa forma, ao ver a cruz, muitas pessoas associam a imagem da alma que fica pensando.

Outra dessas crendices era que quando um filho morria a mãe não deveria colocar o nome desta criança em outro filho. A senhora Hilda contou que uma de suas filhas tinha nascido na mesma data que uma filha que havia falecido e ela decidiu colocar o mesmo nome “Terezinha”, daí algumas pessoas alertaram do perigo que a criança corria ao receber o mesmo nome da irmã falecida:

O nome dela era Terezinha. Aí é assim: Terezinha minha, depois de treze anos, Bernadete tinha treze anos quando ela nasceu, aí ela nasceu na mesma data e no mesmo mês vinte e cinco de Julho, aí a minha primeira filha também foi vinte e cinco de Julho é dia do motorista, aí ela nasceu nesse dia, aí ela foi nasceu também, aí eu botei o nome, aí o povo dizia não bote não que ela morre, eu disse: “não, mas eu vou botar”, coincidência, não é? Aí o povo dizia: “ela vai morrer”, mas é o mesmo nome, o povo dizia que eu não botasse (HILDA COSTA, janeiro de 2012).

Percebemos que até fins do século XX a morte e os mortos despertavam a imaginação das pessoas, fazendo com que estas se preocupassem muito com a realização dos ritos para que os mortos não voltassem a incomodar os vivos. Uma fonte interessante para notarmos essa preocupação das pessoas com o destino da alma são os testamentos.

Ariès em seu livro “A história da morte no Ocidente” afirmou que na segunda metade do século XVIII, os testamentos já não eram mais utilizados para falar do que poderia ser feito pela alma daquele que fazia o testamento depois que este viesse a falecer:

Ora, na segunda metade do século XVIII, uma mudança considerável interveio na redação dos testamentos. Pode-se admitir que essa mudança foi generalizada em todo o Ocidente Cristão, protestante ou católico. As cláusulas piedosas, as escolhas de sepultura, as instituições de missas e serviços religiosos e as esmolas desapareceram, tendo sido o testamento reduzido ao que é hoje _ um ato legal de distribuição de fortunas (ARIES, 2003, p. 69-70).

O autor comete um erro quando diz que a mudança relacionada aos testamentos acontece em todo o Ocidente, porque durante nossas pesquisas encontramos testamentos do século XX em que a pessoa que o havia encomendado não estava preocupada apenas em dividir fortunas, mas também falava do que desejava que fosse feito depois de sua morte. Além dessa questão dos testamentos, o autor ainda diz que a fotografia mortuária teria desaparecido durante o século XX, e ainda hoje existe essa prática de fotografar o morto em Brejo do Cruz. Este trabalho de Aries é sem dúvida muito interessante, contudo em alguns momentos percebemos como este autor se engana ao fazer determinadas generalizações.

Mas, sabemos que precisamos pensar o Brasil de forma peculiar. Para pensarmos o caso brasileiro, nos apropriamos do estudo de Damatta, este autor disse no livro “A casa e a Rua” que no Brasil fala-se muito dos mortos e pouco da morte, sendo assim a memória dos mortos são preservadas e os laços que uma pessoa construiu durante sua vida com outras pessoas não se desfazem após a morte. Essa relação entre vivos e mortos contribuiu para que os vivos mantivessem determinadas práticas mortuárias e inventassem outras, o que não poderia acontecer seria a perda dessa relação, o que provocaria o esquecimento do morto:

Os mortos, como estamos vendo, são uma peça crítica na dinâmica deste universo social. São entidades tipicamente relacionais e, como tal, comandam atenção e reverência. Por tudo isso, podemos entender porque no Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem (DAMATTA, 1991, p. 170).

Damatta fala que algumas sociedades são individualistas e nestas a morte é vista como um grande problema, por isso este autor disse que nestas sociedades as práticas mortuárias acontecem de forma a apagar a memória do morto, um exemplo desse tipo de sociedade é a americana. Assim, percebemos que um historiador deve ter em mente que as práticas culturais podem variar dependendo do espaço e do tempo. Em relação às práticas mortuárias, é interessante como muitas pessoas entendem tais práticas como algo natural, como se não sofressem modificações ao longo do tempo. Como disse Norbert Elias:

Não só os meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. Ela é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida (ELIAS, 2001, p. 11).

Nos testamentos que encontramos, fica clara a preocupação com a vida após a morte das pessoas que os encomendaram. Vejamos o que declarou a senhora Francisca Guimarães em seu testamento:

[...] Mando que depois de minha morte sejam celebradas em benefício de minha alma dez missas instituo meu universal e único herdeiro ao meu filho de criação de nome José Fernandes da Silva [...] (FRANCISCA B. GUIMARÃES, 1925).

Entendemos que existiam, ainda no século XX, pessoas que se preocupavam muito com o destino de suas almas e utilizaram os testamentos para deixar registrado o que desejavam que seus familiares fizessem para beneficiar suas almas. Nesse testamento vimos que esta senhora diz primeiramente quantas missas deseja que sejam

realizadas em benefício de sua alma, antes mesmo de falar quem nomeia enquanto seu herdeiro. Também encontramos testamentos em que a pessoa estava preocupada em dizer como queria ser vestida e onde iria ser sepultada, como é o caso do senhor Vicente Alves:

[...] Primeiramente disse que como christão Cathólico quer que logo que falecer seja envolto em preto e sepultado no cemitério desta freguesia e que seu desejo se faça segundo o uso e com a decencia celebrada à sua pessoa e bem ao tempo de sua morte e que por sua alma sejam celebradas vinte e cinco missas [...] (VICENTE ALVES, 1921).

A partir da análise desses testamentos notamos a importância que essas pessoas atribuíam a realização das missas destinadas aos mortos, pois nos testamentos que encontramos um dos detalhes que nos chamou atenção foi a quantidade de missas que as pessoas determinaram:

[...] Logo que falecer deseja que seu corpo seja sepultado no cemitério desta freguesia com a decência relativa a sua pessoa e bem ao tempo de sua morte; em segundo lugar disse: que como christão catolico quer que sejam celebradas em sufrágio de sua alma quinze missas [...] (JOSÉ LUIZ DE FIGUEREDO, 1921)

Percebemos que para essas pessoas as missas que deveriam ser celebradas após morrerem iriam beneficiar suas almas. Contudo, parece que a prática de encomendar testamento não era muito comum no século XX em Brejo do Cruz. De acordo com os relatos da maioria dos entrevistados as cerimônias fúnebres eram muito simples, devido as dificuldades de sobrevivência que principalmente as pessoas que moravam nos sítios tinham de enfrentar. O senhor Francisco Cardoso³³ falou dessas dificuldades:

[...] Quem morava nos sítios toda vida sofreu muito. Hoje os velhos não sofrem mais muito não. Porque é tudo aqui numa vida boa, tem mais um governo pra dar o aposento, não é? Da a aposentadoria, os velho tudo bem, mas naquele tempo, velho sofria.

Então, se grande parte das pessoas vivia em dificuldades para sobreviver, é normal que não fizesse um testamento, pois mesmo que esse documento ainda fosse usado para falar sobre o que seria feito após a morte do testador, se a pessoa não tinha nenhum tipo de bem para ser dividido, sua preocupação com a vida após a morte era manifestada e confiada aos familiares apenas oralmente.

Contudo, mesmo não sendo comum a prática de encomendar testamentos, os brejocruzenses se preocupavam em realizar todos os ritos para que a alma do falecido

³³ - Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

seguisse seu caminho. Diante das dificuldades, as cerimônias fúnebres aconteciam de forma muito simples, mas a simplicidade dessas cerimônias não tirava a importância que os familiares atribuíam a esses momentos.

Reis (1991) analisa a necessidade que a maioria das pessoas que viveram em Salvador durante o século XIX sentia no tocante da realização das missas fúnebres. Enquanto as missas fúnebres no Brasil oitocentista eram tão celebradas, e tão pedidas pelos moribundos, em Brejo do Cruz na primeira metade do século XX, nem sempre eram realizadas, principalmente para quem morava nos sítios mais distantes, segundo a senhora Maria do Céu:

[...] Missa de corpo presente era só pra quem era rico. Os pobres quando chegavam aqui, iam direto para a Igreja. Às vezes o padre ia e encomendava o corpo, colocando aquela água benta e fazendo aquelas orações. Se se matasse com as mãos ou morresse envenenado não entrava na Igreja. Se fosse assim o padre vinha e encomendava do lado de fora (MARIA DO CÉU,2010).

Podemos notar que nem todas as pessoas que morriam tinham uma missa de corpo presente, porque se no Brasil Oitocentista existiam as Irmandades Religiosas que se encarregavam de realizar os rituais, mesmo dos mais pobres, nas primeiras décadas do século XX não existiam essas instituições em Brejo do Cruz (no caso as irmandades religiosas) e por isso quem não tinha dinheiro para mandar celebrar a missa, não tinha a quem recorrer, e era enterrado sem a celebração da missa.

Se esta missa era vista como algo importante para o destino da alma, em situação pior que a dos pobres estava aqueles que assassinaram ou suicidaram-se, pois estes nem na Igreja entravam, ficavam do lado de fora. De acordo com a senhora Maria Aranha³⁴ *não era permitido que essas pessoas entrassem porque assassinar e suicidar-se eram vistas como práticas do demônio*, por isso os destinos dessas pessoas, já pareciam certos, para um bom lugar não iriam.

1.4-Os velórios e enterros em Brejo do Cruz

A cidade de Brejo do Cruz nas primeiras décadas do século XX tinha uma população rural considerável, tanto é que das pessoas entrevistadas a maioria disse que morava em sítios. Muitas dessas pessoas em seus relatos falaram das dificuldades que

³⁴ - A senhora Maria Aranha tem 64 anos, morou boa parte de sua vida no Sítio. É católica e sua ocupação é com os serviços domésticos. Entrevista realizada em 2010.

passavam nesse tempo, mas também enfatizaram o quanto se sacrificavam para proporcionar ao ente querido uma “boa morte”, com um velório e enterro digno.

A começar pelas pessoas que moravam na zona rural, percebemos que diante das dificuldades essas pessoas demonstravam solidariedade e respeito para com amigos e conhecidos do falecido. Segundo o senhor Manoel³⁵, *quando morria alguém todas as pessoas que moravam perto iam ao velório, porque achavam que se não fossem tanto ofenderiam a família, como ao defunto*, por isso tinham como obrigação ir visitar o morto, esta atitude também era sinal de respeito e consideração pela família.

Ao analisarmos as quinze entrevistas realizadas com os idosos notamos que os ritos fúnebres realizados em Brejo do Cruz até meados do século XX nos lembram o que Philippe Aries denominou de “morte domesticada”, porque mesmo não havendo tanto planejamento para a morte, esta raramente acontecia de forma solitária. De acordo com os entrevistados, em muitas casas guardava-se uma rede branca para quando alguém da família morresse ser carregado até o cemitério, porque dificilmente os mortos eram enterrados em caixões, vejamos o que a senhora Francisca Dutra disse a respeito de como eram realizados os ritos fúnebres no sítio que ela morava:

Era assim, botava num punho, amarrava naquelas traves de pau de um lado e de outro e o defunto ficava livre naquela rede e ali se juntava aquele povo. Era uns a cavalo, outros de pés para trazer. Tomavam cachaça, quando chegavam aqui já tavam bêbados (FRANCISCA DUTRA, 2012).

Podemos perceber que havia muita dificuldade para realizar um ritual fúnebre na zona rural, principalmente por causa da longa distância que era preciso percorrer para se chegar à cidade e enterrar o defunto.

Aí tinha vez que a gente ia numa estrada e quando dava fé lá vinha aquele homem a cavalo na frente e atrás vinha uma multidão de gente que iam levando o defunto, quando um cansava, aí o outro descia do cavalo e pegava. Olhe na Pinheira, onde Rita morava amanhecia o dia ia para o curral tirava um carneirão grande, matava e fazia o almoço pra o povo e quando terminavam de almoçar acunhavam, não sei como não morriam na quentura (MARIA DO CÉO, 2010).

A partir da fala da senhora Maria do Céu, notamos que mesmo existindo algumas dificuldades financeiras entre muitas famílias brejocruzenses, em alguns destes velórios eram oferecidos almoço, café, chá, em alguns casos, a família se encarregava de providenciar até o jantar para que as pessoas que tinham ido para o enterro pudessem

³⁵ - Entrevista realizada em 2010.

ser alimentadas em seu retorno. A senhora Hilda também falou da diversidade de comida que foi oferecida em um velório que ela visitou:

O povo cortava aquelas carne e cozinhava pra o povo comer de noite, e tinha coalhada. Ave Maria, eu fiquei impressionada porque eu vi a cabeça do carneiro empendurado, aí eu fiquei tanto assim, imaginado que eu não comia mais carne de carneiro, vendo tirar o couro, botando no fogo e fervendo e fazia aqueles pirão, aquelas coisa, e comendo, mulher, de noite e o defunto lá fora.

Podemos notar que se dava muita importância às visitas dos conhecidos e ir aos velórios era como um “dever” das pessoas que moravam nos sítios vizinhos. Hoje, alguns idosos reclamam que as pessoas não se importam mais em ficar velando o corpo, vão apenas olhar e voltam para suas casas. Segundo o senhor Francisco: *Já hoje é diferente o povo só olha mais se for morto de faca, ou de cacete ou de bala, pode prestar atenção.* Para o senhor Francisco parece que atualmente as pessoas vão aos velórios nessas situações apenas olhar a tragédia acontecida, diferentemente de quando ele era adolescente, um tempo que para este senhor, existia consideração.

De acordo com o Francisco Cardoso³⁶ as pessoas não iam ao velório apenas para ficar olhando para o defunto ou consolar a família, muitos iam para beber cachaça, pois ao ser anunciada a morte de alguém imediatamente a família mandava comprar cachaça, o que era um atrativo para aqueles que gostavam de beber. *E a cachaça, sempre era cachaça. Passava a noite todinha bebendo, era pra despertar [...]. Ia carregar às vezes, minha filha, bebo.* Essa prática de beber durante o velório era conhecida como “beber o morto”.

Segundo a senhora Lindalva Cunha existia a solidariedade dos parentes e amigos, mas os velórios também eram momentos de descontração. Ela disse que alguns se alegravam ao saber que tinha um velório para ir: *[...] davam graças a Deus morrer um, porque a cachaça era grande.*

A família precisava que muitas pessoas fossem para o velório, não apenas como forma de prestigiar o defunto, mas também porque quando chegava o momento do enterro, essas pessoas seriam úteis, era preciso muita gente para carregar o defunto, pois tinham que carregá-lo durante muito tempo devido a longa distância até chegarem a cidade. De acordo com os entrevistados uns eram levados para a Igreja e outros iam direto para o cemitério.

³⁶ - Entrevista realizada em 2012.

Alguns idosos também destacaram que as cerimônias fúnebres eram muito simples, além de ser difícil alguém ser enterrado em caixões, os objetos que eram utilizados nestas cerimônias eram improvisados, geralmente os familiares usavam os objetos que tinham em casa.

Durante as entrevistas, pessoas idosas falaram das dificuldades que enfrentavam para realizar os rituais fúnebres e também das dificuldades de sobrevivência naquele tempo, principalmente os que moravam nos sítios. A senhora Maria do Céu fala da falta de objetos nos velórios:

O defunto era o seguinte: pegava botava uma esteira e botava no chão. Aí pegava os tambores e colocava as velas, acendia as velas dentro de xícaras cheias de areia. Ah, hoje tem tudo, tem tudo quanto é bom pra quem morre. O prefeito dá tudo, naquele tempo a gente nem conhecia o prefeito (MARIA DO CÉU, 2010).

Assim, uma das diferenças entre os ritos fúnebres de meados do século XX e os de hoje, segundo a senhora Maria do Céu, é que atualmente o prefeito dá caixões, ou algum dinheiro para a realização do funeral, o que sabemos, é claro, que essa política “assistencialista” não é desinteressada, pois se espera que o seu “favor” seja recompensado nas eleições. Segundo a senhora Maria do Céu essa política assistencialista é algo recente, no tempo em que ela era adolescente não tinha a quem pedir ajuda, por isso esses rituais aconteciam com os objetos que tinham em casa, que eram em sua maioria muito simples.

Baseado nos relatos de alguns entrevistados que moraram a maior parte de suas vidas na zona urbana, notamos que na cidade havia mais facilidade no procedimento dos ritos fúnebres, pois a forma de avisar a morte era mais simples, não precisavam percorrer longas distâncias para avisar aos conhecidos do morto. Na hora da agonia era mais fácil a presença de um padre. Havia caixões, embora não sendo para todas as pessoas. Não se andava tanto para chegar ao cemitério. E mesmo nos rituais realizados na cidade existiam diferenças dependendo principalmente das condições financeiras das pessoas.

Sobre essas diferenças o senhor Manoel disse: *quando eu morava no sítio não tinha diferença, mas na cidade já existia diferença. As pessoas que tinham mais condições era quem podia comprar caixões.* Mas, de acordo com outros depoimentos,

como o da senhora Maria do Céu existiam mais diferenças: *Enterro de pobre era um e enterro de rico era outro. Até a missa era diferente.*

Alguns idosos falaram que, com o passar do tempo, pessoas que tinham melhores condições financeiras e que compravam caixões, em alguns casos, pediam para ser enterrados sem o caixão, determinando que este fosse doado ao cemitério para que pessoas pobres pudessem utilizá-lo. Com essas doações e a ajuda que os políticos passaram a dar para que os mais necessitados organizassem as cerimônias fúnebres de seus entes queridos, a prática de carregar o morto em redes foi desaparecendo.

As dificuldades financeiras eram um empecilho para que os ritos fúnebres fossem realizados com mais sofisticação, porque como havíamos falado anteriormente, grande parte desses ritos que eram realizados em Brejo do Cruz em meados do século XX eram organizados com os objetos que tinham em casa, era preciso improvisar num tempo em que nem os serviços das funerárias estavam disponíveis como atualmente, e tampouco as pessoas tinham dinheiro para pagá-los.

Antes eram os familiares do morto que organizavam o velório e o enterro, hoje, em muitas sociedades os familiares não querem se preocupar com os detalhes da organização das cerimônias fúnebres, vejamos o que Maranhão (1996) fala sobre o papel das funerárias atualmente:

[...] Esta assume, cada vez mais em nossos dias, os encargos ligados com um caso de morte: problemas de necropsia, sepultamento, questões de seguro social, herança... Assim, as pessoas vão se retraindo do trato com os mortos e assumindo o mero papel de espectadores (MARANHÃO, 1996, p. 17).

Ao visitarem os velórios que acontecem hoje em Brejo do Cruz, os idosos percebem algumas diferenças: poucas pessoas, objetos mais sofisticados. O senhor Francisco disse: *Eu tô cansado de dizer que hoje defunto tá luxando.* Para este senhor os velórios mais recentes são bem organizados, porém, assim como outros idosos, ele reclama que as pessoas não se importam mais em ficar velando o corpo, vão apenas olhar e voltam para suas casas.

Talvez essa seja uma característica de uma sociedade em que os jovens não falam muito de morte, dessa forma é desagradável ficar muito tempo em um velório, o que para os idosos parece ser algo simples e necessário. Ao ouvirmos os entrevistados entendemos que as práticas e representações que eles construíram e aprenderam a valorizar são diferentes da que percebemos atualmente entre os jovens de Brejo do

Cruz, o que causa um conflito entre jovens e idosos em suas maneiras de encarar a morte. Como disse Chartier:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1988, p 17).

Dessa forma, os idosos geralmente ignoram o comportamento dos jovens em relação às práticas fúnebres que foram deixadas para trás, principalmente o luto, que hoje não é mais entendido por muitos brejocruzesenses como algo importante.

Ao demonstrarmos nosso interesse em saber como eram realizadas as cerimônias fúnebres no passado, notamos que alguns dos entrevistados acharam estranho, mas logo que começamos as entrevistas, eles iam enfatizando as diferenças das cerimônias que aconteciam antes e as que ocorrem atualmente, o que nos fez perceber que aos poucos eles iam compreendendo o objetivo da nossa pesquisa.

Ao narrarem a forma como essas cerimônias eram realizadas, todos os entrevistados falaram que era tudo diferente, dificilmente alguém era enterrado em caixão, o mais comum era o morto ser levado para a igreja e para o cemitério em uma rede, um detalhe que nos chamou atenção foi que alguns entrevistados disseram que a rede tinha que ser branca, daí percebemos toda uma representação construída a partir dessa cor. Talvez a cor branca da rede representasse um caminho de paz para o morto. Cláudia Rodrigues em seu livro “Lugares dos mortos na cidade dos vivos” fala um pouco da importância da cor branca para os africanos e também para os cristãos, vejamos:

A predominância do branco pode ser explicada pelo significado que lhe era dado tanto no universo cultural africano como no cristão. Entre os vários grupos étnicos africanos, o branco simbolizava a morte. Para os cristãos, a cor simbolizava a esperança na vida eterna, prometida através da Ressurreição, expressando, também, uma identificação com o santo sudário: tecido branco que envolveu o corpo de Jesus Cristo após a morte no Calvário e com o qual ressuscitou. Ainda poderíamos acrescentar que, para os africanos e também para os cristãos, o branco representava tanto a morte como o (re)nascimento, sendo este associado à ressurreição pelos cristãos e, para os africanos, ao nascimento para uma nova vida; estes, todavia demonstravam fazer maior uso dele (RODRIGUES, 1997, p. 201).

A autora fala dessa cor enfatizando que ao escolherem a cor de suas mortalhas, as pessoas que viveram no Rio de Janeiro durante o século XIX, escolhiam com frequência o branco. Assim, entendemos que se havia uma exigência para que a cor da

rede fosse branca, certamente existia uma crença que a cor branca ajudaria o morto em sua passagem para uma outra vida.

Em relação à questão da vestimenta do morto, com base no trabalho de Reis percebemos que, na cidade de Salvador no século XIX, dava-se muita importância a escolha da vestimenta fúnebre. “Na época da cemiterada, as roupas fúnebres mais utilizadas eram as mortalhas de vários tipos. Os que testavam deixavam instruções sobre como desejavam vestir-se para o funeral” (REIS, 1991, p. 116).

Segundo os entrevistados, até meados do século XX, todas as pessoas que moravam em Brejo do Cruz, quando faleciam eram vestidas com mortalhas. Atualmente, esta prática tem sofrido modificações, as mortalhas estão sendo substituídas por roupas do cotidiano, o que nos faz pensar que muitas pessoas não acreditam mais que a vestimenta do morto influencia em sua passagem para outra vida. Acreditamos que os mais jovens veem essa mudança na forma de vestir o defunto como algo positivo, já os idosos demonstram não gostar muito dessa mudança. A senhora Hilda Costa falou sobre como eram essas vestimentas:

É, ia de mortalha, tinha que ser. Sabe quem fez muita mortalha aqui Maria do Céu Linhares, ela fazia e era assim minha filha, aí meu Deus, fazia uma saia, se fosse mulher aquela saia de murim, a saia de murim por baixo, depois vestia aquele roupão branco por cima dessa saia, e depois o manto, se fosse mulher tinha manto, se fosse homem não tinha não. Ia também em traje de São Francisco, minha mãe foi. Ela dizia: quando eu morrer eu quero ir com a roupa de São Francisco (HILDA COSTA, 2012).

Então, de acordo com a senhora Hilda, a vestimenta fúnebre tinha que ser mortalha. Esta senhora disse que quando morria uma “moça”³⁷, sua vestimenta, em alguns casos, era diferente:

A irmã de Ivandi ela sofreu, ela pegou uma tuberculose, ela morreu com trinta e seis anos, aí ela também, foi eu que organizei a roupa dela vestir. Era um vestido de noiva, ela foi. Não tem Nossa Senhora? Nossa Senhora da Boa Morte. Aí ela foi com essa roupa branca, aí eu botei uma aliança no dedo dela, a aliança não era de ouro não, e ia também de grinalda [...].

Nessa passagem da entrevista realizada com esta senhora, lembramos um detalhe interessante apontado por Reis no livro “A morte é uma festa”³⁸, ele fala da relação entre morte e sexualidade e acrescenta que no passado algumas mulheres que não eram

³⁷ - Aqui nos referimos a uma mulher virgem.

³⁸ - (REIS, 1991, p. 120).

virgens, eram vestidas de preto, já aquelas que morriam virgens, como forma de representar sua pureza virginal, eram vestidas de branco.

Com base nas entrevistas dos idosos percebemos que até a década de setenta do século XX em Brejo do Cruz as pessoas pareciam mais preparadas para enfrentar a morte, a preocupação maior era com o bem morrer, era preciso que o moribundo, em seus últimos instantes, estivesse rodeado dos familiares e amigos, com rezas e vela, uma vestimenta adequada, e se possível alguém que o “ajudasse a morrer”, de preferência um padre. Todas essas práticas ajudariam o morto em sua passagem para a outra vida, evitando que sua alma ficasse penando.

CAPÍTULO 2

O LUTO EM BREJO DO CRUZ: CONFLITOS ENTRE JOVENS E IDOSOS EM SUAS FORMAS DE ENCARAR A MORTE

No capítulo anterior procuramos identificar as práticas mortuárias e representações da morte que eram comuns em Brejo do Cruz até fins do século XX. Neste capítulo analisamos a importância que os idosos atribuem ao luto; os conflitos existentes entre idosos e jovens em relação às representações da morte e às práticas fúnebres; e, por último, buscamos perceber como o cemitério tem sido representado e como as pessoas têm se apropriado desse espaço.

De acordo com João José Reis no livro “A morte é uma festa”, as pessoas que viveram em Salvador no século XIX entendiam que o luto era uma prática necessária para que os mortos conseguissem a salvação de suas almas. Tal prática também era uma forma de mostrar para a sociedade a importância daquele que se foi para sua família, parentes e amigos. Sobre o luto, Reis enfatiza:

O luto doméstico seguia uma série de preceitos com múltiplas funções: expressar prestígio social, mostrar a dor, defender a família enlutada de um retorno do defunto. Exatamente como em Portugal, não se dizia o nome de quem morria, falava-se do Morto, do Defunto, do Falecido. A viúva, especialmente, não pronunciava o nome do marido, referindo a ele como “meu defunto”, para reafirmar sua nova condição (REIS, 1991, p. 132).

Nesta sociedade, a maior preocupação era que o morto não permanecesse entre os vivos, mas seguisse seu caminho, indo para um bom lugar. Pronunciar o nome do morto era atrapalhar sua busca pela salvação no outro mundo, não permitir que ele desapegasse do mundo material, haja vista que a tradição popular conserva, como localiza Câmara Cascudo, a compreensão de que:

A alma só abandona o corpo no último suspiro. A) fica na terra durante três dias, b) até a missa do sétimo dia, c) até a família vestir a roupa de luto, d) não sobe enquanto o cadáver estiver de fora, sem ser enterrado. (CASCUDO, 1988, Verbete: Alma, p.38)

Ao analisarmos as entrevistas com os idosos percebemos o quanto o luto é entendido como algo importante para essas pessoas. De acordo com o depoimento da maioria dos entrevistados, em Brejo do Cruz, ainda no século XX, existiam as regras de luto. Reis fala de algumas regras de luto existentes no século XIX em Salvador:

O luto, segundo a legislação civil colonial, devia ser usado durante seis meses por conjugues, pais, avós, bisavós, filhos, netos e bisnetos. Durante quatro

meses por sogros, genros e noras, irmãos e cunhados. Dois meses por tios, sobrinhos, primos e irmãos apenas por parte de pai ou mãe. Somente quinze dias por parentes mais distantes. No século XIX, essas regras provavelmente estavam em desuso, se é que foram algum dia seguidas. Ewbank registrou em meados desse século regras muito precisas de luto: um ano por falecimento de pai, mãe, conjugue, filhos; quatro meses por irmãos, dois meses por primos e tios; um mês por primos de segundo grau; cinco ou oito dias por outros parentes. Na tradição colhida pelos costumbristas, as viúvas, por exemplo, mantinham ‘luto fechado’ até o fim da vida [...] (REIS, 1991, p. 133).

É curioso que, para este autor algumas regras de luto pareciam em desuso no século XIX e, no entanto, em Brejo do Cruz, alguns idosos afirmaram que, até meados do século XX, essas regras eram seguidas e aqueles que não seguiam eram vistos pela sociedade como alguém sem sentimento. O senhor Manoel Alves disse que no tocante ao luto era tudo diferente de hoje:

Ah, isso aí é diferente. Quando morria uma pessoa quando dava sete dias a família tava toda de preto. Podia ser parente já muito longe, mas botava luto, vestia preto. Aí passava a esposa ou o marido, o que fosse a esposa ou o esposo passava vestindo preto toda a vida. O homem vestia uma calça preta com uma camisa branca e ficava toda a vida, muito tempo, e a mulher ficava de preto a vida inteira até morrer também. Antigamente era assim. Aí irmão, irmão passava um ano vestindo preto, sobrinho, tio, essas pessoas era seis meses, depois de seis meses terminava, não precisava mais vestir preto não. Agora a viúva ou o viúvo ficava como um sinal usando preto toda a vida. A viúva não tirava mais nunca o vestido preto, era direto³⁹.

Ao que tudo indica, em Brejo do Cruz a importância atribuída ao luto estava mais voltada para a questão do respeito e consideração pelo morto, do que mesmo para a ideia de que essa prática iria ajudar o morto a alcançar a salvação. Segundo a senhora Rita Linhares o luto não era apenas usar vestimenta preta, algumas pessoas seguiam costumes que para a época não era tão comuns. Sobre o luto ela disse:

Todo mundo botava. E as mulheres era vestido preto mesmo, não era só pintado não, era vestido preto mesmo. E os homens era calça preta, camisa branca e botava a fita preta na camisa. É, tem muita diferença. Esse Basto de Chavier nós chegamos lá de manhã, eu me lembro como se fosse hoje, a gente tinha ido ver água, quando chegamos lá em casa, já tava uma pessoa que tinha vindo chamar, aí nós fomos pra lá, ele era dentro de uma rede coberto, chorando direto, porque é muito difícil um homem chorar, mas ele chorou muito no dia que a finada Maria morreu. Era, não tirava a barba, não tirava um cabelo, não tirava nada⁴⁰.

Para a senhora Rita Linhares a prática de não cortar cabelo, não tirar a barba não é muito interessante, pois *cabelo não tem nada a ver com o sentimento*, mas em relação à questão da cor da vestimenta, esta senhora parece entender como algo importante.

³⁹ - Manoel Aves, 2012.

⁴⁰ - Rita Linhares, 2012.

Além dessas práticas, os entrevistados ainda destacaram que, durante o período do luto, os familiares não iam à festas, não ligavam rádios, não pintavam as unhas, todas essas práticas era um sinal de que os enlutados estavam sentindo a morte de um ente querido.

De acordo com a senhora Sebastiana apenas as crianças pequenas não botavam luto, porque era pecado uma criança colocar luto. A senhora Delzuite⁴¹ enfatizou que só colocam luto por pessoas casadas, por rapaz não se botava luto: *sempre solteiro não botava luto não*. Ao perguntarmos o porquê de não colocar luto por pessoas solteiras, a senhora Delzuite não soube dizer, afirmando que era um costume. Já em relação às crianças entendemos que por não terem pecado, não era necessário que as pessoas se entristecessem, ou mesmo vestissem preto, porque a salvação dos anjinhos era uma certeza.

Percebemos que as práticas de luto eram vivenciadas de forma a exibir a tristeza que a morte de um ente querido teria provocado. Neste tipo de luto os parentes e amigos tinham como obrigação demonstrar apoio à família enlutada, sendo este apoio feito a partir de visitas. Dessa forma, as pessoas pareciam encontrar consolo, diferentemente de hoje, em que, ao invés de falar de sua dor, preferem esconder, sofrer calado, sozinho. Koury em seu livro “Sociologia da emoção” trata da questão do luto no Brasil urbano, e nesta obra ele diz que, em muitos casos, os familiares desprezam a companhia de um amigo para falar sobre a morte da pessoa que faleceu:

Ao enfatizarem a não importância do outro para expressão dos sentimentos, e de que cada um pode e deve viver as suas emoções como bem desejar, caem tendencialmente na expressão individualista da ação social, onde apenas o valor mercantil da troca tem sentido. Os sentimentos e afetos, deste modo, perdem o poder de comunicabilidade e, ao deixar de serem comunicáveis, tendem a perder o sentido. O que amplia o sofrimento individual, a solidão e as dificuldades de ação dos indivíduos no cotidiano (KOURY, 2003, p. 192).

Segundo o autor, hoje não se fala mais de sentimentos, e ao que tudo indica não é só uma recusa dos familiares, mas também das pessoas próximas da família que quando fazem sua visita não demoram, também não falam do morto, e quando os familiares demonstram estar muito abatidos com a morte do ente querido, as pessoas ignoram tal comportamento, e em alguns casos se afastam, porque a companhia de alguém muito abatido é vista como desagradável.

⁴¹ - Delzuite Silvestre, 2012.

O trabalho deste autor está voltado para a classe média das capitais brasileiras, por isso é preciso enfatizar que as mudanças que Koury diz ter acontecido nas práticas fúnebres nas décadas de sessenta e setenta parece não ter chegado a Brejo do Cruz no mesmo período. Brejo do Cruz é uma pequena cidade do sertão paraibano, com poucos habitantes, e aqui existe uma mistura de novas e antigas práticas fúnebres.

Apesar das funerárias terem ganhado espaço na sociedade brejocruzense, nesta cidade ainda não existe um salão dedicado a velar o corpo do falecido, os velórios sempre acontecem na casa dos familiares do morto. Assim, em relação ao fato da família ter entregado as funerárias a responsabilidade de cuidar das cerimônias fúnebres, em Brejo do Cruz isso só acontece em parte.

Em muitos casos, a funerária se encarrega apenas de trazer o corpo do falecido quando este se encontra em outra cidade, e também carregá-lo até a Igreja e depois ao cemitério. Também se responsabilizam pelo caixão, vestimenta, flores, entre outros detalhes. Mas, ao velar o corpo morto em sua casa, os familiares se encarregam, na maioria das vezes, de oferecer chá, café, bolachas para as pessoas que fazem suas visitas.

As funerárias atuam em Brejo do Cruz ainda de forma tímida, porque nem todas as pessoas podem pagar por tais serviços e para outras, esses serviços não são necessários. Alguns idosos que presenciaram muitos velórios e estes, na maioria das vezes, muito simples e organizados pelos familiares, veem os serviços funerários como um luxo (desnecessário) oferecido ao morto.

A senhora Maria do Céu falou sobre os serviços das funerárias com certo tom de ironia: *tem as funerárias que traz até o café, quem paga o plano vem até um gelágua, pra o cabra beber água gelada, vem café, vem tudo. E eu queria pagar o plano pra o povo beber água gelada. Tem uma canja.* A senhora Maria do Céu fala de alguns serviços que não são comuns como disponibilizar um gelágua, ou mesmo a funerária oferecer uma canja. Esses detalhes quando são encontrados nos velórios quem consegue são os próprios familiares, salvo alguns casos em que a funerária oferece um serviço mais sofisticado.

O que nos chamou a atenção, foi o tom de ironia que esta senhora falou. Sendo alguém que recebia os mortos em sua casa para arrumá-los, fazia mortalhas e depois

vestia morto, percebemos que para a senhora Maria do Céu os serviços funerários parecem descaracterizar o ritual de morte, que antes era organizado pela família ou pessoas próximas. As cerimônias eram organizadas com a ajuda de amigos que faziam isso por solidariedade e não por dinheiro, como é o caso das funerárias. Além de tudo, antes se entregava o corpo a alguém conhecido, de confiança, o que é diferente de quando se entrega aos serviços de pessoas desconhecidas. Com isso, notamos certa desconfiança ou mesmo receio de alguns idosos em relação aos serviços oferecidos pelas funerárias.

Quando questionamos os entrevistados sobre a importância do luto eles relataram que o luto era importante sim, e a maioria ignora a ausência desta prática atualmente em Brejo do Cruz. Vejamos o que disse a senhora Inácia:

Se eu considero o luto importante? O luto é importante pra quem tem sentimento, agora quem não tem é melhor não usar luto não. Mas hoje em dia morre um pai de família, as filhas só faltam morrer de chorar e mulher e tudo ali naquela hora, aí quando passa dois, três dias, já tão nas festas, ou não é assim? Aí pra que luto? Repare que antigamente, quando morria uma pessoa todo mundo da família ficava enlutada, não é? Hoje em dia você nem vê. A missa de trinta dias, a missa que faz de sétimo dia você não ver quase gente de luto. Eu botei luto pela minha mãe, e de meu pai⁴².

O que mais foi enfatizado nas entrevistas ao falarmos de luto, foi a perda dessa prática, os idosos parecem entender a ausência de luto como uma falta de respeito por parte dos jovens. Também falaram que antes se um indivíduo vestia preto era porque alguém de sua família tinha falecido, e hoje o preto é uma cor usada com frequência por muitas pessoas. De acordo com a senhora Maria do Céu: *Quando se avistava uma pessoa de preto perguntava logo: quem morreu da sua família? Porque não usavam, não era? O luto não era moda, mas agora depois que é moda, pronto!*

Apesar da senhora Maria do Céu ignorar a ausência de luto em Brejo do Cruz, ao perguntarmos se ela considerava o luto uma prática importante, ela respondeu:

Eu não acho não, porque o luto é no coração. E o luto é pra simbolizar que a pessoa morreu, não é? Pra mim o que vale é o sentimento no coração, mas luto é uma besteira, e agora que o povo... De primeiro quando a gente via uma pessoa de preto, perguntava logo quem morreu, quem morreu da sua família? E agora ninguém pergunta mais, que é quase todo mundo de preto⁴³.

Podemos perceber que para esta senhora o luto é somente uma forma de identificar a morte de um familiar ou mesmo alguém que era próximo, sendo assim,

⁴² - Inácia Honorina, 2012.

⁴³ - Maria do Céu Linhares, 2012.

agora que todos vestem preto, o luto perdeu o seu sentido. De acordo com suas palavras o sentimento é o que seria o verdadeiro luto, e não a vestimenta.

A senhora Maria Aranha⁴⁴ disse que: *hoje não é possível identificar as pessoas da família do morto, pois os familiares vão para os enterros com roupas luxuosas, também não choram muito.* Assim, vemos que muitos dos entrevistados relataram a falta de sentimento, acrescentando até mesmo que antes as pessoas choravam mais:

Quando morria uma pessoa não era como hoje, porque hoje com poucos dias já estão nas festas. Não, antigamente, tinha assim um sentimento quando morria uma pessoa que a gente que a gente... só Deus sabe, não é? A gente, ave Maria, meu Deus, sei não. Era muito diferente de hoje. Essa mudança de tempo, não é? Porque hoje é muito diferente de antigamente⁴⁵.

Os conflitos de geração vão aparecer quando surgem novas práticas e algumas vão desaparecendo, daí quando um familiar morre, dentro da própria família passa a ocorrer divergências em relação às quais práticas seguir, porque enquanto um idoso diz que uma prática é importante, um familiar mais jovem se nega a segui-la. A senhora Rita Linhares contou um caso semelhante em sua família:

Mas luto é um sinal de sentimento. Quando uma pessoa morre bota um fumo na camisa, aí a pessoa diz quem morreu de vocês, as vezes a pessoa nem sabe, não é? Mas hoje a pessoa não sabe não a diferença de quem morreu e quem não morreu, porque é tudo de preto, não é? Chamava fumo (pedaço de pano ou fita), eu mandei fazer pra Netinho, mandei fazer não, comprei lá em Angelina que vinha já com um brochinho, quando Nildo morreu pra ele botar na camisa pelo menos no dia da missa, mas ele não botou, disse que não queria botar.

Com isso, vemos que os idosos querem preservar as práticas que aprenderam a valorizar durante suas vidas, já os jovens parecem não atribuir importância a tais práticas. Koury aponta em seu trabalho “Sociologia da emoção” casos contados por pessoas entrevistadas em que um tipo de comportamento diante da morte de um familiar pode causar problemas no convívio familiar. Em um desses casos, uma jovem falou que após a morte de seu pai, ela resolveu sair de casa, indo morar com o namorado, o que causou um grande problema familiar, pois todos se voltaram contra ela acusando-a de ser insensível⁴⁶.

O outro caso que nos chamou atenção foi de um entrevistado que falou que quando a mãe morreu seu irmão estava longe, com isso ele resolveu ligar para que ele

⁴⁴ - Maria Aranha, 2010.

⁴⁵ - Rita Linhares, 2012.

⁴⁶ - Ver Koury, 2003, p. 180-181.

fosse para o velório, contudo, de acordo com seu depoimento, o irmão respondeu indiferente que não poderia ir por causa de seus negócios. Com isso, o entrevistado disse que houve uma discussão por telefone e depois a relação desses irmãos nunca mais foi a mesma⁴⁷.

Os exemplos tratados por Koury são interessantes para pensarmos os conflitos que muitas vezes ocorrem devido a práticas e representações da morte que são divergentes. É curioso que as pessoas que não agem como a sociedade espera sofrem com julgamentos e indiferença, isso ocorre, segundo Maranhão,⁴⁸ porque na sociedade industrial capitalista a morte precisa ser negada, os familiares não podem se deixar abalar pela morte de um ente querido.

Em Brejo do Cruz notamos que os idosos parecem alheios a esta lógica da sociedade industrial capitalista, até porque a maioria viveu grande parte de suas vidas nos sítios, onde o ritmo de trabalho é diferente do da cidade. Com isso, preservaram muitas práticas culturais, especialmente as práticas ligadas à morte.

Algumas entrevistas realizadas com jovens, assim como conversas informais nos faz perceber que para grande parte deles o luto não tem importância alguma, sendo algo desnecessário:

[...] você gosta de uma pessoa, mas não pra passar não sei quanto tempo usando preto, deixar de sair, deixar de viver sua vida porque uma pessoa morreu. Morre, a gente gosta, tudo, só que não é preciso tanta coisa por isso não, a vida não vai parar. Eu não digo assim você passar o que... todo mundo fica triste, mas não é preciso tanta coisa por essa pessoa não. Você passa um tempo assim sem beber, sem ir pra festa, sei lá um mês, mas dizer assim não fulano morreu eu não vou mais sair de casa, eu não uso mais roupa não sei o que, eu não tenho mais vontade de sair, não. Fulano morreu acabou, a vida continua. Fica na lembrança boa, mas você não vai morrer junto com ele⁴⁹.

De acordo com as palavras desta jovem notamos que atualmente, em Brejo do Cruz, após o sepultamento do ente querido, é preciso fazer o possível para que o cotidiano não sofra grandes alterações. Maranhão no livro “O que é a morte” diz que:

A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O luto associa-se à ideia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso, em quarentena (1996, p. 19).

⁴⁷ - Ver Koury, 2003, p. 119.

⁴⁸ - 1996, p. 19.

⁴⁹ - Rebecka Carla, 2010.

Assim como Elias coloca em seu livro “A solidão dos moribundos” que o moribundo na sociedade atual é colocado à margem, para Maranhão o mesmo é feito com quem não retoma sua vida após a morte de um familiar. Estas pessoas tendem a ficar isoladas, pois se tornam companhias desagradáveis. Koury no livro “Sociologia da emoção” trata desta questão enfatizando que no Brasil contemporâneo ocorre um “pacto do silêncio”:

Um pacto do silêncio parece ser realizado . Isola os sujeitos em sofrimento, cada qual guardando para si a sua própria experiência pessoal e social de troca com o ser que se foi, ou da ruptura desta troca pela ausência provocada pela perda. O luto, a morte e o morrer viram uma espécie de problemática e uma instância de patologia a serem tratados, nos casos mais agudos pela psicanálise, pela psiquiatria ou pela psicologia, ou a serem ensinados a como com eles lidar, nas escolas e centros especializados (KOURY, 2003, p. 160).

Philippe Ariés também trata do luto afirmando que, durante o século XX essa prática não é mais aceitável. Para este autor a morte teria se tornado inominável, as pessoas não desejam mais falar sobre tal assunto. Dessa forma, o luto já não pode ser vivenciado:

Se o moribundo deve ao mesmo tempo superar seu transtorno e colaborar gentilmente com médicos e enfermeiras, o infeliz sobrevivente deve esconder seu sofrimento e renunciar a recolher-se numa solidão que o trairia, continuando sem descanso sua vida de relações sociais, de trabalho e de lazeres (ARIES, 2003, p. 260).

Sendo assim, notamos que de acordo com estes autores, surge no século XX novas representações para a morte, se antes a negatividade da morte era confortada com uma crença e esperança num destino de salvação, agora parece que a carga de negatividade prevalece, por isso muitas pessoas preferem silenciar a morte. Sobre a questão da morte inominável, Michel de Certeau destacou que:

Considerada por um lado um fracasso ou uma parada provisória da luta médica, subtraída por outro lado à experiência comum, chegando, portanto, ao limite do poder científico e escapando às práticas familiares, a morte é o outro lugar. Numa sociedade que só conhece oficialmente ‘repouso’ como inércia ou desperdício, ela é deixada, por exemplo, às linguagens religiosas fora de moda, entregue a ritos agora desprovidos das crenças que os habitavam (CERTEAU, 2007, p. 295).

A partir das palavras de Certeau entendemos que a morte tornou-se inominável porque ela demonstra o fracasso dos homens que não conseguem fugir desta triste realidade. E em um tempo em que as pessoas vivem em um ritmo frenético, não é conveniente desperdiçar esse bem tão precioso com questões ligadas à morte. De acordo

com Certeau e Ariès as pessoas parecem dedicar-se menos a pensar a morte, como também a cuidar dos mortos.

Porém, nos parece que essa questão da morte ter se tornado inominável não atingiu todos os lugares ao mesmo tempo, sendo assim, notamos que em Brejo do Cruz até meados do século XX as pessoas falavam abertamente sobre a morte e os mortos. Atualmente percebemos que entre os jovens pouco se fala da morte, mas existe uma especificidade em relação ao que os autores citados acima colocaram, hoje as pessoas construíram novas práticas, e estas estão voltadas para a homenagem ao morto, o que nos faz entender que ainda existem momentos em que a morte é falada, e que os sentimentos de familiares e amigos são expressos.

É importante que percebamos as especificidades de determinados lugares antes de dizermos que a morte tornou-se inominável para todos. Também é preciso que percebamos a criatividade das pessoas que, muitas vezes, podem ter mudado os meios de se falar da morte, mas que ainda tratam de tal tema. A tese de Marinalva Vilar: “Loas que Carpem” é um bom exemplo de como o tema morte tem sido tratado. Esta autora analisa como a morte tem sido enfatizada pela literatura de cordel, notando que os cordelistas abordam o tema nas mais diversas situações e que envolvem personagens variados: a morte dos santos, dos políticos, dos amantes, dos cangaceiros, etc.

A partir do trabalho desta autora entendemos que apesar de terem ocorrido muitas mudanças nas formas das pessoas encararem a morte, esta não passou a ser totalmente silenciada. Pensando o caso de Brejo do Cruz, entendemos que os momentos dedicados a falar da morte e expressar os sentimentos são momentos rápidos, diferentemente das primeiras décadas do século XX em que as pessoas seguiam as regras de luto.

Em Brejo do Cruz ocorreram mudanças nas representações⁵⁰ da morte e do morto em meados do século XX. Podemos observar através de algumas entrevistas que, até a década de 70, as pessoas não estavam preocupadas em homenagear seus mortos, os cuidados tomados na hora da morte até a realização de todo o ritual estava voltado para

⁵⁰ - As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p. 39).

uma preocupação com o destino da alma. Já no final deste século os ritos fúnebres vão estar direcionados para a homenagem ao morto, o que não quer dizer que as pessoas não se preocupam com o destino da alma, mas das últimas décadas do século XX e início do XXI as pessoas parecem sentir uma necessidade de falar do morto ou ao morto. Para Vovelle essa mudança já teria acontecido na Europa desde o século XIX:

Evidencia-se que o século XIX assistiu à preparação de uma rede ou de toda uma constelação de ritos e novos gestos referentes à morte e organizados em torno de dois fulcros maiores: a família e a pátria, ou o Estado. À semelhança do que vimos acima, esses ritos apresentavam-se em geral como reaproveitamento de tradições, às vezes de muita longa duração, mas deformadas e retomadas de um novo ângulo (VOVELLE, 1987,p. 352).

Em Brejo do Cruz algumas práticas fúnebres vão ser seguidas apenas pelos idosos, enquanto os jovens vão criar novas práticas, atribuindo muita importância às homenagens ao morto. Essas homenagens são feitas a partir de santinhos, mensagens que são lidas no carro de som que faz o anúncio da missa, em convites de missa, na igreja após as missas, cartazes levados durante o percurso ao cemitério, camisetas com a foto do falecido, etc.

Se antes, a missa de corpo presente nem sempre acontecia, agora, a maioria das pessoas, manda celebrar não apenas essa missa, mas também de sétimo dia, de trigésimo dia, de aniversário de morte. Essas missas são momentos oportunos para pedir a Deus pelo destino da alma daquele que partiu e para os familiares e amigos falarem um pouco sobre o falecido.

As novas práticas criadas principalmente a partir da década de oitenta podem ser entendidas como uma consequência de mudanças que ocorreram no catolicismo aqui no Brasil . De acordo com Montes (1998) a Igreja Católica durante o século XX passa por profundas modificações no tocante à relação Igreja e fiel, pois outras religiões pareciam ganhar espaço tornando-se uma preocupação para os católicos. Diante disso, era preciso que as pessoas que compunham esta instituição repensassem suas práticas, assim como o que a Igreja oferecia e exigia de seus fiéis para que estes passassem a atribuir maior significado à vivência religiosa:

[...] A busca do vigor interior da crença, da experiência de exaltação da fé e do transporte espiritual diante do milagre, como diretriz para a recuperação de uma dimensão privada da experiência religiosa, inteiramente íntima e pessoal, resultaria, no interior da Igreja, numa aproximação a contrapelo com o pentecostalismo, representada pelo fortalecimento e progressiva expansão da Renovação Carismática Católica (MONTE, 1988, p. 80).

Assim, percebemos que com essas mudanças os fiéis se sentiram mais livres para criar novas práticas e representações para a morte. Em Brejo do Cruz, as novas práticas estão voltadas para a homenagem aos mortos. Além dessa abertura que a Igreja possibilitou aos fiéis, um outro fator contribuiu para que hoje seja comum os familiares fazerem tantas homenagens aos mortos: a comercialização da morte.

2.1-“Novas práticas fúnebres”: é preciso homenagear os mortos!

Atualmente, são muitos os serviços oferecidos para que os últimos instantes dos familiares com o morto seja inesquecível, como havíamos enfatizado anteriormente, hoje camisetas com imagem do morto são vendidas, convites de missa cada vez mais sofisticados e as mensagens também podem ser encomendadas quando os familiares não fazem. Vejamos uma dessas mensagens que foi lida na igreja durante a missa de corpo presente da senhora Maria Canadá:

(...) Fostes uma mulher comprometida com Deus, muito freqüente a casa de Deus, trazendo seu buquê de flores que estes foram devolvidos no dia de seu velório, sua casa ficou um jardim bem florido, da maneira que você organizava onde chegava e o que mais admiro é que o seu Neto tem suas virtudes. É Canadá, você procurava ajudar as pessoas c/ suas palavras de conforto, um buquê de flores e um cartãozinho recheado com sua arte.⁵¹

Essas tentativas de dizer um pouco quem foi o morto mostra tanto a vontade dos familiares e amigos de demonstrar seu carinho por aquele que faleceu, como também o desejo dos familiares de construir uma representação do morto como alguém bondoso e querido. Segundo a senhora Maria do Céu *cartaz*, *essas coisas foi desses anos oitenta pra cá, antes não tinha isso não*. Essas mensagens, muitas vezes não são escritas pelos familiares, estes procuram pessoas que costumam escrevê-las e pedem para que façam uma mensagem como se fosse o familiar que tivesse escrito:

Mãe... Todos os dias me sinto triste, na verdade a falta que a senhora me faz é insubstituível... pois tudo é pouco para pagar o muito que tem feito por mim durante sua existência na terra. Nada do que eu faço em vida vai igualar-se ao teu gesto, que foi sempre coroadado de sacrifícios! Graças mãe, a sua paciente espera durante nove meses, graças a sua dedicação dentro de duas horas da noite, que eu fui feliz ao teu lado, porém o destino foi muito cruel, lhe reservando assim, um futuro cheio de dores e momentos de angústias. (...) Vivendo com a sua lembrança mãe... aprendi a não te esquecer jamais! Saudades eternas sua filha: Francisca⁵².

⁵¹ - Rita de Lima, 2010.

⁵² - Escrita por Sandra Maria Fernandes.

Esta mensagem foi feita por Sandra, mas em todo o tempo ela escreve como se fosse a filha da pessoa que faleceu, inclusive no final da mensagem tem o nome “Francisca”. Sandra cobra por seu trabalho apenas doze reais. Depois de feita um familiar ou mesmo alguém da Igreja lê a mensagem após a missa.

Nas mensagens encontramos palavras que falam da saudade deixada por aquele que partiu, do sofrimento que a pessoa passou devido a uma doença, ou outro problema. Não apenas os familiares encomendam estas mensagens, às vezes elas partem da intenção de um amigo que deseja homenagear o falecido ou falecida. É interessante que essas mensagens são lidas nas missas de corpo presente, trigésimo dia e também de aniversário de morte. Vejamos mais uma dessas mensagens escrita por Sandra dedicada à “Valdira”:

Hoje estou muito longe, mas nada me fez esquecer deste dia, no qual, completa ano de sua morte. No momento me encontro triste e solitário, um vazio imenso oculpa hoje o seu lugar em meu coração; já não posso mais te ver e nem ao menos te ouvir... já não estás mais aqui, isso me causa uma saudade, que para ela não tem explicação, ou quem sabe uma substituição... saudades daquela mulher compreensiva e amiga, que um dia soube me entender, em certos momentos de minha vida... É por esses e outros motivos que sinto tanto a sua falta[...] A sua existência foi um exemplo de segurança, dedicação e afeto para nós, inclusive ‘eu’, que compartilhei de tantos momentos ao seu lado... momentos de alegrias, como também de sofrimentos... Aquelas noites traiçoeiras, em que te faziam sofrer, jamais esquecerei... A senhora não merecia tantas dores!!! Mas, eu estava sempre ali, com a esperança no coração de que tudo pudesse mudar. Porém, tudo foi diferente; com o passar dos dias Deus lhe tirou do nosso meio; confesso que foi difícil, mas ele também dar à conformação e junto com ela, a lembrança... [...] Vivendo com a sua lembrança, aprendi a não te esquecer jamais! Saudades. “Alex de Irany”⁵³.

Nessa mensagem, notamos que a pessoa que escreveu fala dos momentos de alegria que passou ao lado da falecida, mas também fala do sofrimento, de noites traiçoeiras, que a pessoa não merecia tanto sofrimento, o que nos faz perceber que a causa da morte foi uma doença, portanto a morte não foi repentina. Notamos que quando a morte é repentina geralmente os familiares e amigos fazem muitas homenagens, é como se quisessem falar por não terem tido oportunidade de se despedir:

Quero te pedir mãe, diante de teu corpo inerte, perdão... por não ter te acompanhado em seus últimos momentos... pelo teu tempo que foi tão curto, no qual não tive a oportunidade ou talvez a sorte de te dar um forte abraço, um beijo de gratidão e um aperto de mão como despedida. É inexplicável como tudo aconteceu tão rápido! Na verdade é como se eu estivesse vivendo um sonho... para mim, seria maravilhoso se tudo não passasse apenas de um grande pesadelo... em que eu pudesse acordar, e te encontrar aqui com um

⁵³ - Sandra Maria Fernandes.

sorriso lindo e o coração cheio de amor a me esperar! [...] Há momentos em nossas vidas, no qual, nunca estamos preparados. No entanto nos deparamos com ele, quando alguém que amamos de verdade tem que partir! Porém, não encontramos neste momento palavras que consigam expressar a dor que estamos sentindo e o vazio que ficou em nossas vidas. [...] A senhora fiará para sempre em nossos corações... pois, foi a melhor mãe do mundo! Imensas saudades! Seus filhos: Carlos, Jailson, Joseíza, Milena e Joseane⁵⁴.

Entendemos que as pessoas não se tornaram insensíveis à morte, mas criaram novas práticas para expressar seus sentimentos. Edmundo Gaudêncio, em sua dissertação de mestrado “Jazigo Perpétuo” fala que em todas as culturas existem formas de viver os lutos, e estas podem ser coletiva e individual. Em Brejo do Cruz, as pessoas atualmente expressam seus sentimentos pelo morto principalmente a partir das mensagens que é também uma maneira usada para dizer o quanto aquele que partiu era querido e amado. A partir dessas homenagens ao morto notamos um pensamento que parece comum entre os brejocruzenses:

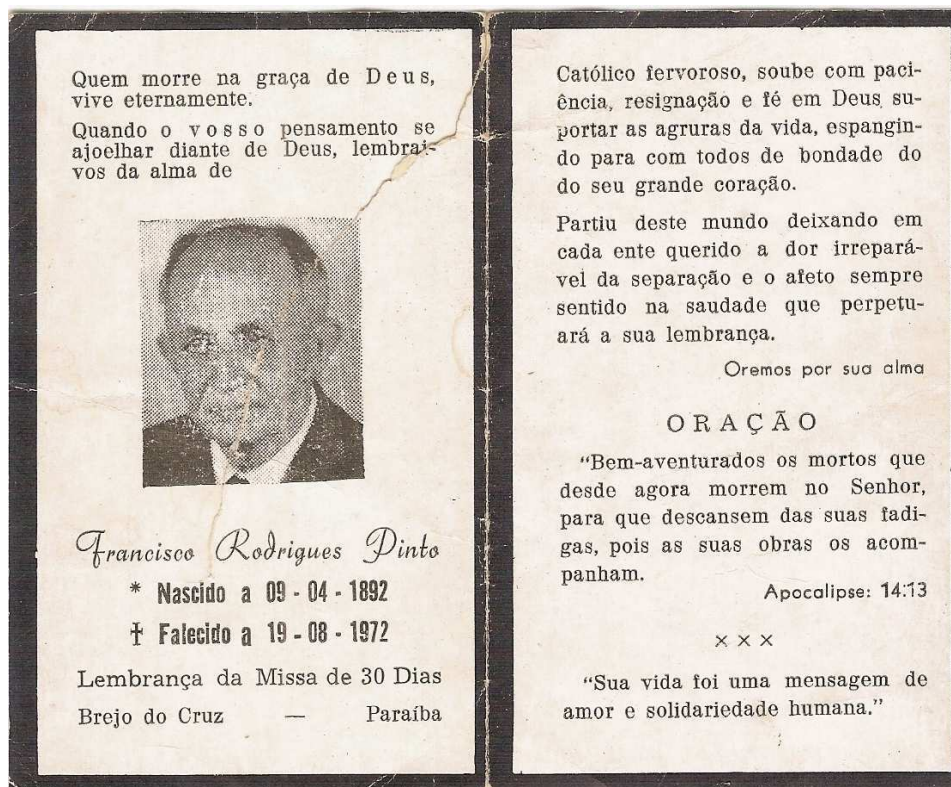
O amor tem que ser manifesto. O mundo não acredita no silêncio do amor. O amor deve ser expresso através de atos ou gestos, seja o amor que se tem a um vivente em carne, seja o amor que se mantém por alguém. Amor desinteressado, amor sem ânsias de ser. Amor só, simplesmente (GAUDÊNCIO, 1986, p. 125).

Assim, percebemos que essas manifestações dos sentimentos em relação aos mortos sofreram modificações ao longo do tempo. Em Brejo do Cruz, até meados do século XX, o amor que um familiar tinha pelo morto era expresso a partir dos cuidados na hora da morte, assegurando para aquele que partia uma boa morte, ou seja, uma morte em casa, com a presença de familiares e amigos. Após o sepultamento os familiares demonstrariam sua tristeza seguindo determinadas práticas como: vestir preto, não ligar rádios, não ir à festas, chorar, entre outras. A partir da década de oitenta notamos que os sentimentos são expressos através das homenagens aos mortos: mensagens, camisetas com a foto do falecido, choro, etc. Contudo, ao que tudo indica, após o sepultamento, as pessoas silenciam sua tristeza e evitam falar da morte.

Ao analisarmos alguns santinhos das décadas de sessenta e setenta percebemos que as mensagens contidas neles enfatizavam a preocupação com a salvação e quando se fala das qualidades do morto é para afirmar que este foi um bom cristão. Já nos dias atuais, as mensagens das lembranças de missa falam muito mais das qualidades do falecido, assim como da saudade dos familiares. Vejamos as figuras 01:

⁵⁴ - Sandra Maria Fernandes.

FIGURA 01- LEMBRANÇA DE MISSA DE TRINTA DIAS



FONTE: ACERVO PARTICULAR DE HILDA COSTA

Então, nesta lembrança de missa notamos que existe uma preocupação com a vida após a morte. As qualidades destacadas são que o falecido era um católico fervoroso, que teve fé para enfrentar os obstáculos da vida, e nos parece que diante dessas qualidades e de acordo com o que diz a Igreja Católica sobre o julgamento de seus fiéis, esta alma iria para um bom lugar. Em relação às lembranças que são distribuídas em missas atualmente trazem quase sempre mensagens dedicadas ao morto que falam da tristeza provocada pela morte:

Pai, Vô...

Nosso amigo, nosso companheiro, você sempre soube como chegar até nossos corações. Com um simples olhar você sabia o que estávamos sentindo, até mesmo o que estávamos pensando. Ninguém nos conhecia tão bem quanto você. Nos momentos difíceis, quando já não tínhamos mais esperança, lá estava você, nosso pai, nosso vô, provando com os seus exemplos que nunca é tarde para recomeçar. Em você vemos a imagem do homem trabalhador, do pai dedicado que, mesmo quando estava cansado, sempre tinha uma palavra positiva e um gesto de carinho. Hoje, queremos te agradecer e te dizer, que o apoio que recebemos foi fundamental para nossas vidas! Obrigado por tudo! Seus filhos e netos! (2012).

As mensagens dedicadas ao morto que são feitas atualmente, na maioria das vezes, falam da importância do morto para a família e para os amigos, mas não destacam a preocupação com a vida após a morte, como notamos na lembrança de missa acima, em que existem vários apelos por oração, versículos da Bíblia, dentre outros detalhes que nos faz perceber que essas lembranças, até a década de setenta, enfatizavam mais a preocupação dos familiares com a salvação. Ainda hoje encontramos algumas lembranças que trazem essas características, contudo é mais comum que se fale da importância do morto para a família:

Edinho,

A intensidade da nossa dor atenua-se pela certeza de que você foi amado na mesma proporção em que amou a todos, principalmente nós que tivemos o privilégio de tê-lo como irmão. A sua alegria, a sua força, o seu exemplo de luta e honestidade ficarão presentes em nossos corações até o dia do nosso encontro “Seus irmãos” (Convite de missa de trinta dias, 2001).

Dessa forma, o que percebemos ao analisarmos as lembranças de missa atuais e as dos anos sessenta e setenta é que nestas últimas estava mais explícita a preocupação com a salvação do morto. Essas lembranças estavam marcadas por pedidos de oração, o que dificilmente encontramos nas lembranças produzidas atualmente, e quando se fala de outra vida, o destino de salvação da alma daquele que partiu parece certo.

Mas, não queremos dizer que atualmente em Brejo do Cruz as pessoas não se preocupam mais com o destino dos mortos, até porque muitas missas são dedicadas aos mortos. É comum que a família mande celebrar a missa de corpo presente, de sétimo dia, de trigésimo dia e de aniversário de morte. Koury destaca que, atualmente nas capitais do Brasil, a realização de várias missas dedicadas aos mortos é uma prática que vem se enfraquecendo:

Os rituais religiosos de corpo presente, bem como os cultos e missas de sétimo, trigésimo dia e um ano da morte do ente querido também parecem ter-se deixado abrandar. Em muitos casos foram suprimidos os cultos de corpo presente, bem como o de trigésimo dia da morte. Abandona-se, porém, as expressões públicas de sofrimento, e as novas convenções configuram-se no exigir que ‘se oculte o que outrora era necessário expor ou mesmo similar: o desgosto’ (KOURY, 2003, p. 55).

Notamos algumas diferenças entre as práticas comuns nas capitais brasileiras que são apontadas por este autor e a que percebemos em Brejo do Cruz, pois nesta cidade a realização de várias missas (corpo presente, sétimo dia, trigésimo dia, aniversário de morte) são comuns, é como se fosse uma regra. Contudo, após o primeiro aniversário de morte, alguns familiares não realizam mais missas dedicadas ao morto.

Em relação ao ocultar as expressões públicas de sofrimento encontramos mais uma diferença, porque em Brejo do Cruz uma prática comum é a leitura de mensagens na Igreja durante as missas dedicadas ao morto, como vimos anteriormente.

Também percebemos que nas últimas décadas do século XX aos dias atuais as lembranças de missa trazem quase sempre a foto do morto na capa, e no final, as fotos do falecido com seus familiares. Até a década de oitenta, na capa dessas lembranças eram colocadas imagens de santos e ao abrir a lembrança é que se tinha a imagem do defunto. Vejamos a figura 02:

FIGURA 02: LEMBRANÇA DE MISSA



ACERVO PARTICULAR DE HILDA COSTA

Na figura 02 percebemos que os familiares falam da saudade deixada, mas a ênfase da lembrança é falar que a pessoa que faleceu está em uma outra vida, e os familiares não esqueceram de fazer seus apelos para que as pessoas rezem pela alma desta senhora. Em outra lembrança de missa da década de sessenta, encontramos uma forma mais curiosa de pedir oração para o morto:

FIGURA 03: LEMBRANÇA DE MISSA



ACERVO PARTICULAR DE HILDA COSTA

Nesta lembrança percebemos que os familiares falam muito da dor da saudade, do amor pelo falecido, mas o que nos chamou atenção foi a maneira como as pessoas que receberam tal lembrança foram convidadas a rezar pelo morto: “Você que mereceu esta lembrança”, o que nos faz entender que a lembrança seria como uma espécie de prêmio para aquele que a recebeu, estando agora convocado a rezar por aquela alma. Dos convites de missa e lembranças de missa datadas até a década de oitenta, notamos que em sua maioria, a capa tinha a imagem de santos, principalmente de Jesus crucificado. Vejamos algumas dessas imagens:

FIGURA 04: LEMBRANÇA DE MISSA DE ANA DA SILVA ALVES

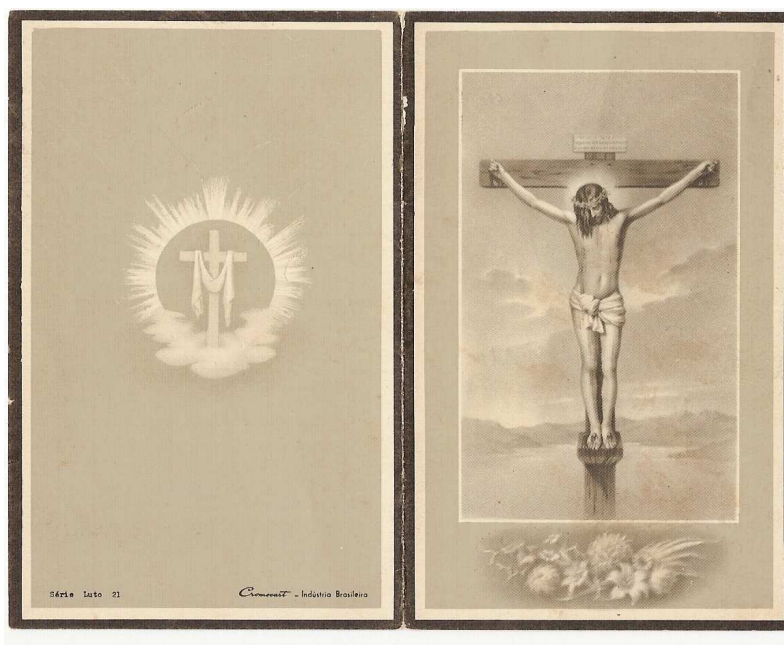


FIGURA 05: LEMBRANÇA DE MISSA DE FRANCISCO TARGINO DA SILVA

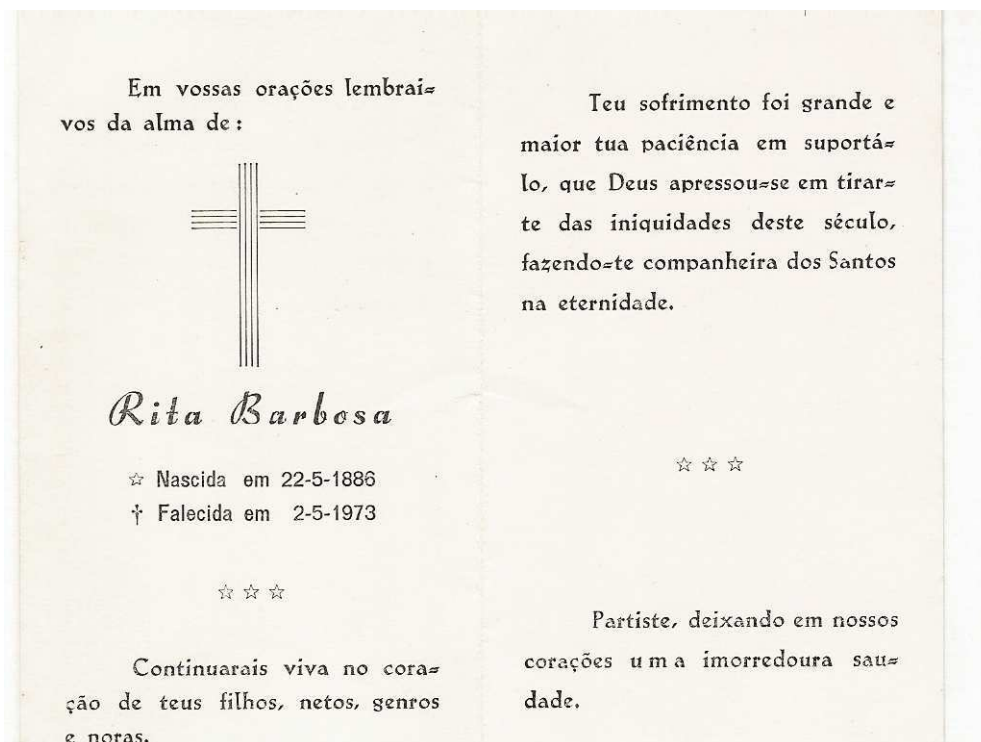


ACERVO PARTICULAR DE HILDA COSTA

Sabemos que as imagens não são colocadas por acaso, elas são carregadas de intencionalidades. Em muitos casos, a imagem do Cristo crucificado representa todo o sofrimento e a ressurreição. Não por acaso ao abrirmos os santinhos, encontramos uma

mensagem que fala do sofrimento do falecido em sua passagem pela terra. Em algumas lembranças encontramos apenas a imagem de uma cruz no lugar onde costumeiramente colocava-se a foto do falecido:

FIGURA 06: LEMBRANÇA DE MISSA



ACERVO PARTICULAR DE HILDA COSTA

Neste santinho notamos a ênfase que é dada à questão do sofrimento da senhora Rita Barbosa. Para os cristãos sofrimento é também uma forma de purgar os pecados, assim, imagina-se que aqueles que sofreram muito nesta vida e souberam “carregar sua cruz”, serão mercedores da vida eterna, e como é colocado nesta mensagem, “a alma vai estar em companhia dos santos na eternidade”.

Apesar de termos analisado algumas lembranças de missa, sabemos que esse tipo de homenagem não era muito comum até a década de oitenta. Apenas as famílias mais abastadas faziam tais homenagens. Um rito fúnebre que parece ter chamado atenção em Brejo do Cruz em fins da década de oitenta foi o do então prefeito da cidade: o senhor João Bosco Fernandes. Seu rito fúnebre parece ter sido bastante diferente dos comumente realizados na época nesta cidade. Sobre este cortejo fúnebre Maria Marlene disse (...) *Foi filmado e tudo, mas eu não me lembro de ter visto essas*

mensagens. Mas isso é porque ele era um médico, já tinha sido prefeito. Hoje faz mensagem pra qualquer pessoa.

Baseado nesse depoimento, notamos que as mensagens em homenagem ao morto eram muito raras em fins dos anos oitenta em Brejo do Cruz, somente para algumas pessoas que tinham algum cargo de destaque na sociedade eram feitas tais homenagens, como aconteceu no ritual fúnebre do senhor João Bosco. Vejamos a lembrança de missa feita para homenageá-lo na figura 07 e 08.

FIGURA 07: LEMBRANÇA DE MISSA DE CORPO PRESENTE



ACERVO PARTICULAR DE HILDA COSTA

FIGURA 08: CAPA E VERSO DA LEMBRANÇA ACIMA

É interessante observarmos que esta lembrança já foi feita enfatizando a importância do morto para outras pessoas. Fala-se muito do defunto e pouco sobre uma outra vida, o que nos lembra o culto cívico apontado por Vovelle em que os familiares vão se preocupar em tornar aquele que morreu inesquecível para os vivos. Era comum na década de oitenta colocar na capa das lembranças de missa imagens de santos ou de Jesus (santinhos), a do senhor João Bosco parece ser uma exceção por ter na capa uma fotografia dele, o que pode ser entendido como mais uma forma de homenageá-lo. As lembranças de missa feitas atualmente seguem este modelo, e se antes fazer esse tipo de homenagem era privilégio de poucos, hoje, são muito comuns.

Atualmente, além da procura pelos 'santinhos', as pessoas buscam outras alternativas para homenagear o seu ente querido, como por exemplo: o livro da missa de trigésimo dia, ou a folha de cântico e uma mensagem que é distribuída na hora da missa (...). Com o uso do computador, esse serviço da tipografia aumentou a demanda de encomendas, mesmo com a concorrência do trabalho autônomo, haja vista que diminuiu em até 90% o tempo gasto para confeccionar 200 convites por dia (MEDEIROS, 2002, p. 40).

Assim, com o barateamento desses serviços, muitas pessoas hoje encomendam essas homenagens. Além das mensagens, as pessoas também mandam fazer camisetas com a foto do falecido, que geralmente são usadas na missa de trigésimo dia. Vejamos uma dessas camisetas:

FIGURA 09: CAMISETA COM FOTOGRAFIA E MENSAGEM EM HOMENAGEM A MORTO



ACERVO PARTICULAR DA AUTORA

As camisetas feitas com a imagem dos mortos não são muito comuns, na maioria das vezes elas só são feitas quando a morte é repentina. Talvez por não terem muito tempo para se despedir, os familiares fazem tantas homenagens, é como se sentissem uma necessidade de dizer ao morto o quanto ele era querido. A figura 09 mostra a fotografia de um homem que morreu em 2009 de um choque elétrico, ou seja, teve uma morte repentina. Um detalhe curioso é que as pessoas só vestem este tipo de camiseta no dia da missa, depois estas são guardadas.

Essas representações do morto são interpretadas de formas variadas, pois algumas pessoas as vêem como algo interessante, importante, enquanto para outras é tudo uma bobagem, algo desnecessário. Os idosos vão ser os que mais criticam essas novas formas de homenagear os mortos:

Pra que a pessoa fazer homenagem a um morto? É pra fazer pra o povo vivo, porque o morto não escuta! Você faz uma homenagem a uma pessoa sua, vamos dizer, sua mãe morre! Você nunca se deu com sua mãe, toda a vida ela foi ruim para você e você pra ela, aí quando ela morre, você vai ler uma mensagem lá na igreja, que ela era tudo pra você e que você não vive sem ela. Aí vai e tudo mais. Aí quem morava perto que via como era que você tratava ela, vai dizer :ô bichinha... Nunca que queria bem à mãe⁵⁵

Assim, se a família investe tanto em mensagens, santinhos, camisetas e missas com a intenção de construir uma representação de seus mortos como pessoas importantes para a sociedade, que eram queridas e de bons sentimentos, nem sempre estas homenagens são interpretadas da maneira desejada pelos familiares, pois as pessoas costumam fazer seus julgamentos do morto e de sua relação com a família e de

⁵⁵ - Maria do Céu, janeiro de 2012.

acordo com esses julgamentos, as homenagens são consideradas sinceras ou não. A senhora Francisca Dutra também falou dessas homenagens:

Eu não concordo. Olhe quando eu morrer ninguém venha botar mensagem pra mim que eu não gosto e nem precisa, porque a pessoa sabe o que é que você...Com sua mãe você zele ela agora, enquanto ela tá viva, depois de morta, que morre, só é vinte e quatro horas pra está aqui. Olhe você não zelou agora, não tem o que chorar e o que se maldizer em vinte quatro horas que tem morta aqui na terra não, o corpo, porque a alma já subiu⁵⁶.

A senhora Francisca parece não atribuir importância a essas homenagens e notamos que para esta senhora as homenagens em nada ajudam o morto na sua passagem para outra vida. Também notamos, a partir da fala desta idosa, que ela faz seus julgamentos em relação a como era o comportamento da família antes e depois da morte do familiar.

A senhora Inácia Honorina também falou o que pensa sobre as homenagens aos mortos:

Minha opinião é que aquilo ali é perdido, ler aquelas mensagens, a pessoa deve fazer as coisas pra pessoa viva: homenagear, rezar, tudo, mas depois que morreu não tá vendo nada não. Aí que... a pessoa tá só escutando, isso aí é pra o povo que tá vivo escutar, mas pra o defunto serve? Você acha que serve? Agora a reza eu sei que serve, porque reza é oração que vem de Deus e Deus deixou pra todo mundo rezar e os padres dizem que quanto mais reza melhor e é mesmo. Rezar é bom porque tá pedindo a Deus. Se a pessoa tá se lembrando, tá pedindo a Deus por aquela pessoa que morreu, pela salvação, pra Deus dá um bom lugar. Todo mundo pedindo a Deus pra Deus escutar, agora isso aí tá certo. Rezar para a alma daquela pessoa. Mas negócio de mensagem, que você era boa... Nunca morreu gente pra não ser bom.

Para esta senhora as homenagens ao morto é algo inútil, o que pode ajudar o morto mesmo são as rezas, e segundo ela quanto mais a pessoa reza, melhor é para o morto que tem mais chances de alcançar a salvação de sua alma. Ela destaca algo interessante que é o fato das pessoas não falarem mal de defuntos.

Percebemos que mesmo sendo idoso ou jovem não é comum os familiares falarem mal de um ente que faleceu: todos foram pessoas bondosas, queridas, etc. “Os mortos não podem ser odiados. Impotente ódio esse que não possui depositário. Os mortos são esquecidos. Ou lembrados com saudades. Ou, ainda, reverenciados e beatificados” (GAUDÊNCIO, 1986, p. 132).

É importante frisar como os julgamentos estão direcionados tanto para as questões ligadas às homenagens, como também para o choro. As pessoas que não

⁵⁶ - Francisca Dutra, 2012.

choram durante os velórios de seus familiares, muitas vezes são “acusadas” de não ter sentimento pelo morto. Entendemos que cada pessoa, de acordo com o que foi lhe ensinado durante sua vida em relação às questões da morte constroem representações e age baseado em tais representações.

Apesar de tantas homenagens, depois de enterrados, os mortos parecem ser lembrados apenas em algumas ocasiões como, nas missas posteriormente celebradas, mas o cotidiano não sofre modificações como acontecia na primeira metade do século XX em que não se ligava o rádio, as pessoas não iam à festas, só vestiam preto, entre outras práticas.

Vimos até aqui muitas diferenças entre jovens e idosos no tocante à suas formas de encarar a morte. Agora, passaremos a analisar quais as representações construídas a partir do espaço do cemitério de Brejo do Cruz.

2.2-As representações construídas acerca do espaço do cemitério de Brejo do Cruz-PB

No mundo em que vivemos, o tempo é algo muito valorizado, as pessoas parecem dedicar-se menos aos mortos, percebemos que as visitas ao cemitério estão diminuindo. Muitas pessoas vão a este lugar apenas no dia de finados. Diante de tantas distrações que a cidade oferece, o cemitério torna-se um lugar inconveniente, já que de certa forma, lembra momentos tristes da vida em que um ente querido se foi, e não apenas isso, esse lugar também lembra que um dia nossos corpos serão depositados ali, mas ao mesmo tempo ele é um lugar de memória dos mortos:

Sem a angústia nascida da tomada de consciência da precariedade humana não haveria nem cultura nem necessidade de se construírem monumentos, pois só aquele que se sabe e se recusa a ser transitório pode aspirar à perpetuação: na sua linguagem própria, o monumento funerário é, simultaneamente, exteriorização da tomada de consciência de que o homem é um ‘ser-para-a-morte’ (Heidegger) e afirmação do seu ‘direito à memória’ (CATROGA, 1999, p. 19).

Assim, entendemos que muitas pessoas não gostam de ir ao cemitério porque não aprenderam a lidar com a ideia de que um dia seu corpo será sepultado ali. Outros parecem acreditar que as almas dos falecidos ficam no cemitério, e temem as chamadas “assombrações”. Para outros, o cemitério é um espaço apropriado para expressar as emoções: chorar, conversar com os mortos, fazer promessas, etc. A partir das entrevistas, notamos que os brejocruzenses tem construído diversas representações para

o espaço do cemitério, assim como tem se apropriado desse espaço para realizar práticas variadas.

Edmundo Gaudêncio, em sua dissertação de mestrado “Jazigo Perpétuo”, analisa alguns epitáfios e destaca que estes são discursos de mortos e também dos vivos:

Um epitáfio é um discurso. O discurso do morto. Silenciado. O morto pede proteção a Deus, como quem partisse em viagem. O vivo inscrevente no epitáfio pede proteção a Deus. O vivo “qui transis” lendo-o, repete uma oração com um só destinatário, Deus. Com, pelo menos, dois remetentes: o morto (que não mais teme a morte) e o vivente que passa, temeroso da morte. O primeiro pede proteção no Reino de Deus. O segundo implora por ser protegido contra a morte neste império dos homens (GAUDÊNCIO, 1986, p. 131).

Com isso, os epitáfios que são vistos como um discurso do morto, também esconde as intenções dos vivos que mesmo suplicando a Deus para não morrer, fazem pelo morto, muitas vezes, o que desejam que seus familiares façam por ele quando falecer, pois ao se deparar com a morte de alguém que era próximo, os indivíduos tendem a pensar em sua própria morte:

Perante a incompreensibilidade do morrer, a memória emerge como protesto compensatório. Mas, na morte do outro, é a morte de cada um que se antevê; e, na recordação do finado, é ainda a sua própria morte que se pensa ou se dissimula: na sua re-presentificação, encontra-se projectada na morte futura do próprio evocador, bem como os seus anseios de perpetuação na anamnese dos vivos (CATROGA, 1999, p. 15).

Ao visitar o cemitério é muito comum que as pessoas pensem na sua própria morte. Ao analisarmos as entrevistas realizadas com os idosos, percebemos que estes não veem o cemitério enquanto um espaço mal assombrado, e muitos disseram que se não visitam o cemitério constantemente é porque suas condições físicas não permitem. Mas alguns ainda fazem um esforço e vão ao cemitério de vez em quando.

Em Brejo do Cruz percebemos que algumas pessoas zelam pelo túmulo ou cova de seus mortos, mas muitas parecem esquecer onde estes são sepultados. Pelo fato de só haver um cemitério na cidade neste podemos encontrar as mais variadas formas de sepultura desde as mais zeladas às que estão prestes a desaparecer. Por não existir um padrão de sepultura no cemitério de Brejo do Cruz, as diferenças sociais e econômicas tornam-se mais visíveis. Vejamos as figuras 10 e 11:

FIGURA 10: TÚMULO DA FAMÍLIA MAIA



ACERVO PARTICULAR DA AUTORA, 2010

FIGURA 11: COVA SEM IDENTIFICAÇÃO



ACERVO PARTICULAR DA AUTORA, 2010

Vemos que existe um contraste muito grande entre as duas sepulturas e é curioso que ambas estão localizadas no cemitério de Brejo do Cruz. Mas, o que notamos ao

visitar o cemitério de Brejo do Cruz, é que a ideia de que a morte torna todos os homens iguais não parece ser válida atualmente.

Hoje os cemitérios com a estrutura que encontramos em Brejo do Cruz, ou seja, sem um padrão de sepultura estão sendo substituídos pelos cemitérios que seguem um padrão, que possuem jardins e, dessa forma, o ambiente do cemitério vai se tornando mais agradável e mais propício à visitas. “O cemitério tende a deixar de ser um local da morte para vender a ideia de um lugar para o bem-estar dos vivos” (KOURY, 2003, p. 55).

Contudo, em Brejo do Cruz, como tínhamos enfatizado anteriormente só existe um cemitério e este se encontra muito desorganizado. Falta espaço, as sepulturas estão amontoadas, assim entendemos que se para muitos brejocruzesenses ir ao cemitério já não é uma prática muito atraente, estando tão desorganizado como é o caso do cemitério de Brejo do Cruz, torna-se ainda mais desagradável.

Milena Bezerra fez uma pesquisa sobre luto e o cemitério morada da paz, cemitério particular localizado na cidade de Natal- RN. Neste estudo a autora fala que na sociedade contemporânea a condição de estar enlutado é algo difícil de ser aceito, pois se alguém resolve mudar seu cotidiano devido a morte de um familiar este conseqüentemente será isolado por seus amigos. Diante disso, a autora percebe que o cemitério “Morada da paz” vem sendo apropriado como um espaço para se viver o luto:

Seguindo a proposta de um cemitério particular, no ambiente da Morada da Paz uma série de serviços é oferecida para que os enlutados se sintam a vontade: apresentações musicais são realizadas em datas comemorativas, missas semanais reúnem de 300 a 500 enlutados, obras de arte são expostas, além de um serviço de apoio psicológico que auxilia os enlutados através de um grupo de terapia de luto_ também no espaço do Morada. A estrutura oferecida, através dos serviços já citados, é diferenciada dos demais cemitérios de Natal e possibilita ao visitante uma maior permanência no local (FREIRE, 2005, p. 08).

Vemos que os cemitérios particulares estão cada vez mais atraentes, esta sem dúvida, é uma estratégia para que um número maior de pessoas se interessem em reservar seu lugar ou mesmo de um familiar. Porém, não é preciso ter apenas desejo, o dinheiro também é fundamental para ser sepultado num espaço tranquilo e aconchegante como é o caso do cemitério Morada da Paz. Notamos a partir da pesquisa feita por Freitas que de acordo com a estrutura do cemitério e os serviços oferecidos neste espaço, a morte pode ser entendida de outra forma:

O que chama a atenção porém, é a sociabilidade entre os enlutados e a frequência assídua destes visitantes aos eventos promovidos pelo cemitério. Longe da noção ‘macabra e diabólica’ adquirida pelos cemitérios, por volta do século XV, os visitantes do Morada afirmam que aquele é um espaço de meditação, de tranquilidade, e de encontrar os amigos. O curioso é que, para estes mesmo atores, a noção e apropriação diferenciada do ambiente do cemitério são específicas na relação com o Morada da Paz, visto que estes continuam a evitar a visita a outros cemitérios por achá-los tristes e sombrios (Ibid, p. 09).

Com isso, entendemos que o mercado voltado para as questões da morte encontra-se muito variado e vendo a necessidade das pessoas de encontrarem consolo para a morte, os cemitérios jardins estão se espalhando pelo Brasil. Vejamos o que disse Katianne Medeiros sobre a expansão desses cemitérios:

Atualmente, em alguns lugares do Brasil, como também, no estado do Rio Grande do Norte, os cemitérios-cidades estão aos poucos perdendo espaço para os cemitérios-parque, que são verdadeiros jardins projetados e construídos para proteger o sono dos defuntos (...). Nesses campos fúnebres há uma abundância de verde, as sepulturas são cobertas pela grama, dando assim, uma aparência bucólica realçada pela simplicidade dos túmulos, na maioria, identificados somente por alguma placa metálica. Percebe-se uma estratégia de ocultação da sepultura, diferente dos tonitroantes mausoléus das famílias abastadas, que se assemelhavam a torres de igrejas (MEDEIROS, 2002, p. 43).

Em Brejo do Cruz, independente da condição econômica da pessoa o cemitério municipal é a única opção. E notamos que, na maioria das vezes as pessoas desejam ser enterradas em sua terra natal, sendo assim, enquanto esses serviços não chegarem à cidade de Brejo do Cruz, ou o cemitério passar por modificações, a “morada dos mortos” será vista por alguns habitantes desta cidade como um lugar desagradável, onde não se deseja ir e assim muitas sepulturas vão desaparecer por falta de cuidados dos familiares.

Apesar de grande parte dos brejocruzeses só visitarem o cemitério no dia de finados, alguns ainda vão a este espaço com frequência. Durante as entrevistas notamos que para alguns idosos a visita aos mortos é algo importante. O que nos chamou a atenção nessas entrevistas foi que algumas pessoas vão ao cemitério para pagar promessas ou mesmo para fazer um pedido algum morto, geralmente um familiar que faleceu. Vejamos o que a senhora Hilda nos falou:

[...] Uma vez eu fiz uma promessa. Tava tão aperrada que eu fiz uma promessa, houve um problema com Ivandi e eu tinha tanto medo mulher, eu fiz uma promessa todo dia eu rezava o rosário. Ia para o cemitério, não tinha casa, não era? Aí não atrapalhava. Aí eu ia rezando um terço, chegava no cemitério rezava outro e vinha para cá rezando outro, que dava um rosário, aí eu fiz uma prece que quando eu fosse chegando no cemitério, a primeira cruz

que eu visse que tinha um rosário, eu rezava aquele rosário, aí era o finado Chicão. [...] Aí eu fiz essa promessa, eu rezava um rosário lá no cemitério, aí eu vinha e rezava na cruz, para a alma que precisasse mais de oração⁵⁷.

Então, de acordo com as palavras da senhora Hilda, vemos que o cemitério também é apropriado enquanto um espaço propício para se pagar promessas. Entendemos que algumas pessoas acreditam que ali se encontra muitas almas que necessitam de oração, por isso promessas são pagas com rezas para estas almas. Esta senhora falou de uma prática que era comum no tempo em que o padre Sandoval era vigário em Brejo do Cruz: “a visita de cova”. *O padre ia para benzer logo a cova lá no cemitério. Aí se chamava visita de cova, e após a missa a visita de cova, porque todo mundo ia para o cemitério [...]*.

Esta prática apontada pela senhora Hilda parece rara atualmente em Brejo do Cruz. A presença do padre nos cortejos fúnebres ou mesmo na visita de cova feita pelos familiares após a missa de trigésimo dia em que se leva a cruz até o cemitério é muito difícil de ocorrer. Parece que houve um desligamento dos brejocruzenses em relação à importância atribuída à presença e serviços dos eclesiásticos. Notamos que são os idosos aqueles que atribuem mais importância à presença dos padres, é o que percebemos a partir da entrevista da senhora Hilda. É importante destacarmos que esta senhora tem uma história de vida muito ligada à igreja. Um dos motivos de termos procurado a senhora Hilda para entrevistá-la é que ela sempre gostou muito de ir para velórios e enterros.

O depoimento da senhora Lenira Vieira também nos chamou a atenção, pois a partir dele entendemos que, se para muitas pessoas os mortos precisam de rezas, para outros eles tem o poder de interceder junto a Deus pelos vivos. Sobre isso a senhora Lenira⁵⁸ disse: *Meirinha, você acredita que eu tando aperriada, eu nunca pedi uma coisa a Pedim, eu tando aperriada pra eu não ser valida. Você acredita nisso? Se eu pedir, eu sou valida!*

É curioso como esta senhora fala deste contato sobrenatural que mantém com seu filho falecido há alguns anos. Com isso, notamos que para algumas pessoas é difícil

⁵⁷ - Hilda Costa, 2012.

⁵⁸ - A senhora Lenira Vieira da Silva tem 77 anos, morou no sítio Cachoeira (município de Brejo do Cruz), afirmou ser católica e tem como ocupação os serviços domésticos. Entrevista realizada em Janeiro de 2012.

se desligar de um ente querido e assim ocorre, em alguns casos, uma necessidade de manter ligação com o morto. A atitude da senhora Lenira também demonstra que ela acredita que seu filho esteja em um bom lugar, já que pode interceder a Deus em benefício de sua família. Gaudêncio aponta o fascínio do homem pelo sobrenatural:

O sobrenatural fascina o homem. Tenta-se estender uma ponte entre o mundo dos homens e o reino dos espíritos. A necromancia, a bibliomancia e quiromancia são práticas que permitem ao homem perscrutar o futuro. Interferindo junto ao morto, cujo corpo volta à terra o homem está, indiretamente, pedindo a ajuda de Deus. O morto olha pelos vivos. Cuidado em vida transformado em vigilância 'pós-morte' (GAUDÊNCIO, 1986, p. 132).

Para algumas pessoas, os mortos podem proteger a família, para outros, os mortos são como uma ameaça, algo que assusta. Diante disso, o cemitério é visto como um espaço assustador, que chega a causar pânico. Porém, entre os idosos não percebemos esse medo, ou mesmo essa representação do cemitério enquanto espaço assustador. O senhor Avani Oliveira falou que não sente medo de ir ao cemitério:

E eu, quando vou pra o cemitério vou sozinho ao meio dia em ponto. Eu gosto de entrar naquela porta de lá do cemitério novo. Eu entro sozinho. Quem morreu não faz medo a ninguém. Se for preciso eu durmo sozinho ali no cemitério. Eu tenho mais medo aqui do que lá. Você pode acreditar eu to cansado de sair daqui pra o cemitério sozinho, sem ninguém saber, chego lá boto minha bicicleta dentro, aí vou espio pra um lado, espio pra o outro e não vejo ninguém, aí eu vou pra cova de pai rezo, vou pra cova do finado Pedro rezo, volto pra cova do finado Pedim de Pedro Roque rezo, vou lá de Dr. João Bosco rezo, seu pai, que tem pra cá da de papai eu rezo também, pra poder vir embora e não vejo nada, não vejo nada no mundo, na cova de Quilo Velho fui, tava o retrato dele no chão fui apanhei e botei, fui e acendi uma vela⁵⁹.

Assim, para o senhor Avani cemitério é um espaço tranquilo, que não precisa ser temido, independente do horário que a pessoa faça sua visita. Outro entrevistado também falou que não sente medo de ir ao cemitério: *É, pois eu não tenho medo de ir em cemitério. Acho que eu vou até de noite se for preciso*⁶⁰.

Muitos dos idosos disseram que quando eram jovens iam com mais frequência ao cemitério e atualmente vão de vez em quando porque já se sentem cansados e não

⁵⁹ - Avani Oliveira, 2012.

⁶⁰ - O senhor João de Cândido tem 76 anos, disse que faz apenas dois anos que veio morar na cidade, antes morava no sítio São Pedro (município de Brejo do Cruz), sua profissão era agricultor, também disse ser católico.

tem disposição. Mas, ao questionarmos se eles gostavam de visitar as covas, a senhora Rita Linhares disse:

Tem gente que não gosta. Tem gente que não gosta de ir de jeito nenhum, mas eu gosto. Eu, mamãe morreu faz quarenta e seis anos, e eu vinha quando morava no sítio, vinha de pés, todo mês eu vinha na data que ela faleceu, eu vinha no cemitério, eu vinha no cemitério e voltava pra Santa Rosa⁶¹

Então, vemos que para esta senhora visitar o cemitério, especialmente a cova de sua mãe era algo que a confortava, que talvez amenizasse a saudade provocada pela dor da separação. Contudo, nem todos disseram que gostavam de fazer tais visitas, o senhor Manoel disse: *eu me sinto obrigado a ir, porque a gente tá prestando quase uma homenagem indo visitar aquela pessoa que já morreu da família, mas dizer que eu vou porque vou gostando, não. Eu não gosto de ir não!*

Percebemos no depoimento do senhor Manoel que ir visitar covas ou túmulos de familiares e amigos é um tipo de homenagem prestada ao morto, e entendemos de acordo com seu depoimento que a obrigação de visitar as sepulturas está associada tanto a uma preocupação do familiar para com o morto, como também a preocupação de mostrar para a sociedade o respeito dos familiares do morto para com ele, e deixar a sepultura bem conservada é uma forma de demonstrar esse respeito.

Mas, ao analisarmos o estado em que o cemitério de Brejo do Cruz se encontra, notamos que muitos familiares não pensam como o senhor Manoel, porque grande parte das sepulturas está mal cuidada, suja e, podemos dizer, “abandonada”. Dessa forma, notamos que o descuido dos familiares para com as sepulturas, associada a falta de espaço do cemitério nos faz entender que, a cada dia que passa, os mortos são esquecidos mais rapidamente e a estes são dedicados menos tempo. Os idosos que, na maioria das vezes, atribuem importância à visita ao cemitério e o cuidado com as sepulturas não estão conseguindo “transmitir” aos jovens seus valores, e assim as mudanças no tocante a apropriação do cemitério vão acontecendo.

Muitas pessoas veem o cemitério como espaço desagradável, principalmente os jovens, mas ao mesmo tempo, algumas pessoas ainda buscam nesse espaço uma proteção ou consolo. Em Brejo do Cruz, a diminuição das visitas aos mortos parece muito acentuada, o que talvez esteja associado à desorganização do cemitério, também não podemos deixar de perceber que principalmente nos dias de hoje as pessoas

⁶¹ - Rita Linhares, 2012.

desejam esquecer que são mortais e evitam as visitas aos cemitérios pelo fato de, estando neste espaço, lembrarem tanto da perda dos entes queridos, como de que um dia todos nós morreremos.

CAPÍTULO 3

A MORTE NA INFÂNCIA: AS ESPECIFICIDADES DOS RITOS FÚNEBRES DAS CRIANÇAS

Neste capítulo trataremos da morte das crianças enfatizando as especificidades dos ritos dedicados a estas pequenas criaturas. Mas, antes de nos voltarmos para a questão da morte menina em Brejo do Cruz, durante o século XX, é interessante fazermos uma breve apresentação da concepção de infância criada na modernidade, que segundo Ariès (2011), é quando a criança passa a ser vista de forma particular, e quais vão ser as características dos ritos fúnebres infantis no Brasil do século XIX.

De acordo com Ariès (2011, p. 193), durante a Idade Média a criança ainda pequena, com aproximadamente sete anos de idade, era inserida no mundo dos adultos. Não existia, nesse momento, a ideia tão comum nos dias de hoje, de enxergar a criança enquanto um ser que requer uma atenção especial. Foi na modernidade que ocorreu um redimensionamento do olhar dos adultos em relação às crianças. Percebeu-se que era preciso um tratamento diferenciado para os pequenos, pois estes eram seres frágeis e inocentes. Assim, segundo Ariès, surge então a necessidade de uma educação contrária a imoralidade dos adultos, sendo a escola um dos meios utilizados para ensinar as crianças como deveriam se comportar:

A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal de iniciação social, da passagem do estado da infância a do adulto [...]. Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos. Mas, ela correspondeu também a uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de uma outra família. A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento de infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança (ARIES, 2011, p. 159).

Vemos que a escola influenciou para que houvesse uma aproximação da família com a criança. Esta instituição também buscava manter a inocência dos meninos e meninas, esta ideia de criança como ser inocente foi propagada ao longo do tempo, de forma que, ainda hoje, esta concepção de infância prevalece em nossa sociedade. No tocante à questão religiosa, de acordo com a igreja católica, para que a criança permanecesse neste estado de pureza e inocência era indispensável que esta fosse

batizada, pois apenas o batismo era capaz de livrar esses pequenos seres do pecado original.

Reis, no livro “A morte é uma festa” (1991) destaca a importância que as pessoas que viveram no Brasil do século XIX atribuíam ao batismo. De acordo com este autor a morte das crianças era celebrada com certas especificidades em relação à dos adultos. A morte desses anjinhos, muitas vezes, era percebida de forma diferente, acreditava-se que eram seres puros e por isso não precisavam temer por seu destino, porque este já era certo, desde que a criança fosse batizada.

No Brasil durante o século XIX a morte das crianças era, em muitos casos, celebrada como uma festa:

Meninos e meninas também usavam mortalhas com estampas e listas coloridas. Esse vestuário festivo significa talvez que a morte da criança não era tão grave quanto a de um adulto ainda ativo. [...] seus funerais beiravam a festa. A criança, sobretudo o recém-nascido, ainda não era considerada parte da sociedade civil, por isso transformava-se logo em anjo ao morrer, desde que fosse batizada (REIS, 1991, p. 123).

Com isso, observamos que em Salvador no século XIX as pessoas viam a morte das crianças com certa positividade, porque além de uma vestimenta diferente, o cortejo fúnebre demonstrava alegria. Reis analisa um desses cortejos, descrito pelo alemão Carl Seidler em 1820:

O mercenário alemão Carl Seidler contou sua experiência quando em campanha no interior do Rio Grande do Sul, durante a crise Cisplatina, em fins da década de 1820. Tendo morrido uma criança de família importante, seu batalhão, estacionado sem ocupação em Serrito, foi convidado e compareceu ao enterro, levando banda de música. O cadáver foi vestido de anjo e velado numa cama coberta de flores e coroas. Os soldados receberam um brandão aceso cada. Durante o cortejo ao cemitério, a banda militar tentou um repertório solene, mas a certa altura o padre ordenou um miudinho e outras peças alegres que escandalizaram os oficiais prussianos. Enfim, como Kidder observou, no funeral infantil ‘a ocasião era de júbilo e a procissão triunfal’ (REIS, 1991, p. 139).

Contudo, para que os familiares da criança falecida tivessem a certeza de que aquele pequeno ser iria para o paraíso era necessário que tivesse sido batizado. É interessante que, de acordo com o discurso religioso católico, a criança que falecia sem receber o sacramento do batismo não ia para os lugares comumente apresentados para aqueles que não morriam tendo recebido os sacramentos: o inferno e o purgatório, mas sim para um lugar específico para as crianças: “o limbo”.

Vailati (2010), em seu estudo sobre a morte menina no Brasil do século XIX dá destaque a um documento bem curioso em que são descritos os lugares que existem para as almas, este documento, que segundo o autor é o único documento que trata desses lugares do além, é o “Compendio da Doutrina Christã” do padre João Felipe Beendorf. Vejamos o que ele diz sobre esses lugares:

M. quantos lugares há no centro da terra que servem de morada as almas?

D. São quatro. O inferno, o Purgatório, o Limbo dos mininos e o dos Santos Padres. [...]

M. Que He limbo dos mininos?

D. He uma caverna obscura por cima do purgatório em que estão os mininos que falecerão sem bautismo. (BETENDORF APUD VAILATI, 2010, p. 222).

Dessa forma, a família tinha como missão batizar a criança logo nos primeiros meses, assim, garantiria um bom lugar para a criança morta que passaria a ser um “anjinho”. De acordo com Vailati, não se sabe ao certo o momento em que as pessoas passaram a utilizar o termo anjinho para se referir a criança morta, mas percebe como aos poucos os dicionários vão trazendo essa palavra:

Os dicionários de época, se não permitem lançar algumas luzes sobre quando o tipo de costume de chamar a criança morta de ‘anjinho’ teria surgido, testemunham sua disseminação. A partir de um determinado momento, o uso do termo com esse significado específico não foi mais negligenciado pelos lexicógrafos. Publicado em 1813, o Dicionário de Moraes Silva, não registrava a palavra ‘anjinho’, somente ‘anjo’, e esta não está associada à criança morta. Já na edição de 1877, acompanhando os demais dicionários de época, esta obra já contém o termo ‘anginho’ e informa que ‘dá-se particularmente esse nome aos meninos’, acrescentando, sugestivamente, ‘ou vivos ou mortos’ (VAILATI, 2010, p. 54).

A questão da positividade da morte das crianças é enfatizada por Reis e percebida a partir de alguns detalhes dos ritos fúnebres das crianças. Algo que chamou a atenção de alguns viajantes que passaram pelo Brasil no século XIX, foi a forma como as crianças eram vestidas, muito enfeitadas, sendo suas vestimentas marcadas por cores fortes. Segundo Reis os anjinhos também eram maquiados e isso tudo fazia com que a morte dos pequenos fosse percebida como algo específico, mas parecendo uma festa. Reis destaca qual o tipo de mortalha era mais utilizada para vestir os anjinhos. Vejamos:

Mas a mortalha mais usada pelas crianças do sexo masculino está registrada nos livros de óbitos como vermelha ou cardeal. Vários viajantes comentaram que o vermelho se destacava entre as cores fúnebres infantis, decorando caixões, panos e carros mortuários. O uso da mortalha vermelha, cor

associada a atributos reprodutivos, pode também ser interpretado como uma ritualística relacionada à fertilidade, ou à sua perda. Huntington e Metcalf lembram que o vermelho é a cor fúnebre dos povos de Madagáscar: ‘o vermelho é usado nesses funerais para representar ‘vida’ e vitalidade em oposição à morte’. Deve ter sido o mesmo no Brasil, onde, porém, a significação recaía sobre um tipo particular de morte, a morte infantil masculina (REIS, 1991, p. 123).

Assim, enquanto na morte de um adulto as cores mais utilizadas eram o roxo e o preto, para as crianças a vestimenta era normalmente marcada por cores vibrantes, principalmente o vermelho. Alguns viajantes também destacaram que era comum que as crianças mortas fossem vestidas de santo, ou mesmo como um anjo:

As mortalhas de santo variavam de acordo com o sexo e também a idade, mas, ao contrário do que sugere Ewbank para o Rio, não só as crianças vestiam-se de santo. Elas se vestiam de determinados santos mais que de outros, isso sim. De são Miguel Arcanjo, por exemplo, como nove crianças de nossa amostra, todas do sexo masculino e menores de dez anos. Era apropriado vestir os meninos com roupa de santo anjo, uma vez que pela tradição eles viraram logo anjos depois de mortos. A indumentária como que representava esse novo estado da criança morta. Ewbank descreveu essa verdadeira fantasia mortuária assim: ‘uma túnica, uma pequena saia curta presa por um cinto, um capacete dourado (de papelão dourado) e apertadas botas vermelhas, com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada’ (REIS, 1991, p. 120).

Além da confiança de que ao morrerem, sendo batizadas, as crianças iam para um bom lugar, a positividade em torno da morte menina estava associada a uma ideia de que a criança morta seria um anjo que intercederia em benefício de seus familiares. Mais adiante, retomaremos esta questão dando exemplo de algumas crianças que morreram aqui no nordeste brasileiro e que ainda hoje algumas pessoas têm uma devoção forte a esses anjinhos.

3.1-Os ritos fúnebres das crianças em Brejo do Cruz- PB

Tendo como fontes as entrevistas com os idosos, buscamos perceber como a morte das crianças era encarada e como eram realizados os ritos fúnebres a elas dedicados. Também procuramos perceber se algumas das práticas fúnebres enfatizadas nos trabalhos de Reis (1991) e Vailati (2010) permaneceram durante o século XX em Brejo do Cruz-PB.

Apesar de existir a crença de que a criança após a morte iria para um bom lugar, em Brejo do Cruz chorava-se muito a morte dos anjinhos. Seus velórios eram realizados

com certas especificidades. Os cantos de incelências⁶² que já existia no Brasil Oitocentista e eram cantados para todas as pessoas que morriam, em Brejo do Cruz, parece ser algo exclusivo das crianças. A senhora Maria do Céu fala um pouco desses velórios:

Uma criança quando morria as pessoas passavam a noite todinha cantando incelência, incelência era coisa das crianças. Ai trazia pra enterrar numa telha e se fosse maior eu nem sei em que trazia. Sim! Sabe em que era que traziam? Numa tampa de baú, em mala, sabe? Tirava a tampa da mala botava o anjo, aí trazia, levava pra Igreja, ai começava a tocar repique, repique era o sino direto, aí dava aquele dinheiro pra tocar o repique, aí levava pra o cemitério e enterrava (MARIA DO CÉU, 2010).

Dessa forma, percebemos que havia especificidades na maneira como celebravam a morte das crianças, contudo, isso não significa que os rituais das crianças fossem realizados como uma grande cerimônia fúnebre como era no século XIX, pois segundo alguns depoimentos, na maioria das vezes, não existia um cortejo fúnebre. Para enterrar as crianças, em muitos casos, ia apenas uma pessoa levando-a. Vejamos o que o senhor Manoel disse sobre os rituais das crianças:

No velório de uma criança, as pessoas passavam a noite toda cantando incelências e nesses velórios ninguém bebia cachaça. Apenas para as crianças colocava-se flores e os anjinhos eram vestidos com mortalhas enfeitadas. Algumas pessoas faziam caixões para as crianças, outras eram levadas ao cemitério em redes e quando eram muito pequenas eram colocadas em uma telha. Muitas vezes uma única pessoa levava a criança na telha e a enterrava, sem ter um enterro com mais pessoas (MANOEL DA SILVA, 2010).

Mas, algo que todos os entrevistados destacaram, foi que os velórios de crianças eram diferentes, principalmente devido aos cânticos de incelências, que por serem tão penosos fazia com que as pessoas chorassem muito. A senhora Sebastiana falou sobre como essa prática foi desaparecendo:

As crianças, quando morriam é diferente de hoje em dia. De primeiro quando morria uma criança, você passava a noite fazendo quarto aquela criança e cantando incelências, era umas incelências tão bonita minha filha, tão penosa, por fim das contas, o povo deixou de cantar porque as mães só faltava morrer de chorar quando a pessoa cantava aquelas incelências,

⁶² - Os cânticos de velório ou rezas que se entoam, em coro, frente ao corpo frio do finado, noite e madrugada a dentro, chamam-se *excelências*, palavra pernóstica que o povo simples suaviza em incelências. Lá está o verbete no *Dicionário do folclore brasileiro*, de Câmara Cascudo: “canto entoado à cabeceira dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de velório ainda existente na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco e possivelmente em outros Estados”.(NEVES, Guilherme Santos. Coletânea de estudos e registros no Folclore Capixaba: 1944-1982. **Estação Capixaba**. Disponível em: <http://WWW.estacaocapixaba.com.br/folclore/cletanea_200_cantos_de_velorio.htm>. Acesso em: 01 de Junho de 2010).

passava a noite cantando com aquele anjo. Hoje em dia já é diferente, ninguém canta mais (SEBASTIANA PEREIRA, 2012).

Percebemos, baseado no que disse essa senhora, que o cântico de incelência deixou de ser cantado porque emocionava muito as mães, provocando muito choro. Mas, o que dizia esses Cânticos para emocionar tanto? A senhora Maria do Céu nos contou uma história de uma mãe que estava no velório do filho, mas não chorava de jeito algum, daí que quando começaram a cantar uma incelência, a mulher se “desmanchou em lágrimas”. Vejamos o que dizia esta incelência:

“uma incelência é da virgem dos Prazer

Mamãe não chore por mim, que eu não posso mais viver

Eu não posso mais viver é porque Deus não consente

Esses prantos de mamãe, Deus, dá o consolamento”⁶³

Essas incelências eram também formas de homenagear os santos, por isso tinha a incelência da Virgem dos Prazeres que é esta citada acima, tem a de São José e muitas outras. As letras dessas incelências também falavam da despedida:

“Adeus papai, adeus mamãe

Adeus meus irmãos, até quando Deus quiser”⁶⁴

Assim, elas eram cânticos que faziam as pessoas chorarem, e se os enterros das crianças eram realizados sem muita cerimônia, pois apenas uma pessoa carregava o anjinho, os velórios, muitas vezes, eram realizados com muito choro. A senhora Hilda também lembrou de uma dessas incelências que pede a intercessão dos anjos:

“São Gabriel, São Miguel, são Rafael

Levai esse anjo que ele vosso é

Minha mãe eu vou pra o céu

Oito anjos vão me levando

⁶³ - Incelência cantada pela senhora Maria do Céu.

⁶⁴ - Incelência cantada pela senhora Maria do Céu.

Nossa Senhora da Luz

Vai atrás alumiando⁶⁵

Com isso, vemos que alguns dos cânticos de incelência tinham uma mensagem dedicada à mãe, como se o anjo falasse com ela. No caso da incelência citada acima parece ter a intenção de confortar a mãe, já que diz que a alma da criança está rodeada de anjos e santos, ou seja, que se encaminha para o paraíso.

Um detalhe que nos chamou a atenção, foi que a senhora Hilda Costa falou que as incelências deixaram de ser cantadas há muito tempo, já outros entrevistados que moravam na zona rural disseram que não faz tanto tempo que esses cânticos desapareceram. Então, é possível que a prática de cantar incelências tenha desaparecido na cidade e permanecido nos sítios durante mais algum tempo.

Apesar de os velórios dos anjos terem sido marcados pelo choro, ao falarem destes velórios alguns dos entrevistados animaram-se:

Ah, das crianças era bom! A gente passava a noite todinha cantando incelência. Minha sogra cantava incelência. Quando era de madrugada tinha uma incelência que, quando era de madrugada ela saía cantando: “uma incelência de nosso senhor [...] acorda irmão que o galo cantou”. Aí cantava a noite todinha e saía no outro dia lá dos Pilões, da Santa Rosa, a gente saía até na entrada pra vir pra aqui, com o anjo. Se o anjo fosse pequeno vinha numa telha ou na tampa de uma mala. Era, era assim, era sacrificado. Era desse jeito (RITA LINHARES, 2012).

Percebemos, a partir do depoimento desta senhora, que a morte das crianças não era vista como algo tão sério quanto a morte de um adulto. Ao que tudo indica, até meados do século XX, em Brejo do Cruz era comum morrerem muitas crianças. *Morria tanta criança de primeiro. Agora não, agora tem tudo. As crianças já começam a ser medicadas na barriga da mãe né? [...] Mês de Abril era o mês de morrer menino⁶⁶.*

Segundo a senhora Delzuite, atualmente é difícil uma criança morrer, porque as mães já recebem toda uma atenção desde a gravidez, o que não ocorria antes. Também costumavam medicar as pessoas em casa mesmo, o que poderia contribuir para que a criança ficasse cada vez mais doente. O senhor Francisco Cardoso disse que quando alguém adoecia, o que eles faziam era: *Ficava com eles, dando remédio do mato. Chá*

⁶⁵ - Incelência cantada pela senhora Hilda Costa.

⁶⁶ - Delzuite Silveira, 2012.

*de folha. Mas o remédio era remédio do mato*⁶⁷. Assim, como foi enfatizado no capítulo anterior, existia muita dificuldade quando uma pessoa adoecia, principalmente se esta morasse na zona rural, por isso morriam tantas crianças.

No livro que trata da história de Brejo do Cruz, Galvão (1988) enfatiza a utilização das plantas medicinais pelos brejocruzenses, apontando alguns fatores que contribuíram para que as pessoas recorressem a este tipo de remédio:

Além da crença de cura, através das plantas medicinais, são vários os motivos, que os levam a agir assim, dentre os quais destacamos: a população é carente, não tendo condições de comprar medicamentos; dificuldades de deslocamento da zona rural para a zona urbana; assistência médica reduzida (GALVÃO, 1988, p. 66).

Com isso, sabemos que, muitas vezes, esse tipo de remédio foi útil, mas em outros não funcionou, pois não sabendo qual era a doença que atingiu a criança, os pais logo davam um remédio, mesmo sem saber se este era adequado. Também não podemos deixar de destacar que muitas crianças morriam durante o parto, já que esses ocorriam, em sua maior parte, em casa sob acompanhamento de parteiras ou de pessoas da família que assistiam a parturiente.

Em Brejo do Cruz existia uma parteira muito famosa devido à sua experiência, ela chamava-se Teodora, conhecida por todos como “Mãe Teodora”. O livro de Galvão faz homenagem a esta senhora, apontando o quanto o trabalho das parteiras era importante nesse tempo. Sobre Teodora ele destacou:

Chegou ao Brejo do Cruz em 1924, viúva e carregada de filhos. Na labuta, muitas vezes passava até 30 dias pelas redondezas metida nos afazeres de parteira. [...] Natural de Araruna, casou-se aos 13 anos e teve o seu primeiro filho quando o século XX ainda não tinha começado (GALVÃO, 1988, p. 70).

Mãe Teodora, como diz o autor, passava dias nas casas das pessoas esperando o momento das grávidas terem seus filhos. Com isso, percebemos que muitas mulheres tinham filhos em casa, e sem ter um acompanhamento médico durante a gravidez, em alguns casos, ocorriam complicações que provocava a morte da criança e/ou da mãe. Sabemos que as parteiras eram pessoas experientes, mas como faziam os partos em condições muitas vezes desfavoráveis, nem sempre o parto era bem sucedido.

Como disse o senhor Francisco Cardoso “aquele era um tempo difícil”, não apenas para ele, mas a maioria dos entrevistados falou de tais dificuldades. Sendo

⁶⁷ - Francisco Cardoso, 2012.

assim, notamos que os ritos fúnebres das crianças também aconteciam de forma muito simples:

Ficavam numa telha, ai eles traziam numa telha, as vezes traziam num caixãozinho, numa tampa de mala, como eles tinham de primeiro, que ninguém tinha um guarda-roupa, ninguém tinha nada, aí tiravam a tampa daquela mala, e botavam e vinham enterrar. Aí, ali voltavam com aquela tampa. Era muito difícil, era muita pobreza (Francisco Cardoso, 2012).

Segundo o senhor Francisco Cardoso o velório era organizado com os objetos que tinham em casa. Sendo o defunto uma criança, era fácil aproveitar objetos como uma telha, uma caixa de sapato, uma tampa de mala, dentre outros objetos para colocar o anjinho. E de acordo com este senhor, a pobreza era tanta que, dependendo do objeto, os familiares não se desfaziam deles, mas, ao enterrarem a criança, traziam de volta para casa. O senhor João enfatizou que colocavam umas flores, mas *nesse tempo não havia esses cachos que já vem pronto, nesse tempo usava flor mesmo de casa mesmo, tiravam aquelas flor*⁶⁸. De acordo com a senhora Sebastiana, *uma criancinha quando morria fazia aquela caminha em cima da mesa e botava em cima da mesa e quando era pra enterrar botava num caixãozinho ou até numa telha.*

Talvez, um ou outro enterro de criança tenha sido realizado com mais sofisticação, porém, nenhuma das pessoas entrevistadas falou sobre um ritual fúnebre com essas características. O que elas mais destacaram sobre os rituais das crianças foram as incelências e a forma como os anjos eram vestidos. Sobre as vestimentas das crianças, a senhora Maria do Céu falou: [...] *Se fosse homem, tinha um negócio como uma coroa que era feito de caixa de sapato, aí a gente enfeitava com bico, colocava areia prateada, mas ficava bonito.*

A senhora Maria do Céu fazia mortalhas e recebia em sua casa os defuntos para “arrumá-los. A partir de seu depoimento podemos perceber que os anjos eram arrumados de forma diferente, pois eram enfeitados, diferentemente dos adultos que eram vestidos apenas com mortalhas sem qualquer enfeite. A senhora Maria Targino também falou sobre como era o rito fúnebre das crianças:

Lá cantavam bichinha umas incelências tão penosa. Aí amortalhava as crianças, botavam muito uns enfeite, eu não sei nem como é que chama aquilo, enfeitava a mortalha, botava bico e fita e essas, umas barrinha, assim toda, não era um negócio assim como um papelzinho, eu não sei nem como era que chamava aquele negócio, hoje em dia não existe mais, aí penicava e botava assim em cima do anjo. Se fosse mulher fazia uma capelinha, fosse

⁶⁸ - João de Cândido, 2012.

homem fazia como uma corozinha. Era, eu me lembro quando morria os anjos lá. E botavam num caixãozinho, numa gaveta, uma coisa. E mandavam pra enterrar, vinha assim num... hoje já tem uns caixãozinho, não é? Mas de primeiro vinha numa gavetinha, num negócio ai. Quando o bichinho era novo, ai fazia a mortalhazinha bem enfeitada. Eu me lembro que vinha esse povo e chamava as mulheres que costuravam e fazia, e muitas costuravam na mão, uma costurava, outra ajudava e enfeitava, a outra cortava aqueles negócio que eu disse, que eu não sei como é que chama, não sei se existe mais aquilo hoje não, que era amarelo, era de toda cor tinha. Comprava aquelas folhinha, ai cortava fazia estrelinha para enfeitar a mortalha. Aí fazia a coroa, cobria com aquele negócio, uma corozinha de papelão por certo, e botava.

Com base no depoimento da senhora Maria Targino, notamos que, em muitos casos, o rito fúnebre das crianças eram organizados pela família com a ajuda de amigos e até mesmo a vestimenta era feita pelas pessoas que moravam na vizinhança. A senhora Hilda, ao falar da morte de sua filha, destaca que esta fora vestida com roupa de santo: *Minha filha foi de mantinho. Ela foi como se fosse de Nossa Senhora [...] o nome dela era Terezinha*. Esta senhora ainda disse que posteriormente teria perdido mais dois filhos, aos quais foram vestidos com o traje de São Francisco.

Então, percebemos que até meados do século XX, em Brejo do Cruz os familiares ainda vestiam as crianças mortas com trajes característicos de santos, o que nos faz pensar que acreditavam que a vestimenta fúnebre tinha uma importância para o destino daquela alma. “A mortalha falava pelo morto, protegendo-o na viagem para o além e falava do morto como fonte de poder mágico, mas também enquanto sujeito social”⁶⁹.

Como fora enfatizado no livro de Vailati (2010) acreditava-se que as crianças precisavam ser batizadas para garantir que estas, quando morressem, seguissem para um bom lugar. Em Brejo do Cruz percebemos que esta crença permaneceu muito forte durante o século XX. A senhora Francisca Dutra nos disse que diante das dificuldades para que um padre fosse batizar uma criança na zona rural, estando esta muito doente, as pessoas que moravam no sítio faziam o batizado:

Quando tinha um menino doente no sítio, muito doente, que os padres botavam a maior dificuldade do mundo pra batizar, Cuca quem batizava. A menina de Lúcia de Segundo a mais nova, ela teve muito doente lá e a pessoa tudo difícil lá pra vir de pés, ele batizou ela, ai depois foi que foi o padre, eu e ele somos até os padrinhos de vela dela (Francisca Dutra, 2010).

Vemos que existia um medo de que a criança morresse sem ser batizada, e diante dessa ameaça pessoas que não eram padres, se sentiam autorizadas a batizar a criança,

⁶⁹ - REIS, 1991, p. 124.

era como se fosse um socorro prestado a uma alma que poderia ter seu destino desviado por falta deste sacramento. A pessoa realizava o batismo como uma garantia de que a alma da criança estaria salva, contudo se depois desse tempo, o padre realizava com mais precisão esta cerimônia. Segundo Maria Isaura em artigo que trata do catolicismo rústico:

O batismo se conservou porque pôde se adaptar às necessidades locais prescindindo do padre. Determinando à igreja que qualquer pessoa pode batizar uma criança que esteja a morrer, e dada a elevadíssima mortalidade infantil nos meios rurais tradicionais, ficou o padrinho investido de tais deveres; tornou-se hábito batizar ele o afilhado o mais de pressa possível a fim de que se algo ameaçar a saúde deste, não parta pagão para a vida melhor (QUEIROZ, 1968, p. 116).

Assim, quando a criança estava doente, principalmente no meio rural, onde era mais difícil a presença de padres, algumas pessoas realizavam o batismo. De acordo com a autora citada acima era comum que fosse o padrinho da criança que exercesse tal feito. Como o batismo era, nesses casos, feito às pressas era mais prático que a pessoa que estava no local fosse chamada a ser padrinho, como foi o caso narrado pela senhora Francisca.

3.2-Os anjinhos como intercessores celestes

Depois de morrerem, algumas crianças vão ser representadas enquanto anjos protetores, que intercedem a Deus pelos que neles depositam fé. No nordeste brasileiro esse tipo de manifestação da religiosidade popular ainda pode ser observado. Aqui destacaremos duas histórias de crianças que sofreram muito durante suas vidas e depois de mortas passaram a ser cultuadas: a história da Menina-Sem-Nome, encontrada em Recife-PE, e a da menina Francisca, de Patos-PB. Posteriormente analisaremos a devoção que muitos brejocruzenses têm ao menino João Carlos, que faleceu na década de setenta de hidrocefalia, aos três anos de idade.

A história da Menina-Sem-Nome foi contada em artigo sobre santos não canônicos do nordeste, neste os autores apontam como uma criança passou a ter seu túmulo visitado e lá colocados ex-votos. Vejamos:

A Menina-Sem-Nome é uma santa católica não-canônica inserida na categoria das “vítimas inocentes”. Segundo os registros, no início da década de 1980, uma menina de 10 anos de idade, aproximadamente, foi encontrada morta, com características de estupro, na praia do Pina, no Recife. Como a família jamais apareceu para reivindicar o seu corpo no Instituto Médico Legal (IML), a criança foi enterrada como indigente no Cemitério de Santo Amaro, e o seu túmulo ficou sendo conhecido como o da Menina-Sem-

Nome. Até os dias de hoje, esse túmulo continua sendo um dos mais visitados daquele cemitério e, muitos devotos, acreditando nos poderes milagrosos daquela Menina, deixam nele as suas preces e ex-votos⁷⁰.

Notamos que a história desta criança mexe com a sensibilidade de muitas pessoas, pois em nossa sociedade a criança é vista como um ser puro e inocente, por isso no artigo os autores dizem que esta criança foi inserida na categoria de “vítimas inocentes”. Assim, pensar que esta menina foi estuprada e assassinada e que foi abandonada por seus familiares parece um fardo muito pesado para uma criança. Com isso, por esta menina ter passado por todo esse sofrimento, algumas pessoas consideram-na uma santa. No seu túmulo são colocados vários objetos (ex-votos) que representam os pedidos que foram atendidos.

Uma outra história curiosa para pesarmos esse tipo de manifestação da religiosidade popular é a história da menina Francisca. Essa história aconteceu em 1923, quando uma criança que era criada pelos padrinhos havia desaparecido. De acordo com Elisa Nóbrega, aquela criança teria passado por muitos sofrimentos:

Francisca conheceu o desespero, o que era chorar, gritar, apanhar... Um sofrimento solitário, que ao tentar compartilhá-lo, se tornava um contar medroso a ouvidos constrangidos, com respostas a meia voz, temerosos de intervir, aliviar ou acusar uma tortura. Uma tortura que um dia deixou de existir, uma menina que um dia deixou de viver (NOBREGA, 2000, p. 08).

De acordo com Elisa, as pessoas passaram a apontar como mentor do crime os padrinhos de Francisca, que segundo alguns vizinhos e conhecidos da família, batiam muito nela. Mas o curioso é que a partir daquele momento as pessoas passaram a construir a representação daquela criança enquanto uma santa:

[...] No mesmo lugar onde foi encontrado o corpo, colocou-se uma cruz, e as pessoas começaram a visitá-la e a deixar suas marcas. Laços de fitas, velas, pedidos, pernas, braços e cabeças de pau, foram colocados em cima das pedras onde tinham achado os restos do corpo da menina. O crime bárbaro de uma criança passou a ser inscrito numa situação nova. Os gestos, as visitas, os laços e velas constituíram uma verdade possível a ser praticada, a verdade de uma santa e seus milagres. As práticas em torno de um serrote em que se erigiu a cruz marcaram o reemprego de uma nova combinação em torno da morte de Francisca (NÓBREGA, 2000, p. 31).

⁷⁰ - **Fonte:** VAINSENER, Semira Adler; Lóssio, Rúbia. *Santos Católicos Não-Canônicos no Nordeste do Brasil. Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de Setembro. 2012.

Através das narrativas de diversas pessoas que disseram ter seus pedidos atendidos, a cruz da menina ainda hoje é muito visitada, e a história da menina Francisca, considerada santa, hoje é conhecida em vários lugares do Brasil.

Em Brejo do Cruz também identificamos um caso dessa manifestação da religiosidade popular. Na década de setenta do século XX, a morte de um menino chamado João Carlos influenciou algumas pessoas a fazerem promessas que segundo elas, foram atendidas. João Carlos nasceu com uma anomalia, um tipo de doença rara nesse tempo (hidrocefalia): sua cabeça era muito maior que o normal, tanto que ele não conseguia sustentá-la, devido ao peso, isso também o impedia de andar. A criança morreu aos três anos.

Tendo em mente a idéia de que com a morte as crianças tornam-se anjos, uma senhora que acompanhou a história e o sofrimento de João Carlos, diante de um problema de saúde (associado à sua gestação) resolveu fazer uma promessa para o menino, acreditando ter alcançado a graça por intermédio desse “anjo”. A notícia se espalhou entre o povo brejocruzense e muitas pessoas passaram a frequentar constantemente o túmulo dessa criança, fazendo-lhe promessas que, segundo depoimentos, foram bem sucedidas, e ao suposto anjo foi atribuído o poder de atender aos pedidos de quem nele depositava fé.

Sendo assim, desde a década de setenta do século XX, no túmulo do menino são colocados muitos objetos, e em sua maioria são imagens que representam pedaços de corpo (ex-votos). As pessoas costumam levar a imagem de uma cabeça grande, fazendo uma associação com a doença que atingiu o pequeno João Carlos. Com isso, podemos perceber que a morte das crianças representava para algumas pessoas a possibilidade de ter mais um ser para interceder junto a Deus pelos pecadores. A senhora Hilda Costa distribuiu uma oração que ela mesma escreveu para esse anjinho chamado João Carlos:

João Carlos, peça a Jesus Cristo , por mim, miserável pecadora: pelo enorme peso de sua cabeça; pela paralisia de suas pernas; pelas dores imensas de seu corpo; pela cegueira de seus olhos; pela dor intensa de seu coração. Enfim, pela agonia de sua morte, retirei esta agonia estomacal que tanto me agoniza, fazendo-me vomitar. (Hilda costa, 21/ 04/ 1970).

Notamos, através dessa oração, que a senhora Hilda, estando doente e sentindo muita dor, lembrou-se daquela criança que tanto sofreu com sua doença, assim, ela fez

uma promessa para o menino. A oração que ela criou remete a todo o momento à doença do pequeno João Carlos. Aqui, também entendemos que o fato da criança ter sofrido muito com dores, devido a doença que tinha, deve ter influenciado as pessoas a fazerem promessas para ele, sendo a maioria dos pedidos voltados para a cura de alguma doença, o que podemos perceber a partir dos objetos que são colocados em seu túmulo. Solange Ramos em artigo sobre o culto aos santos, nos faz pensar o que leva as pessoas à atribuir poder a esses seres:

No caso da vítima inocente, o centro da narração é sempre a morte considerada prematura e seu inexplicável motivo, seja em função de uma doença ou de um homicídio com 'requisites de crueldade'. A criança/adolescente aparece, ao mesmo tempo, entregue e indefesa diante da ameaça de morte e extremamente forte ao demonstrar que enfrentar o homicídio ou a doença com forças que ultrapassam em muito a medida humana. Por serem puras, ou como seus devotos o dizem, anjinhos, aqui ampliando um pouco mais a tipologia de Coluccio, atingindo o sofrimento humano, essas crianças tornaram-se capazes de intermediar a relação entre devoto que sofre e lhe pede a interrupção do sofrimento, e a divindade, da qual está próxima (ANDRADE, 2010, p. 138-139).

Esta autora analisa três casos dessas manifestações: a devoção a Maria Bueno, conhecida como "a santinha de Curitiba", a do criminoso Jararaca, no Rio Grande do Norte, e de Clodimar Pedrosa, que morreu em 1967, em Maringá, PR. O que essas histórias tem em comum é que todas são marcadas pelo sofrimento, sendo este um fator fundamental para que a criança, adolescente ou mesmo adulto, passe a ser visto enquanto um ser com poderes capazes de mudar a vida das pessoas.

Na oração que criou, a senhora Hilda também pede para as pessoas que rezem pela conversão dos pecadores, especialmente pela conversão do pai do menino João Carlos que era ateu e que no momento da morte do menino insistiu em não colocar a vela em sua mão, mas segundo esta senhora, teria faltado energia, o que o obrigou a permitir que acendessem velas. Em sua oração ela escreveu: "Rezai 7 (sete) Pai nossos; 7 (sete) Ave Marias; 7(sete) Glória ao Pai, pela conversão dos pecadores, principalmente seu pai, que não tem religião. Reze e faça seu pedido hoje e sempre"⁷¹.

Talvez o fato de ter faltado energia na hora em que o pai do menino não queria que colocassem a vela em sua mão tenha influenciado algumas pessoas a pensarem que esse menino tinha algum poder. "O tempo faz com que sua vida de pessoa comum seja

⁷¹ - Hilda Costa, 21/04/1970.

completamente transformada em detalhes que se tornam justificadores de sua ação sagrada” (ANDRADE, 2010, p. 138).

O túmulo do menino João Calos é mais visitado no dia de finados. Em visitas recentes ao túmulo desta criança encontramos diversos objetos, dentre eles, um desenho de um pai com o filho, desenho certamente em comemoração ao dia dos pais. Com isso, percebemos que a criatividade popular se manifesta das mais diversas formas e que as pessoas continuam a ter relações com o sagrado, e em muitos casos, sem precisar de uma instituição para intermediar:

Essas manifestações diretas e imediatas com o sagrado, dispensando ou reduzindo significativamente as mediações institucionais evidenciam que o divino continua ocupando espaços que homem e o mundo secularizado, não conseguiu preencher, contrariando as premissas do pensamento cientificista de que a fé seria vencida pela razão (JURKEVICS, 2004, p. 198).

Essas manifestações parecem ainda fortes em muitos lugares do Brasil. A Igreja Católica não apoia esses cultos aos santos que não são canonizados, mas em Brejo do Cruz não temos informações a respeito de o padre ter sido contra a fé que as pessoas passaram a depositar neste “anjo” chamado João Carlos.

3.3-As fotografias de anjo

Durante as entrevistas que realizamos com os idosos, muitos deles falaram que os ritos fúnebres das crianças eram diferentes, que a maneira como os anjinhos eram vestidos era específica, sendo estes enfeitados. Também relataram que nos velórios de crianças cantavam incências, enfim, todos esses detalhes em relação à morte das crianças despertou em nós a curiosidade de buscar fotografias mortuárias.

Sentimos algumas dificuldades na procura por estas fontes, pois muitas pessoas falaram que, apesar de ser comum crianças morrerem entre o início do século XX até fins deste século, era difícil alguém para tirar uma fotografia. Muitas foram as pessoas que perguntamos se haviam perdido algum filho pequeno e disseram que sim, mas que não tinham nenhuma fotografia da criança, nem viva, nem morta.

De acordo com o depoimento de alguns dos entrevistados notamos que era raro ter um retrato em casa, principalmente quem morava na zona rural. A senhora Francisca falou que sua mãe faleceu quando ela tinha apenas dois anos e nunca soube como era o rosto dela, pois não tinha nenhuma fotografia.

Também entendemos que este tipo de fotografia, muitas vezes, é guardada com muito cuidado, por ser em alguns casos, a única lembrança da criança, o que pode ter contribuído para que alguém a quem perguntamos se tinham uma fotografia de anjo, terem dito que não. “A última imagem, desta forma, representava não apenas a obtenção de uma única imagem, mas também o único documento e registro de toda uma existência prematuramente terminada” (RIEDL, 2002, p. 138-139).

Tivemos acesso a onze fotografias, dentre estas algumas representam os anjinhos de forma bem simples e outras percebemos que, como os entrevistados haviam destacado, eles eram enfeitados com coroas de papelão, flores, e roupinhas de santos. As fotografias analisadas variam da década de cinquenta até oitenta.

Não sabemos ao certo o que motivou os familiares destas crianças a encomendarem a fotografia delas estando mortas, porque como disse Riedl Titus muitas podem ser as circunstâncias em que esse tipo de fotografia é encomendada:

Tirar uma fotografia de um de seus mortos pode assim representar e se inserir um contexto de tradição familiar, mas também pode ser oriundo apenas de circunstância de um único momento ou de um único achado. Um membro da família ou dos presentes num velório pode se lembrar de tirar uma fotografia ou alguém pode na hora sugerir chamar um fotógrafo; ainda há a possibilidade de que o ato fotográfico tenha sido estimulado por um fato externo que nada diz sobre o conjunto familiar, nem sobre o grupo enlutado [...] (RIEDL, 2002, p. 172).

Então, muitas são as possibilidades em que esse tipo de fotografia é tirada, em alguns casos, os pais tiravam mais de uma fotografia e davam a alguns familiares e amigos próximos. Com isso, encontramos algumas dessas fotografias em casas de pessoas que não eram os pais do anjinho, mas que guardavam a fotografia porque tinham contato com a criança e os pais deram-lhe a foto como lembrança.

Dentre as fotografias que analisamos está a da filha da senhora Hilda Costa, a qual ela havia nos contado que a criança ficou doente e depois veio a falecer. A senhora Hilda guarda três fotografias de sua filha morta, mas uma nos chamou bastante atenção por se tratar de uma fotografia em que não existe sinais que a criança está morta. Vejamos:



Fotografia de Augusto Garcia de Oliveira (década de 50). Álbum de família

Esta fotografia foi tirada na década de 50, não encontramos nenhuma outra foto com essas características: a criança não está com um vestuário fúnebre, e também não parece estar morta. É interessante que a menina foi colocada em um cenário que é do cotidiano, por isso torna-se difícil perceber que está morta. Esse tipo de fotografia parece rara para a época. No texto de Lima Vailati sobre as fotografias de anjos, ele analisa uma foto do século XIX que tem as características da foto mostrada acima. Trata-se de uma menina que foi colocada em uma cadeira, amarrada a fitas para que seu corpo não caísse, e no lugar da boneca a criança da fotografia que ele estuda está segurando algumas flores. Riedl Titus em seu estudo sobre as fotografias mortuárias em Juazeiro do Norte-CE, também teve acesso a algumas fotos que seguem esse estilo:

Outras imagens mostram o defunto não como morto, mas supostamente como vivo, representadas por foto-pinturas em que rosto e os olhos parecem retocados e onde os sinais da morte foram ocultados. No cariri não se percebe uma clara delimitação temporal entre tais representações nem imposição de tipos definidos. Imagens de vários padrões surgiram e surgem, praticamente, ao mesmo tempo e dificilmente pode-se sugerir que haja regra ou sanção abertamente estabelecida (RIEDL, 2002, p. 168).

Com isso, vemos que não existia um padrão de fotografia, cada família escolhia como queria que a fotografia mortuária fosse tirada. Enquanto muitos disseram que não tiraram uma só fotografia de seus filhos mortos, a senhora Hilda manda fazer três

fotografias: uma da menina sentada com a boneca, outra da criança em uma cama, e a outra no caixão. Vejamos a fotografia da menina na cama:



Fotografia de Augusto Garcia de Oliveira (década de 50). Álbum de família

Nesta fotografia a criança já está vestida com roupa fúnebre, rodeada de folhas e traz um detalhe que parece comum na época que é a coroa. A prática de colocar a coroa na criança morta parece bem antiga. Vailati no livro “A morte menina” diz que:

Por sinal, Ebel em 1824 na corte, e outros viajantes para outras cidades, repararam, entre esses adornos, numa peça fundamental: a coroa sobre a cabeça. Os retratos de crianças mortas fotografadas por Militão Augusto de Azevedo nas décadas de 1860 e 1880 na cidade de São Paulo atestam a longevidade dessa prática [...]. nos escritos judaicos cristãos, o uso da coroa possui mais de um significado possível, de acordo com Chealie e Gheerbrant, alguns deles bastante sugestivos para o assunto estudado aqui. Num deles a coroa representa a salvação eterna que vem como recompensa a uma vida regida pela fidelidade e à causa da fé. A ideia desse ingresso na corte celeste está bastante de acordo com uma conduta ritual que, como vemos mostrado, associa a morte infantil à ‘boa morte’. O outro significado estaria ligado ao batismo, e sua imagem está relacionada à do paraíso, uma vez que alguns textos assinalam que é da árvore da vida de que são feitas as guirlandas dos iniciados. Mais uma vez, temos a presença de um elemento a assinalar a crença na certeza da salvação infantil (VAILATI, 2010, p. 143-144).

Entendemos que a coroa que é colocada nas crianças representam algo, não são colocadas por acaso. Esses adornos, na maioria das vezes estão associados à ideia de como os anjos vão chegar na corte celeste, por isso os pais procuravam enfeitar seus filhos.

Vimos que no século XIX alguns viajantes enfatizaram que os ritos fúnebres das crianças eram semelhantes a uma festa, sendo suas vestimentas muitas vezes marcadas por cores vibrantes como o vermelho, mas segundo Vailati o branco também vai ser muito utilizado na vestimenta das crianças, já que representa a inocência desses pequenos seres:

Como a cor da alegria, o branco do hábito mortuário infantil se opõe à mortalha do adulto, muitas vezes de cor preta ou roxa, as cores da penitência. A criança, já no que essa prática permite ler, dispensa essa atitude, assim como outros procedimentos normalmente utilizados para o ajuste satisfatório da balança das almas: devido ao estado de inocência com que morria, não havia necessidade de qualquer caução expiatória, só cabendo, pois, o rejubilamento. Sobre o branco, resta lembrar que ele sinaliza uma relação freqüentemente estabelecida nesses rituais, que é aquela feita entre a criança morta e a figura de Nossa Senhora - no caso, Nossa Senhora da Conceição, uma vez que é com essa cor que a Virgem se veste nas representações da Imaculada Conceição (VAILATI, 2006, p. 10).

Assim, percebemos que esses detalhes de colocar coroa, flores, escolher a cor da vestimenta fúnebre parece ser importante para os familiares, não com a preocupação de salvação para o anjo, já que o destino de salvação da criança parecia certo, mas como forma destes estarem mais parecidos com as imagens de santo, ou mesmo de anjo. Também cabe ressaltar que os anjinhos são vistos em alguns casos pelos familiares como seres capazes de interceder por sua família. A outra imagem que tivemos acesso dessa criança é em um caixão:



Fotografia de Augusto Garcia de Oliveira (década de 50). Álbum de família

Nesta fotografia a menina está com a mesma roupa da fotografia anterior, o que muda é que está no caixão. É interessante que, de acordo com alguns entrevistados, caixão era algo difícil, contudo quando tratava-se de uma criança, parecia ser mais fácil fazê-lo. O que a criança da fotografia está, foi comprado, mas muitas pessoas enfatizaram que quando morria uma criança, às vezes, pegava-se um objeto de madeira e o transformava em caixão. É uma pena que nem todas as crianças que faleceram no século XX foram fotografadas, como é o caso da filha da senhora Hilda, pois a partir dessas fotografias podemos saber mais sobre os ritos fúnebres das crianças.

Sobre essa questão dos objetos que compunham as cerimônias fúnebres das crianças temos uma fotografia diferenciada, porque a criança foi colocada em um objeto de madeira, e este está em cima de uma mesa. Vejamos:



Fotógrafo não identificado. Álbum de família.

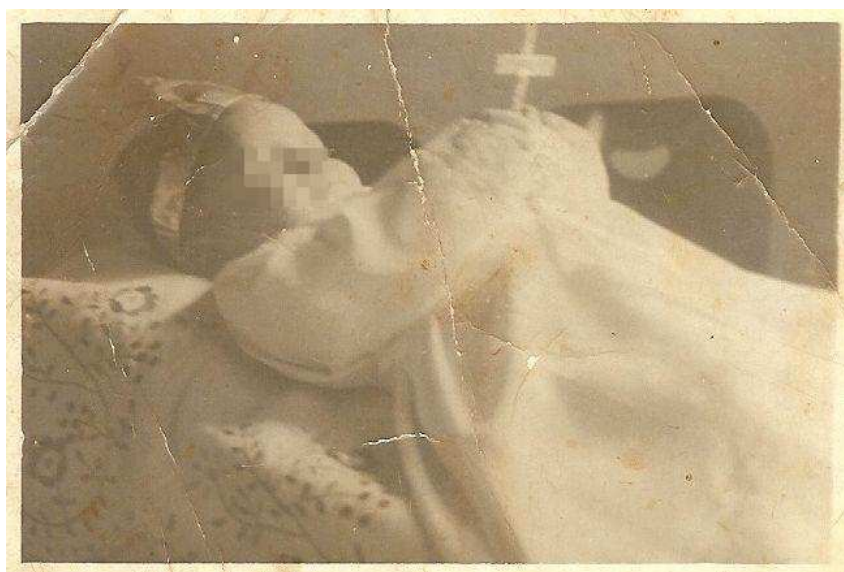
Esta fotografia nos chamou bastante a atenção porque, além do objeto em que a criança foi colocada ser curioso, o cenário para a fotografia também é. Entendemos que devido à precariedade dos equipamentos utilizados para tirar a foto, e de acordo com a senhora Damiana⁷², a qual tivemos uma conversa rápida e informal, o fotógrafo só conseguia tirar a foto se fosse em um lugar com bastante luz, porque se não fosse assim,

⁷² - Esta senhora é uma vizinha a quem procuramos para saber se tinha alguma fotografia de sua filha que morreu ainda criança.

a fotografia não sairia bem. Esta senhora falou que sua filha falecera, mas ela não tinha nenhuma foto porque neste dia o céu estava nublado, e com isso o fotógrafo disse que não tinha como tirar a foto.

Não sabemos o que motivou os familiares desta criança a colocar o corpo num lugar que parece o quintal da casa, mas talvez tenha sido apenas para que o fotógrafo tirasse a foto do anjo. Não sabemos dessa informação porque tivemos acesso a essa fotografia a partir da madrinha da criança que guardara esta lembrança de sua afilhada. Sobre a causa da morte ela disse que teria sido doença, o que era comum na época. Notamos que nesta criança não encontramos tantos enfeites, como por exemplo, não tem coroa, mas sim um manto, e algumas flores.

Uma outra senhora mandou que tirasse algumas fotografias de dois filhos que morreram ainda pequenos, ambos adoeceram e logo faleceram, um em 1961 e o outro em 1970. As fotografias do menino são bem interessantes para pensarmos a religiosidade dos familiares, que além de enfeitar a criança, ainda colocou uma cruz em sua mão:



Fotografia de Ítalo de Paiva (1961). Álbum de família

Essas fotografias nos faz perceber que na segunda metade do século XX, muitas pessoas continuam a acreditar que determinadas práticas são importantes para os últimos instantes. A cruz na mão da criança traz toda uma representação do imaginário cristão, que na segunda metade do século XX parece muito presente entre os brejocruzenses. Vemos que em Brejo do Cruz algumas práticas se mantiveram por

muito tempo, como é o caso da fotografia de anjinho que nos permite identificar a crença das pessoas na vida após a morte e na escatologia cristã.

Mas, como disse Riedl Titus em sua pesquisa sobre o cariri, esse tipo de fotografia nem sempre era tirada por pessoas religiosas, às vezes alguém a encomendava com a intenção de guardar esta última lembrança do ente querido:

Embora tendo sido constatado que a fotografia do memento mori, no Cariri, ocorre sobretudo num contexto católico-cristão, a princípio nada impede que uma pessoa que não esteja inserida neste universo religioso igualmente venha a optar por tirar fotografias dos (seus) mortos. Isto porque o ato pode ser compartilhado e copiado entre familiares, vizinhos e amigos, sem que ocorra um processo de ensino, aprendizagem ou de qualquer outra transmissão claramente intencional (RIEDL, 2002, p. 171).

Então, apesar de notarmos que em muitas dessas fotografias existe representações da religiosidade dos familiares, outras fotografias não trazem os símbolos cristãos. Também existem casos em que as fotografias de anjo são tiradas com os pais, como a foto abaixo:



Fotografia de Ítalo de Paiva (1961). Álbum de família

Esta fotografia é da mesma criança da fotografia anterior, mas agora o destaque não é dado apenas a criança morta, os pais também estão na foto. Ao analisarmos a foto percebemos que os pais olham tristemente para o filho morto. Aqui entendemos que mesmo tendo a certeza da salvação do filho, diferentemente do que Reis identificou nos ritos fúnebres das crianças em Salvador no século XIX, em que a morte das crianças era

vista com positividade, em Brejo do Cruz, na segunda metade do século XX os familiares pareciam sofrer muito com a morte de seus filhos.

A senhora Osana que está na foto acima perdeu dois filhos pequenos, e guarda as fotografias mortuárias de ambos, contudo notamos uma mudança em relação às formas de enfeitar os anjinhos. Na fotografia do menino vemos que nele foi colocado uma coroa, uma cruz em sua mão, foram tiradas mais fotografias (três), já da menina, esses objetos não aparecem, ao invés da coroa, foi colocado um manto, e vemos muitas flores:



Fotografia de Paulo⁷³ (1970). Álbum de família

Assim, comparando as fotografias do menino e da menina vemos uma diferença em relação aos objetos que foram colocados na criança. Talvez tenha ocorrido algumas mudanças nas práticas e representações que levaram os pais a vestirem essas crianças de formas diferentes, já que o menino morreu na década de sessenta e a menina na década de setenta, ou pode ser apenas uma questão de adequar a vestimenta e demais enfeites ao sexo da criança. A mudança de fotógrafo pode ter sido outro fator que contribuiu para que as fotografias ficassem tão diferentes.

Uma outra fotografia que tivemos acesso foi de uma criança que morreu com quatro anos e seis meses de idade, atropelada. Sua mãe que foi uma das senhoras a quem entrevistamos narrou como a criança havia morrido. Ela afirmou que sua filha foi

⁷³ - A mãe da criança só lembrou do primeiro nome do fotógrafo, disse que ele era do Rio Grande do Norte.

atravessar a rua e um jipe a atropelou, o motorista do veículo não prestou socorro, sendo outra pessoa que a levou ao hospital, mas segundo a senhora Lindalva só deu tempo ela chegar ao hospital: *quando eu entrei ela ainda olhou pra mim, tava com o balão na venta, mas também eu entrar que ela olhou assim pra mim, aí morreu. Aí minha Nossa Senhora, eu não sei como eu não endoideci não. Era tão bonitinha, Eliene [...]* .

Percebemos a partir do depoimento da senhora Lindalva o quanto ela sofreu com a morte de sua filha, que morreu prematuramente. Durante a entrevista notamos que ela se emocionou ao falar daquele momento que para ela foi tão trágico. A fotografia que a senhora Lindalva mandou que tirassem é de binóculo, por isso a visualização da imagem não é muito boa. De acordo com esta senhora a fotografia foi tirada na década de setenta, não soube dizer com precisão o ano:



Fotografia de Neto fotógrafo⁷⁴ (década de 70). Álbum de família.

Nesta fotografia já identificamos a presença de mais pessoas, o fotógrafo ou mesmo os familiares não tiveram a preocupação de fotografar apenas o anjo. Os pais estão na foto, são o senhor de camisa branca à esquerda e a mãe esta senhora de vestido rosa, ambos estão olhando para sua filha. A criança está com a coroa, que nos parece um adorno comum na época em Brejo do Cruz. As muitas flores colocadas sobre o seu

⁷⁴ - Como a mãe da criança identificou o fotógrafo, não lembrou do sobrenome.

corpo nos impede de saber qual o tipo de vestimenta e qual a cor que a criança estaria vestida. Um detalhe interessante é a quantidade de gente que aparece na foto. Talvez o fato desse anjinho ter morrido de forma trágica tenha contribuído para que muitas pessoas participassem de seu velório.

Alguns dos entrevistados falaram que não se colocava luto para as crianças, e percebemos nas fotos em que aparecem os pais das crianças que de fato eles não estão vestidos com cores consideradas de luto. A senhora da fotografia acima está com um vestido rosa, o que seria improvável neste tempo, de acordo com alguns entrevistados, num velório de um adulto, sendo esta um familiar próximo.

A maioria das fotografias a que tivemos acesso foram de crianças que morreram das doenças que eram comuns na segunda metade do século XX, apenas duas dessas crianças morreram em outras circunstâncias: a menina da foto acima que foi atropelada e o menino da fotografia abaixo:



Fotógrafo não identificado (década de 60). Álbum de família

A criança da fotografia é filho do senhor Avani Oliveira e da senhora Lenira Vieira, ambos foram entrevistados. Mas algo curioso é que durante a entrevista eles não falaram da morte desse filho. Soubemos através de vizinhos que ela guardava uma fotografia desse filho que faleceu na década de sessenta. Posteriormente procuramos a senhora Lenira e perguntamos sobre esta fotografia, daí ela nos contou a história de

como seu filho havia falecido: ela disse que o menino brincava com outro amigo quando eles encontraram uma arma, depois foram brincar e o amigo disparou a arma, atingindo seu filho. Talvez pelo fato da criança ter morrido dessa forma, a mãe que certamente sofreu muito, evite tocar neste assunto. Contudo, quando falava conosco a respeito da morte de seu filho, a senhora parecia bem tranquila.

Em relação aos detalhes da fotografia, percebemos que o anjo não está muito enfeitado, apesar de ter muitas flores. Mas um detalhe escrito em sua fotografia nos faz perceber a certeza na salvação da criança: *Lenira receba esta simples lembrança de seu filho ressuscitado*, estando assinado por José de Oliveira da Silva. Aqui notamos que trata-se de uma fotografia que não foi encomendada pelos pais da criança, mas por um familiar que mandou tirar para depois dar aos pais.

Não sabemos quais os sentimentos dessa senhora em relação à fotografia do filho, pois não tendo sido encomendada por ela, esta fotografia pode ser vista com uma certa aversão. Às vezes as pessoas guardam esse tipo de recordação, mas não gostam de olhar, em outros casos é uma forma de sempre lembrar da criança. Segundo Vailati:

A 'posse simbólica' da fotografia, que faz dela um substituto ao retratado, além de reforçar as relações familiares (ainda que estas mudem de natureza, deixando de ser 'orgânicas' para se tornarem 'visuais'), ao modificar 'as condições psicológicas da ausência', revela-se um eficaz lenitivo à sensação de perda causada pela distância e, sobretudo, pela morte (VAILATI, 2006, p. 13).

Porém, acreditamos que cada pessoa tem suas maneiras de encarar a morte, de acordo com o que aprenderam durante suas vidas e suas posturas em relação a este tipo de recordação, que não deixa de ser uma recordação da morte, não é diferente.

Algo que nos chamou atenção foi o fato de algumas fotografias do mesmo tempo representarem a criança morta de formas diferentes. Enquanto uma criança é vestida com roupa de santo, com coroa, com muitas flores, outras são vestidas de forma simples. Chegamos a pensar que quanto mais antiga fosse a foto, mais encontraríamos detalhes que eram comuns no século XIX, como a questão da criança ser enfeitada, mas vimos que não era bem assim. A fotografia mais antiga que tivemos acesso é de 1951 e, nela o anjo que tinha apenas um mês, está bem simples:



Fotografia de Ítalo de Paiva (1951). Álbum de família

A imagem não é de boa visualização, mas podemos perceber que a criança não está muito enfeitada, apenas algumas flores foram colocadas. Enquanto fotografias da década de sessenta e setenta os anjinhos pareciam bem mais enfeitados. Diante disso, notamos que não foi apenas o tempo que influenciou nas formas como os anjinhos eram vestidos e enfeitados, mas também fatores econômicos, pois às vezes a falta de algum material para fazer a coroa, ou mesmo como enfatizaram muitos dos entrevistados as dificuldades que grande parte das pessoas que moravam na zona rural passava, pode ter contribuído para que o anjo fosse fotografado de forma simples. Questões relacionadas à crença das pessoas também deve ser levadas em consideração.

A última fotografia é de uma criança que faleceu na década de oitenta. A criança tinha apenas 11 meses quando morreu. Esta fotografia nos traz muitas recordações, por se tratar da fotografia mortuária de minha irmã. Lembro-me que quando criança ao olhar o álbum de família, no final tinha a fotografia de minha irmã morta. Vejamos como era esta fotografia:



Fotografia de Flávio Alves (1984). Álbum de família

A fotografia representa o anjinho vestido com um manto e coberto com muitas flores. O que nos chama a atenção nesta fotografia é que o cenário não é fácil de ser decifrado. Sabemos que a fotografia foi tirada no quintal da casa da senhora Maria do Céu. Quando era criança me lembro que mostrava esta fotografia às minhas amigas e todas ficavam assustadas, pois diziam que parecia que a criança estava no céu. Com isso, entendemos que o retrato da criança parecia algo sobrenatural.

Talvez, por estarmos acostumadas com fotografias de melhor qualidade, quando nos deparamos com este tipo de fotografia nossa imaginação desperte para vir à tona o que aprendemos a construir enquanto representações da morte. A fotografia, por se tratar de uma representação, está passível de mais de uma interpretação. Então, se algumas crianças viam esta fotografia e logo entendiam que era uma criança no céu, outra pessoa pode simplesmente ver a criança morta num cenário meio difícil de ser decifrado. Percebemos que o caixão foi inclinado, assim, entendemos que pode ter sido intenção do fotógrafo colocar a criança em uma posição e lugar que provocasse curiosidade nas pessoas ou mesmo despertando sua imaginação para pensar qual seria aquele lugar, aparentemente tão enigmático.

Portanto, vimos neste capítulo que a morte das crianças era encarada de forma específica. As crianças que morriam, muitas vezes, passaram a ser vistas como anjos protetores. Às vezes esta crença era algo restrito à família, em outros casos menos comuns, por grande parte da comunidade. A partir da análise das fotografias percebemos que até fins do século XX esses pequenos eram enfeitados, o que nos faz

pensar que as pessoas pareciam ligadas ao imaginário da escatologia cristã, porque os enfeites colocados nas crianças estavam carregados de intencionalidades. O que nos parece ser a principal intenção dos pais é preparar a criança para que esta entrasse na corte celeste com os trajes adequados. Nem todas as crianças estavam enfeitadas, mas em quase todas temos indícios de que o destino de salvação da criança era uma certeza, seja devido à vestimenta e outros adereços colocados no anjo, seja a partir de alguma mensagem escrita no verso da fotografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os rituais da morte são pensados e vivenciados de formas distintas, eles variam de acordo com o tempo e espaço nos quais as pessoas estão situadas. Neste trabalho voltamos nosso olhar para a cidade de Brejo do Cruz- PB, buscando perceber as transformações que ocorreram nas práticas e representações ligadas à morte durante o século XX. Tendo como base alguns trabalhos que trataram de outras sociedades e tempos, nos foi possível notar que em Brejo do Cruz, algumas práticas que estes autores localizaram no século XIX, permaneceram nesta cidade durante o século XX.

Os relatos orais foram fontes fundamentais para entendermos como eram realizados os ritos fúnebres e quais representações da morte eram comuns durante o século XX. No primeiro capítulo enfatizamos as dificuldades enfrentadas pelas pessoas mais pobres, principalmente as que moravam na zona rural para realizar os rituais fúnebres, destacando a grande importância que essas pessoas atribuíam à realização desses ritos.

Percebemos que, até meados do século XX, as pessoas vão estar preocupadas com os últimos instantes do morto, dando muita importância à presença do padre, ou mesmo de alguém que soubesse rezar, pois sentiam que era necessário determinadas práticas para que o moribundo, chegada a hora da morte, pudesse descansar em paz. Dentre essas práticas estavam: rezas, colocar a vela, estar em casa, rodeado de familiares e amigos (morte domesticada), uma vestimenta adequada (mortalha), missas, etc.

Essas práticas eram vistas como importantes para que a alma do falecido não ficasse penando. É curioso que alguns idosos falaram durante as entrevistas de histórias de almas penadas, em alguns casos afirmando que eles vivenciaram essa experiência, ou falando de alguém conhecido que teria passado por tais situações.

Neste primeiro capítulo também nos foi possível perceber como os idosos entendem a morte, a maioria deles demonstrou coragem para enfrentar seus últimos instantes, destacando que quando a morte se aproxima nada pode ser feito para evitá-la. Alguns até aproveitaram o momento da entrevista para dizer como desejava que fosse seu rito fúnebre.

Percebemos como as pessoas idosas pensam a morte e os rituais fúnebres de uma maneira diferente dos jovens. E quando o assunto é o luto, então os idosos estão sempre reclamando da falta de respeito dos mais jovens por não seguirem as regras de luto que eram tão comuns no tempo de sua juventude. Já os jovens dizem que o luto é sentimento e que por isso não é necessário seguir tantas regras.

Para nós, historiadores, o não cumprimento dessas regras não é entendido como uma falta de respeito dos jovens, nem tampouco ignoramos esse desejo dos idosos em preservar práticas que eles aprenderam a valorizar, pois essas representações da morte e dos mortos que os idosos e jovens construíram estão ligadas ao que eles aprenderam durante suas vidas.

Notamos que as transformações das práticas e representações da morte vão se acentuar a partir da década de oitenta. O ritual de morte que antes era marcado pela preocupação com a vida após a morte, sofre modificações, se voltando posteriormente para a homenagem ao morto. Assim, entendemos que as pessoas não passaram a silenciar a morte (morte interdita), mas criaram novas maneiras de manifestar seus sentimentos. Não podemos negar que a morte na sociedade contemporânea não é um assunto visto como agradável, mas ainda existem situações em que os sentimentos são manifestados.

Destacamos como as famílias vão tentar das mais variadas maneiras homenagear seus mortos. Para isso vão fazer muitas mensagens falando da falta que aquele que morreu deixou, de suas qualidades de bom cristão, e mesmo que a ênfase seja dada ao morto, não deixa-se de falar em uma outra vida. Entendemos que as homenagens aos mortos também passam a ser mais valorizadas a partir da década de oitenta por causa da comercialização da morte. Atualmente, o mercado funerário é bastante diversificado, ao mesmo tempo notamos a criatividade das pessoas, que muitas vezes homenageiam seu ente querido com uma simples mensagem que pode ser escrita pelo próprio familiar.

Também é importante enfatizar que a partir dos anos oitenta tornou-se mais comum encomendar os santinhos, pois houve um barateamento desses produtos. Os serviços oferecidos pelas funerárias tornou-se mais acessível, e mesmo quando as pessoas não tem o dinheiro para a realização dos funerais, o prefeito se encarrega desse problema. Tudo isso nos faz entender os idosos quando estes afirmam que *hoje em dia é tudo mais fácil*.

Contudo, percebemos em momentos das entrevistas que alguns idosos se sentem incomodados com os serviços das funerárias, parece haver uma desconfiança, pois eles aprenderam que eram os familiares e amigos quem se encarregavam de organizar as cerimônias fúnebres, e antes, sendo a maioria das pessoas muito pobres, os velórios eram organizados com os objetos que tinham em casa, a vestimenta, muitas vezes, feita por pessoas conhecidas. Todas essas modificações parecem estranhas para os idosos.

Também procuramos entender as várias representações construídas em torno do espaço do cemitério e como as pessoas tem se apropriado deste espaço. O cemitério encontra-se lotado e muito desorganizado, não existe um padrão de sepultura, por isso, estão amontoadas. Enquanto em outras cidades do nordeste, existem várias opções de cemitérios, em Brejo do Cruz existe apenas um. Neste cemitério observamos uma grande variedade de sepulturas, umas muito grandes e bem cuidadas, outras prestes a desaparecer.

Vimos que o cemitério é visto como espaço propício para fazer promessas, para homenagear os mortos, para diminuir a saudade dos entes que faleceram. Para algumas pessoas esse espaço é entendido como assustador, ameaçador, já que estando nele a morte fica mais evidente. Alguns idosos disseram que não sentem medo algum de ir ao cemitério, seja em que horário for. Assim, as representações acerca deste espaço são diversificadas.

A morte das crianças foi um outro aspecto tratado neste trabalho. Procuramos entender as especificidades dos ritos fúnebres infantis. Os idosos enfatizaram que os ritos das crianças eram marcados por muito choro e apenas para os meninos e meninas cantavam as incências. Alguns idosos animaram-se ao falar dos velórios das crianças, afirmando que os anjinhos eram vestidos de forma diferente (enfeitados), o que notamos a partir da análise de algumas fotografias mortuárias. As fotografias mortuárias não eram muito comuns, os idosos disseram que antes morriam muitas crianças, mas era difícil um fotógrafo, por isso muitas pessoas que perderam seus filhos pequenos, não guardam nenhuma recordação.

Percebemos que as práticas e representações construídas para a morte na cidade de Brejo do Cruz tem passado por muitas alterações, mas ao mesmo tempo os idosos desejam manter as práticas que aprenderam a valorizar, isso gera uma inquietação nos idosos que aos poucos vão notando que as práticas que para eles eram tão importantes e

necessárias para a salvação dos entes queridos, estão desaparecendo. Então, para que estas práticas e representações sejam registradas deixamos o nosso trabalho, que não tem a pretensão de ser único, pois sabemos que ainda há muito que ser pesquisado sobre a morte.

FONTES

1. Fontes Orais:

Avanir Oliveira. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Delzuite Silvestre da Silva. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Expedito Filgueiras. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Francisco Cardoso. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Francisco Ferreira da Silva. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Francisca Dutra. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Hilda Costa. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Inácia Honorina. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Lenira Vieira. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Lindalva Cunha. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Maria Aranha. Entrevista realizada em Janeiro de 2010. Brejo do Cruz-PB.

Maria do Céu Linhares. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Maria Targino Fernandes. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Manoel Alves. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Rita Linhares. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Rita Linhares. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

Sebastiana Pereira Santiago. Entrevista realizada em janeiro de 2012. Brejo do Cruz-PB.

2. Testamentos:

GUIMARÃES, Francisca Batista. Testamento. Brejo do Cruz/ Vila de Brejo do Cruz, 1925. (Documento manuscrito de 16 de Junho de 1925, sob a guarda do Cartório Rodrigues, Brejo do Cruz).

LIMA, José Luíz de Figueiredo. Testamento. Brejo do Cruz/ Vila de Brejo do Cruz, 1921. (Documento manuscrito de 15 de Julho de 1921, sob a guarda do Cartório Rodrigues, Brejo do Cruz).

PIMENTA, Vicente Alves Fernandes. Testamento. Brejo do Cruz/ Vila de Brejo do Cruz, 1915. (Documento manuscrito de 16 de Fevereiro de 1915, sob a guarda do Cartório Rodrigues, Brejo do Cruz).

3. Fontes iconográficas:

Acervo particular da autora

Acervo particular de Hilda Costa

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Solange Ramos de. “O Culto aos Santos: a Religiosidade Católica e seu Hibridismo”, in: **Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH**, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em Junho de 2012.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Somos as águas puras**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

CASCUDO, Luis da Camara. **Dicionário do Folclore brasileiro**, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CATROGA, Fernando. Introdução. In: **O Céu da memória: Cemitérios românticos e culto cívico dos mortos em Portugal**. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 09-37.

_____. Os funerais civis. In: **O Céu da memória: Cemitérios românticos e culto cívico dos mortos em Portugal**. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 139-261.

_____. Natureza, Eternidade e História. In: **O Céu da memória: Cemitérios românticos e culto cívico dos mortos em Portugal**. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 293-314.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 13 .ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 1988, p. 13-28.

DAMATTA, Roberto. Morte: a morte nas sociedades relacionais: reflexões sobre o caso brasileiro. In: **A Casa & A Rua**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991, p. 143-170.

DELUMEAU, Jean. O historiador em busca do medo. In: **História do medo no Ocidente, 1300-1850**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 11-37.

DUBY, Georges. O prazer do historiador. In: **Ensaio de ego-história**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Seguido de "Envelhecer e morrer". Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

FALCON, Francisco José Calazans. História Cultural ou História da cultura?. In: **História Cultural**: Uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 57-71.

_____. História da cultura e História cultural. In: **História Cultural**: Uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 73-78.

FURTADO, Júnia Ferreira. A morte como testemunho da vida. In: Pinsky, Carla Bassamezi; De Luca, Tânia Regina. (org). **O historiador e suas fontes**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 93-115.

FREIRE, Milena. (2005). Isolamento e Sociabilidade no luto: a formação de redes sociais no ambiente cemiterial. Disponível em:< WWW.revistaredes.rediris.es/webredes/arsrosario/01-Freire.pdf>. Acesso em: Agosto de 2012.

GALVÃO, Raimundo Ferreira. **Brejo do Cruz: fragmentos para sua história**. Brejo do Cruz: Prefeitura Municipal de Brejo do Cruz, 1988.

GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. **Jazigo perpétuo** (ou observações muito vivas acerca da morte). Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Campina Grande, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes históricas como fonte. In: **Fontes históricas**. PINSK, Carla Bassanezi (org). São Paulo: Contexto, 2010, p. 09-21.

JURKEVICS, Vera Irene. “**Os Santos da Igreja e os Santos do Povo**: devoções e manifestações de religiosidade popular”. Tese. (Doutorado em História) – Curitiba: UFP, 2004.

KARNAL, Leandro e TASTCH, Flávia Galle. A memória evanescente. In: **O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2011, p. 09-24.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção**: o Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAPA, José Roberto do Amaral. A mudança dos mortos. In: **A Cidade: O Canto e os Antros – Campinas 1850-1900**. São Paulo:UNICAMP, 2008, p. 309-336.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Marinalva Vilar de. **Loas Que Carpem**: A Morte na Literatura de Cordel. 2003, 208p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº.2, 1996, p. 73-98.

MEDEIROS, Katianne Silva de. **Faces da morte**: Imagens e rituais funerários no Seridó. Caicó. 2002. 52 p. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MONTES, M. L. A. . As Figuras do Sagrado: Entre O Público e O Privado. In: **História da Vida Privada**. SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, V. IV, p. 63-171.

NÓBREGA, Elisa Mariana Medeiros. **Retalhos de um corpo santo**: a construção da Cruz da Menina (1923-1995). 2000. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

Oliveira, Delanice Ribeiro de. **Brejo do Cruz: sua história e sua gente**. João Pessoa: FUNESC, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Número 4-2004, disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document229.html>. (a)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUEIROZ, M. I. P. O catolicismo rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 5, p.103-123, 1968.

REIS, J. J. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIEDL, Titus. **Últimas Lembranças:** retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2002.

RODRIGUES, Cláudia. A sepultura eclesiástica em questão. In: **Nas fronteiras do além:** a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 149-188.

_____. Em torno do enterramento civil. In: **Nas fronteiras do além:** a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.199-245.

_____. Em torno da secularização: uma lição que foi esquecida. In: **Nas fronteiras do além:** a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.309-353.

RODRIGUES, Cláudia. Visões de morte e do além-túmulo. In: **Lugares dos mortos na cidade dos vivos:** tradições e transformações fúnebres na Corte. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca, 1997, p. 149-167.

_____. Da morte ao morto: costumes fúnebres na corte. In: **Lugares dos mortos na cidade dos vivos:** tradições e transformações fúnebres na Corte. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca, 1997, p. 173-244.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. In: **Sociologia da religião:** enfoques teóricos. TEIXEIRA, Faustino (org.). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. **Saeculum-** Revista de História, João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, nº 18, Jan/Jun. 2008.

VAILATI, Luiz Lima. **A morte menina:** infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

_____. 2006. As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. V.14 (n.2), Jul-dez., p. 51-71.

VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a História.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Michel. Lugares e ritos fúnebres desde o século XIX até os nossos dias. In: **Imagens e Imaginário na História.** Editora Ática: São Paulo, 1997, p. 349-365.

_____. Conclusão. In: **As Almas do Purgatório, ou, trabalho de luto.** São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 321-327.

ZIEGLER, Jean. Morrer em casa, morrer no hospital. In: **Os vivos e a morte:** uma sociologia da morte no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1977. p. 149-253.

ANEXOS:

ORAÇÃO PARA JOÃO CARLOS

João Carlos, peça a Jesus Cristo, por mim, miserável pecadora: Pelo enorme peso de sua cabeça; pela paralisia de suas pernas; pelas dores imensas de seu corpo; pela cegueira de seus olhos; pela dor intensa de seu coração.

Enfim, pela agonia de sua morte, retirei esta agonia estomacal que tanto me agoniza, fazendo-me vomitar.

Rezarei 7 (sete) Pai nossos; 7 (sete) Ave Marias; 7 (sete) Glória ao Pai, pela conversão dos pecadores, principalmente seu pai, que não tem religião.

“Reze e faça seu pedido hoje e sempre”.

Catolé do Rocha-Pb, 21 de Abril de 1970.

Transcrito em 05 de Agosto de 2008.

Hilda Costa

